



FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A TELESCOLA PERSPETIVAS DE MONITORES

RAQUEL ALEXANDRA CARVALHO BARROS

Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia na Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Matemática

**LISBOA
2012**

Orientador: PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MANUEL LEONARDO DE MATOS

A TELESCOLA
PERSPETIVAS DE MONITORES

COPYRIGHT

A Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

A execução desta investigação só foi possível devido ao apoio e à colaboração de diversas pessoas e entidades.

Saliento a importância dos valiosos contributos que deram para o desenvolvimento do estudo:

- O Professor Doutor José de Matos, meu orientador, sempre disponível no acompanhamento científico, pedagógico e investigativo, promotor incondicional da reflexão colaborativa e crítica, atributos que foram decisivos na realização deste trabalho;
- A Professora Mária Almeida pelos documentos e conselhos fornecidos, que se revelaram de extrema importância na realização deste estudo;
- Os colegas do mestrado que acederam a trocar ideias, saberes e experiências;
- O meu coordenador do Departamento de Matemática da escola onde sou docente, Professor Bernardino Jorge, pelas suas questões e sugestões, que me incentivaram a concretizar esta investigação, e pela sua compreensão, tendo-me proporcionado alguma flexibilidade, de modo a poder comparecer a algumas reuniões na faculdade;
- As antigas monitoras que participaram no estudo, pela disponibilidade e pelo empenho que demonstraram;
- E, por fim, a minha família, cujo apoio foi fundamental para a concretização do estudo, em especial, a minha filha e o meu companheiro, que me proporcionaram entendimento e um estímulo permanentes, compreendendo sempre a minha ausência, inclusive em fins-de-semana e feriados.

RESUMO:

Em Portugal, o uso sistemático de uma nova tecnologia no contexto da educação formal e um primeiro passo para um novo conceito de educação surgiu com a Telescola. A sua implementação constituiu um modo de ultrapassar a falta de professores necessários para pôr em prática a escolaridade obrigatória que passara, em 1964, de 4 para 6 anos. A sua necessidade esteve também relacionada com a pretensão de diminuir as assimetrias no desenvolvimento regional e proporcionar a igualdade de acesso ao ensino a todos os jovens que compunham o país. Desde que surgiu, a Telescola foi mudando a sua designação, passando de Curso Unificado Telescola (CUT) para Ciclo Preparatório TV (CPTV) e terminando com a designação de Ensino Básico Mediatizado (EBM). Em junho de 2002 foi anunciado que, a partir do ano letivo 2002/03, iria proceder-se à extinção das escolas do EBM.

Este trabalho pretende estudar as práticas escolares da Telescola, através das vivências de algumas monitoras, e de inventariar materiais por elas disponibilizados. A metodologia de investigação utilizada é de índole qualitativa. Para atingir esses objetivos foram realizadas entrevistas e analisados diversos documentos.

Esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, descreve-se a pertinência deste estudo, o contexto do problema, os objetivos e questões de investigação e a estrutura da tese. No segundo capítulo deste trabalho, através de documentos oficiais, faz-se a descrição da origem da Telescola e do seu percurso ao longo dos anos da sua existência. Seguidamente apresenta-se o seu percurso, desde o Curso Unificado da Telescola até ao Ensino Básico Mediatizado. Aborda-se, segundo documentos oficiais, a estrutura curricular do CUT, a metodologia de ensino, os postos de receção, o papel dos monitores e orientadores pedagógicos e a avaliação dos alunos. Realiza-se, também, uma análise curricular à matemática ensinada na Telescola e, para finalizar, foca-se a sua extinção. No terceiro capítulo, é descrita a metodologia adotada na concretização deste estudo, tendo-se recorrido à realização de entrevistas a antigas monitoras e à inventariação de todos os materiais recolhidos, a investigação qualitativa, a qual será analisada com algum detalhe. No quarto capítulo, analisam-se as práticas letivas através do contributo das monitoras, tendo em conta as experiências descritas, focando, especialmente, a necessidade de implementação deste tipo de ensino, a formação exigida aos monitores, a orientação prestada aos mesmos, as aulas através da TV, os materiais, as dificuldades de implementação deste tipo de ensino e a avaliação dos alunos. Para finalizar, no quinto capítulo, analisam-se os resultados deste trabalho e apresentam-se sugestões para futuras investigações.

Palavras-chave: Telescola, Ensino pela Televisão, Tecnologia Educativa, Inovação Educativa.

ABSTRACT:

In Portugal the systematic use of new technology in the context of formal education, and a first step towards a new concept of education emerged with Telescola. Its implementation was a way to overcome the lack of teachers needed to implement compulsory education which passed in 1964, from 4 to 6 years. Their need was also related to the claim of reducing disparities in regional development and provide equal access to education for all young people who made up the country. From its birth, the Telescola has changed its name various times, from Curso Unificado da Telescola (CUT), to Ciclo Preparatório TV (CPTV) and ended with the name of Ensino Básico Mediatizado (EBM). In July 2003 it was announced that from the academic year 2003/04, the extinction of the schools of EBM would begin.

This work intends to study the school practices in Telescola through the experiences of some monitors' inventory and materials provided by them. The research methodology used is qualitative in nature. To achieve these goals, interviews were conducted and various documents analyzed.

This work is organized in five chapters; the first chapter describes the relevance of the study, the context of the problem, objectives and research questions and the structure of the thesis. In the second chapter of this study, through official documents, there will be a description of the origin of Telescola and its journey through the years of its existence. Thereafter, a description will be made from the Curso Unificado da Telescola to Ensino Básico Mediatizado. The curricular structure of the CUT, the teaching methodology, the posts of reception, the role of monitors and mentors and student assessment will also be addressed, according to official documents. There will also be an analysis of the mathematics curriculum taught in Telescola and to end up, we will refer to their extinction. The third chapter will describe the methodology that resorted to interviewing the old monitors and an inventory of all materials collected, qualitative research, which will be analyzed in some detail. In the fourth chapter, the teaching practices will be analyzed through the contribution of the monitors, taking into account the experiences described. Emphasis is given to: the need to implement this type of education, the training required to monitors, the guidance provided to monitors, the school through the TV, the materials, the difficulties of implementing this type of teaching and student evaluation. Finally, in the fifth chapter, we will describe the results of this work and finish this work, with suggestions for future research.

Keywords: Telescola, Teaching by Television, Educational Technology, Educational Innovation.

INDICES

ÍNDICE DE MATÉRIAS

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	III
Abstract.....	V
Índice de Matérias.....	VII
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Tabelas.....	XIII
Siglas Utilizadas.....	XV

CAPÍTULO I.....1

INTRODUÇÃO1

1.1. Pertinência do estudo.....	1
1.2. Contexto.....	2
1.3. Objetivos e questões de investigação.....	3
1.4. Estrutura da Tese.....	3

CAPÍTULO II.....5

A TELESOLA.....5

2.1. Origem da Telescola.....	6
2.2. Do CUT até ao EBM.....	11
2.2.1. Curso Unificado da Telescola.....	11
2.2.2. Ciclo Preparatório TV.....	13
2.2.3. Ensino Básico Mediatizado.....	16
2.3. A Disciplina de Matemática.....	18
2.4. Estrutura Curricular do CUT.....	19
2.5. Metodologias de Ensino.....	20
2.6. Postos de Receção.....	22
2.7. Monitores.....	27
2.8. Assistentes e Orientadores Pedagógicos.....	31
2.9. Alunos e sua Avaliação.....	33
2.10. Extinção.....	38

CAPÍTULO III.....39

QUADRO METODOLÓGICO.....39

3.1. Investigação de natureza interpretativa.....	39
3.2. Características da metodologia de investigação qualitativa.....	40
3.3. Métodos de recolha de dados.....	41
3.3.1. Observação.....	41

3.3.2. Inquérito.....	42
3.3.3. Análise documental.....	43
3.4. Processo de recolha de dados.....	44
3.5. Participantes do estudo.....	44
CAPÍTULO IV	49
CONTRIBUTO DOS MONITORES.....	49
4.1. Necessidade de implementação da Telescola.....	49
4.2. Início da Carreira enquanto monitor.....	55
4.3. Orientação dos monitores.....	56
4.4. Aulas através da Televisão.....	62
4.5. Materiais.....	71
4.6. Dificuldades de implementação do método de ensino.....	74
4.7. Avaliação dos alunos.....	81
CAPÍTULO V	87
CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
ANEXOS	
Anexo 1 – Guião da entrevista.....	94
Anexo 2 – Testemunho 1 (Isabel Cardoso).....	96
Anexo 3 – Testemunho 2 (Maria de Lurdes Filipe).....	103
Anexo 4 – Testemunho 3 (Maria Carolina Perdigão e Célia Maria Patuleia).....	107
Anexo 5 – Testemunho 4 (Maria Célia Fonseca e Maria de Fátima Fonseca).....	114
Anexo 6 – Testemunho 5 (Maria da Natividade Perdigão e Zita Maria Silva).....	122
Anexo 7 – Testemunho 6 (Maria Marques Veiga).....	127
Anexo 8 – Listagem dos materiais cedidos pelas monitoras entrevistadas.....	132
Anexo 9 – Manual de Francês – 2º ano – CPTV/TELESCOLA (1975).....	135
Anexo 10 – Manual de Iniciação à Língua Francesa – 1º ano II – CPTV (posterior a 1974)....	135
Anexo 11 – Manual de Estudos Sociais – 1º ano II – CPTV/ITE (posterior a 1974).....	136
Anexo 12 – Manual de Educação Religiosa – 1º ano II – CPTV/ITE (posterior a 1974).....	137
Anexo 13 – Manual de História e Geografia de Portugal – 1º ano 2 – CPTV7telescola – Editorial Aster (data desconhecida).....	138
Anexo 14 – Sem Título – folhas agraphadas destinadas à Orientação dos monitores – Matemática – 5º ano (1988/89).....	139
Anexo 15 – Sem título – folhas agraphadas destinadas à Orientação dos Monitores – Matemática – 6º ano (1988/89).....	140

Anexo 16 – Boletim de Orientação de Monitores – Ciências – Gabinete do CPTV (1990).....	141
Anexo 17 – Manual de Língua Portuguesa Selecta – 5º ano – EBM (1993/94).....	142
Anexo 18 – Livro do Aluno – 5º ano – Matemática – EBM (1966).....	143
Anexo 19 – Livro do Manual – 6º ano – Matemática – EBM (2002).....	144
Anexo 20 – Língua Estrangeira – Francês – Livro do Aluno – 6º ano – 3º Período (1998).....	145
Anexo 21 – Ficha de Avaliação Sumativa - Matemática – 31 de Março de 1992.....	146
Anexo 22 – Sugestão de Correção da Ficha de Avaliação Sumativa – Matemática – 31 de Março de 1992.....	149

INDICE DE FIGURAS

- 3.1 Foto de um antigo posto de recepção
- 3.2 Foto de uma turma a assistir à emissão
- 3.3 Evolução do número de postos do EBM
- 3.4 Evolução do número de turmas do EBM
- 3.5 Evolução do número de alunos do EBM
- 3.6 Evolução do número de professores do EBM

INDICE DE TABELAS

3.1. Síntese de caracterização do EBM, postos oficiais e particulares

SIGLAS UTILIZADAS

CPES - Ciclo Preparatório do Ensino Secundário

CPTV – Ciclo Preparatório TV

CUT – Curso Unificado da Telescola

EBM - Ensino Básico Mediatizado

GAT – Grupo de Avaliação da Telescola

IMAVE - Instituto de Meios Audiovisuais

ITE – Instituto de Tecnologias Educativas

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OECE – Organização Europeia de Comunicação Económica

PRM – Projeto Regional do Mediterrâneo

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A Telescola surgiu em Portugal na década de sessenta. No presente capítulo, abordaremos a pertinência do estudo realizado, o contexto do problema, apresentaremos os objetivos e as questões de investigação e, por fim, referimos a estrutura da tese.

1.1. Pertinência do estudo

Assistimos já a sucessivas mudanças de configuração do sistema educativo português. As escolas foram afetadas pela ação de uma profunda e rápida mudança social. A passagem de um sistema educativo elitista a um outro de educação mais alargada não só alterou o número de alunos, como levou a complexos problemas de qualidade. Esta situação fez com que os professores viessem a enfrentar grupos de alunos realmente muito diferentes entre si.

Numa turma heterogénea, o professor tem de trabalhar com alunos de diferentes níveis de aprendizagem e com diferentes atitudes e interesses. Esta situação exige dos professores uma nova forma de pensar em educação e a introdução de mudanças metodológicas inovadoras, que utilizem as tecnologias de informação e comunicação, e que evoluam em direção a uma forma de agir construtivista.

São muito recentes os normativos nacionais que seguem estas reflexões. No ano de 2007 surge o *Plano Tecnológico da Educação* (2008) afirmando que “o desenvolvimento de competências, nos alunos e professores, em tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a sua integração transversal nos processos de ensino e de aprendizagem tornam-se objetivos incontornáveis dos sistemas de ensino... É essencial valorizar e modernizar a escola, criar as condições físicas que favoreçam o sucesso escolar dos alunos e consolidar o papel das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) enquanto ferramenta básica para aprender e ensinar nesta nova era.” (Plano Tecnológico da Educação: Diário da República, 1ª série, N.º 180 - 18/09/2007, p.6564).

A Telescola foi uma das primeiras modalidades de ensino aplicadas no nosso país que tomava partido das, consideradas na época, novas tecnologias educativas. Era um sistema de ensino utilizando a televisão, que arrancou em Portugal a 25 de outubro de 1965, com programação difundida pelos estúdios da Radiotelevisão Portuguesa do Monte da Virgem, no Porto. Os alunos eram acompanhados nos postos de receção por monitores. A intenção era permitir-lhes o cumprimento da escolaridade obrigatória, na altura de 6 anos. Os últimos dois anos da escolaridade obrigatória poderiam ser cumpridos pelas duas tradicionais vias de escolaridade pós-primária, o ensino técnico elementar e o 1º ciclo dos liceus, a que se juntou, em 1964, aquando do alargamento da escolaridade obrigatória, uma terceira via, o ciclo complementar do ensino primário.

A nível geográfico, a Telescola pretendia servir as zonas rurais isoladas e zonas suburbanas com escolas superlotadas. Esta modalidade de ensino surgiu como uma solução

provisória a suprimir a prazo razoável, mas na realidade esteve ao serviço dos portugueses durante 40 anos. Ao longo dos anos, a Telescola foi mudando a designação do inicial Curso Unificado Telescola (CUT), para Ciclo Preparatório TV (CPTV) e, posteriormente, Ensino Básico Mediatizado (EBM). Antes do EBM, para além dos alunos matriculados, toda a população tinha acesso através da televisão às emissões que ocupavam parte da programação da tarde da RTP.

No início da década de 70, a reforma do ensino ditou o alargamento da escolaridade obrigatória para oito anos. Nos casos em que não fosse possível proporcionar ensino direto aos alunos, este podia ser substituído pela Telescola. Na década de 80, com a chegada e vulgarização dos videogravadores, a Telescola deixou de ser transmitida pela televisão, libertando, assim, essas horas para outros programas. Os conteúdos apresentados nas videocassetes tinham um complemento de informação prestado por um tutor. Já na década de 90, o recurso às novas tecnologias e à multimédia levou a que o ensino a distância passasse a funcionar em simultâneo como forma complementar do ensino regular e como modalidade alternativa da educação escolar. Nesta altura, já se dirigia principalmente a quem não se encontrasse na idade normal de frequência da escola. Em 2001/02 havia cerca de 5200 alunos inscritos no EBM, com uma taxa de sucesso na ordem dos 90 por cento. Em junho de 2002 foi anunciado que, a partir do ano letivo 2002/03, iriam começar a ser extintas as escolas do EBM, na altura cerca de 320, dedicadas ao ensino do 5.º e 6.º ano.

Quem sabe se para proporcionar aos nossos alunos um melhor desempenho escolar, nós, professores, não teremos de rever os métodos utilizados nas salas de aula e não nos tenhamos de debruçar novamente sobre o método de ensino utilizado na Telescola. O trabalho apresentado pretende ser a reflexão sobre possíveis caminhos a percorrer com o intuito de melhorar o processo educativo e, como tal, proporcionar um melhor desempenho escolar dos alunos.

1.2. Contexto

Pela recolha de informação conseguida através da análise de documentação diversa e das entrevistas realizadas a antigos monitores, retrocede-se até aos anos sessenta, contextualizando em termos históricos e sociais o subsistema de ensino da Telescola, que utilizava recursos audiovisuais. O seu objetivo principal consistia em diminuir as assimetrias do desenvolvimento regional, já que muitos jovens não tinham acesso ao ensino, devido à falta de condições económicas dos seus pais e por se encontrarem a consideráveis distâncias das escolas.

O programa do CUT era equivalente ao do Ciclo Preparatório do Ensino Técnico, mas integrando a disciplina de Francês. O acompanhamento dos alunos do CUT nos postos de receção era feito por monitores, que podiam ter como habilitação mínima o ciclo complementar do ensino liceal, que correspondia ao 11º ano atual. Apresentou-se como uma via de ensino dirigida essencialmente às populações não urbanas.

Os monitores tiveram um papel muito importante durante o funcionamento da Telescola. Eram os responsáveis pelo bom funcionamento dos postos de receção, locais onde funcionavam as aulas, bem como pela comunicação entre o seu posto e a Telescola. Eram também responsáveis pela normalidade dentro e fora da sala de aula. Recebiam formação antes e durante o ano letivo, sobre as quais redigiam relatórios que enviavam para serem avaliados.

Pretendia-se que os métodos de ensino fossem semelhantes em todos os postos de receção. Para tal, foram elaborados diversos documentos de orientação a distribuir pelos monitores, para que todos trabalhassem da mesma forma. Os monitores tinham, assim, orientações rígidas. Todos os alunos que frequentavam este tipo de ensino encontravam-se a realizar o mesmo tipo de tarefas, a trabalhar os mesmos conteúdos e nos mesmos dias, ainda que em postos de receção diferentes.

A disciplina de Matemática estava organizada em duas fases, a emissão e a exploração. Na parte da emissão, que tinha uma duração de 20 minutos, o monitor assistia à aula, tal como os discentes (nos primeiros anos em direto, mais tarde em diferido e, por fim, já em videocassete). Na parte da exploração, o monitor esclarecia as dúvidas aos alunos e orientava as propostas de trabalho elaboradas pelos professores da Telescola.

1.3. Objetivos e Questões da Investigação

Através deste trabalho, pretende-se estudar práticas escolares na Telescola através das vivências testemunhadas por algumas monitoras. Pretende-se, em particular:

1) recolher e analisar aspetos específicos relacionados com estas práticas e responder às seguintes questões:

- a) Qual a opinião sobre a necessidade da implementação da Telescola?
- b) Como foi o início da carreira enquanto monitor?
- c) Como decorreram as ações de orientação dos monitores?
- d) De que forma se processaram as emissões, os materiais, o currículo e a avaliação?
- e) Quais as dificuldades de implementação do método de ensino?

2) inventariar material fornecido por estas participantes.

1.4. Estrutura da Tese

Esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, descreve-se a pertinência deste estudo, o contexto do problema, os objetivos e questões de investigação e a estrutura da tese.

No segundo capítulo deste trabalho, através de documentos oficiais, faz-se a descrição da origem da Telescola e do seu percurso ao longo dos anos da sua existência. Seguidamente apresenta-se o seu percurso, desde o Curso Unificado da Telescola até ao Ensino Básico Mediatizado. Aborda-se, segundo documentos oficiais, a estrutura curricular do CUT, a

metodologia de ensino, os postos de receção, o papel dos monitores e orientadores pedagógicos e a avaliação dos alunos. Realiza-se, também, uma análise curricular à Matemática ensinada na Telescola e, para finalizar, a sua extinção.

No terceiro capítulo, é descrita a metodologia adotada na concretização deste estudo, tendo-se recorrido à realização de entrevistas a antigas monitoras e à inventariação de todos os materiais recolhidos, a investigação qualitativa, a qual será analisada com algum detalhe.

No quarto capítulo, abordam-se as práticas letivas através do contributo dos monitores, tendo em conta as experiências descritas, focando, especialmente, a necessidade de implementação deste tipo de ensino, a formação exigida aos monitores, a orientação prestada aos mesmos, as aulas através da TV, os materiais, as dificuldades de implementação deste tipo de ensino e a avaliação dos alunos.

Para finalizar, no quinto capítulo, analisam-se os resultados deste trabalho e apresentam-se sugestões para futuras investigações.

Salienta-se que, ao longo deste trabalho, a palavra Telescola surge referindo-se a três conceitos distintos: o próprio edifício de Vila Nova de Gaia (sede), o próprio posto de receção e o subsistema de ensino que foi denominado primeiro por Curso Unificado da Telescola (CUT), depois por Ciclo Preparatório TV (CPTV) e por último por Ensino Básico Mediatizado (EBM).

CAPÍTULO II - A TELESOLA

No decorrer deste capítulo será abordada, com base em documentos oficiais, a origem, intenções e o percurso da Telescola, assim como a evolução do Curso Unificado da Telescola (CUT) até chegar à designação de Ensino Básico Mediatizado (EBM); analisar-se-á a estrutura curricular do CUT, a metodologia utilizada no ensino pela Telescola, os postos de receção, o papel dos monitores e dos orientadores pedagógicos, os alunos e sua avaliação, e far-se-á uma breve abordagem acerca da disciplina de Matemática, até chegar à extinção desta modalidade de ensino.

Com a análise destes temas, pretende-se recolher e analisar informação acerca da necessidade da implementação da Telescola no nosso país; das funções dos monitores e sua orientação pedagógica; da qualidade das emissões e dos materiais utilizados; do currículo aplicado nesta modalidade de ensino e da dificuldade da sua implementação e da avaliação realizada aos alunos.

A Telescola foi objeto de várias investigações. Em primeiro lugar, o “Relatório de Taylor”, o mais importante documento que estudou o CPTV, elaborado por especialistas da OCDE em 1977, assessorados por técnicos de nacionalidade portuguesa. Neste relatório foi realçada a qualidade pedagógica deste tipo de ensino, assim como os bons resultados alcançados pelos discentes que frequentavam a Telescola, no que diz respeito ao prosseguimento de estudos. No mesmo foi também descrita a boa adaptação desta modalidade de ensino nos meios rurais e a sua grande flexibilidade. Registaram-se os custos *per capita* dos alunos do CPTV, no que respeita ao ano letivo 1974/75, que eram 2,6 vezes mais baixos quando comparados com os dos alunos do Ciclo Preparatório Direto. Em relação ao custo aluno/hora na Telescola, este era 2,5 vezes menos dispendioso também. Como tal, foram também evidenciados os baixos custos que esta modalidade de ensino permitia. Também no ano de 1979, surgiu em Portugal o Grupo de Avaliação da Telescola (GAT), com o objetivo de avaliar o CPTV. Foram aplicados questionários aos 3 000 monitores que lecionavam pela Telescola nessa época. O referido grupo procedeu à observação de aulas e à realização de reuniões com os orientadores pedagógicos. Ao fim de ano e meio no terreno concluíram que não faria qualquer sentido considerar o ensino pela TV um ensino de segunda categoria, mas sim como mais uma alternativa de ensino que fazia face a muitas carências da rede escolar.

Existiram ainda outros estudos nacionais que se debruçaram sobre a Telescola:

- a) A Tese de Mestrado de Santos, R. F. d. (2003), *A telescola: Um contributo para a história do ensino em Portugal*. Tese de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto.
- b) A Tese de Mestrado de Costa, A. R. (2010), *Experiências na Telescola: perspetivas de monitores*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- c) Almeida, M. e Matos, J. (2011). *Modelando um novo currículo – a Matemática Moderna no início da Telescola*. Atas do 1.º Congresso Ibero-Americano de história da Educação Matemática (pp. 69-84). Universidade da Beira Interior, Covilhã. Lisboa, UIED.

2.1. Origem da Telescola

Segundo Teodoro (1999), a política educativa do Estado Novo consignou o prolongamento da obrigatoriedade da escolaridade primária elementar, de três para quatro anos, através de um procedimento diferenciado para cada um dos sexos, que se processou em duas fases distintas. Numa primeira fase, em 1956, o Decreto-Lei nº 40.964, de 31 de dezembro, estabeleceu a escolaridade obrigatória de quatro anos para os menores do sexo masculino, e só quatro anos depois, em 1960, através do Decreto-Lei nº 42.994, de 28 de maio, este carácter de obrigatoriedade se alargou ao sexo feminino. Assim, quando o Decreto-Lei nº 45.810, de 9 de julho de 1964 alargou a escolaridade obrigatória para seis anos, o ensino primário obrigatório já era legalmente de quatro anos para ambos os sexos.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, as ideias desenvolvimentistas alteraram os objetivos das políticas económicas e sociais em todo o mundo, e o desenvolvimento que se registou neste período, quer ao nível industrial, quer no sector dos serviços, enfatizou tanto as carências de mão-de-obra qualificada como a existência do enorme peso negativo da elevada taxa de analfabetismo do país, condicionando-o negativamente em termos de possibilidades de desenvolvimento.

As pressões e influências de organismos internacionais, vocacionados para a promoção do desenvolvimento económico e cultural, nomeadamente a OECE/OCDE, de que Portugal era país membro desde a sua criação, conseguiram promover uma notável expansão, qualitativa e quantitativa, nos sistemas de ensino, sobretudo nas décadas de sessenta e setenta, ao veicularem nos seus programas de trabalho e cooperação com os Estados-membros os processos de desenvolvimento e as contribuições do sector da educação.

A OECE/OCDE assumiu, assim, um importante papel na viragem da política educativa do Estado Novo, dando razão aos esforços e às posições daqueles que se mostravam preocupados com as carências de qualificação de mão-de-obra nacional e da consequente necessidade de uma rápida expansão da oferta escolar. Esta participação veio colocar um ponto final ao isolamento a que o sistema educativo português estivera votado nos anos trinta e grande parte dos anos quarenta, permitindo a responsáveis políticos e da administração o debate e o intercâmbio de informação e de perspetivas, que se mostraram determinantes na evolução das conceções que marcaram políticas de educação a partir dos anos cinquenta.

As preocupações da OECE/OCDE com a educação provinham diretamente da esfera económica. As preocupações dos países signatários da convenção que em 1948 criou a OECE iam, prioritariamente, no sentido de encontrar um entendimento sobre a maximização das capacidades e potencialidades nacionais, de aumentar a sua produção, desenvolver e modernizar o seu equipamento agrícola e industrial, de expandir as suas trocas comerciais, diminuindo os entraves ao comércio mútuo, favorecer o pleno emprego e restaurar, ou manter, a estabilidade das suas economias, incluindo a confiança nas suas moedas nacionais.

No âmbito da política económica, a OECE/OCDE iniciou em 1958/59 a realização de exames anuais com o intuito de avaliar a situação do ensino científico e técnico, bem como

outros problemas particulares que se punham a cada país membro. A técnica utilizada consistia em enviar para cada país uma pequena equipa de peritos independentes que se devia reunir com os responsáveis da administração e os representantes de outros sectores interessados. A partir daí, esta equipa realizava um relatório que era estudado numa reunião de confrontação, que ocorria na sede da OCDE, em que responsáveis de alto nível do país em análise davam resposta às diversas questões que lhes eram colocadas pelos examinadores e pelos membros do Comité Diretor da OCDE.

Foi precisamente na sequência do exame à política de educação portuguesa, realizado em 1959/60, que a OCDE veio a colocar em marcha o mais importante (em termos financeiros, políticos e de atenção crítica, concetual e metodológica) programa operacional da sua história, o Projeto Regional do Mediterrâneo (PRM). A participação de Portugal neste projeto partiu da iniciativa do ministro Leite Pinto, que resolveu pedir ajuda técnica e financeira à então OECE para estabelecer os objetivos do sistema de ensino, de forma a satisfazer as necessidades de mão-de-obra correspondente às finalidades económicas de longo prazo do país, fixadas pelo despacho do Ministro da Educação de 21 de outubro de 1960 (in Projeto Regional do Mediterrâneo, 1964, p. xvii). Considerada uma iniciativa que poderia interessar a outros países do Mediterrâneo, igualmente membros da OECE/OCDE, o PRM veio a incluir a Espanha, a Grécia, a Itália, a Turquia e a Jugoslávia, para além de Portugal (Teodoro, 1999).

Depois de um ano de negociações, entre a OCDE e cada um dos países participantes, sobre os termos do projeto, os trabalhos do PRM começaram efetivamente no início de 1962. Segundo os termos dos acordos, o projeto deveria ser conduzido em cada país por uma equipa de cinco a seis membros, composta por um diretor e por economistas, estatísticos e peritos no campo do ensino, designados pelos governos dos países participantes e aos quais prestariam diretamente contas.

No caso português, e na ausência de qualquer organismo de planificação educativa, o ministro Leite Pinto nomeou uma equipa de investigadores do Centro de Estudos de Estatística Económica do Instituto de Alta Cultura, coordenada pelo respetivo diretor, Alves Martins, e que integrava ainda António José Barata Alves Caetano, António Simões Lopes e Ludovico Lázaro Morgado Cândido. Não podendo contar com a contribuição financeira do Ministério da Educação, conforme reconheceu Leite Pinto no seu despacho de 21 de novembro de 1959 (in Projeto Regional do Mediterrâneo, 1964, p. xiv), o financiamento da participação portuguesa no PRM ficou a cargo da OCDE, que participou com 15.230 dólares, e, na parte portuguesa, com o Instituto Nacional de Investigação Industrial, que contribuiu com 700.000 escudos (Teodoro, 1999).

O PRM efetuou, então, o planeamento no sector da educação face às necessidades do desenvolvimento económico e social de cada país, tendo, deste modo, sido perspetivadas as necessidades de mão-de-obra qualificada até 1985. O estudo feito pelo PRM veio confirmar a existência de enormes carências no sistema educativo português. Constatou-se que era fundamental escolarizar toda a população, pois só assim a mesma poderia contribuir para o processo de desenvolvimento do país.

No nosso país foram realizados dois relatórios no âmbito do PRM. O primeiro, de carácter preliminar e introdutório, fez um exaustivo balanço da situação escolar e da sua evolução entre 1950 e 1959 (PRM, 1963). Este primeiro relatório veio apontar já alguns problemas que afetavam o sistema de ensino português no início da década de sessenta. O segundo relatório veio evidenciar os três maiores problemas, apontando as consequências mais diretas:

- a) Limite demasiado baixo da escolaridade obrigatória;
- b) Queda das taxas de escolaridade para além deste limite;
- c) Fracas taxas de aproveitamento tendo, como consequência, quantitativos insuficientes do pessoal qualificado em todos os escalões da população e deficiente nível de formação cultural da população, factos que condicionavam e dificultavam o desenvolvimento social do país (PRM, 1964).

O segundo relatório, que constituiu propriamente a participação portuguesa no PRM, apresentou características diferentes do primeiro, sendo mais do que um simples exercício de planeamento educativo, ao realizar um estudo prospetivo complexo sobre a evolução da sociedade portuguesa, no plano das qualificações escolares, desde o período em que foi elaborado (1962/63) até ao ano de 1975.

Sendo um exercício prospetivo, continha um conjunto de opções políticas em diferentes sectores do sistema educativo, sobre as quais assentaram as hipóteses de trabalho dos investigadores, tais como: o alargamento da escolaridade obrigatória para mais dois anos, a partir de 1965, sendo que mais tarde a teriam de aumentar para 8 anos; reformas nas estruturas dos ensinos secundários, canalizando cada vez mais estudantes para os cursos científicos e técnicos, tornando o mais tardia possível a especialização dos seus alunos, conferindo-lhes, assim, uma sólida base de preparação para necessidades futuras; reformas no ensino universitário, de forma a fornecer diplomas não só a licenciados, mas também diplomas com uma formação inferior à licenciatura e outros com formação superior.

O assumir dessas hipóteses implicava, segundo os autores do relatório, um grande esforço no que respeita ao plano de construção e equipamento de novas instalações escolares, em particular nos níveis de ensino pós-primário, bem como no da formação de professores de todos os níveis de ensino (Teodoro, 1999). Este facto levou o Ministro da Educação, Galvão Telles, a alargar a escolaridade obrigatória para 6 anos, através do Decreto-Lei nº 45.810, de 9 de julho de 1964, que seria obrigatória para os alunos que se matriculassem na 1ª classe a partir do ano letivo 1964/65, o que, na prática, só produziu consequências no ano letivo 1968/69, uma vez que a primeira série de alunos abrangidos pelos 6 anos de escolaridade obrigatória terminariam, nesse ano letivo, os quatro anos da escola primária e teriam então de completar, pelo menos, mais dois anos de escolaridade. Por sua vez, com este alargamento da escolaridade, permaneceram as duas tradicionais vias de escolaridade pós-primária, o ensino técnico elementar e o 1º ciclo dos liceus, a que se associou uma terceira via, o ciclo complementar do ensino primário. Para o prosseguimento de estudos, os alunos oriundos deste último ciclo tinham que prestar provas de Francês, o que significava a necessidade do recurso à auto preparação (Almeida e Matos, 2011).

As mudanças na estrutura social e no mercado de trabalho da sociedade portuguesa desencadearam uma necessidade de melhorar a qualificação da população ativa, o que gerou um aumento na procura de educação do nível seguinte ao primário. Esta situação veio acentuar carências já existentes, em particular a falta de professores, ou de professores credenciados, assim como a falta de estabelecimentos de ensino.

O Ministro da Educação, Galvão Telles, acreditando que os meios audiovisuais teriam um papel cada vez mais importante na realização do conceito de educação permanente, assim como na sua valorização e expansão, a partir de 1964, desenvolveu uma inovação no plano pedagógico, utilizando a televisão para fins escolares educativos.

Utilizar a TV na educação era tão valorizado pelo Ministro que o mesmo tomou a decisão inédita de informar pessoalmente os portugueses. No dia 12 de dezembro de 1963, através da Radiotelevisão Portuguesa e Emissora Nacional, informou a população das suas pretensões, explicando as linhas gerais do seu projeto, que tinha como finalidade a melhoria da preparação cultural e escolar dos portugueses através da televisão. Neste comunicado, o Ministro anunciou o estabelecimento da TV Escolar e Educativa, anunciando que este projeto era estudado por si já há alguns meses, e que tinha uma comissão a trabalhar no mesmo. Este grupo de trabalho era presidido por António Leónidas e constituído por representantes do Ministério da Educação Nacional, da Rádio Televisão Portuguesa (RTP) e da Fundação Calouste Gulbenkian. Informou também que o referido grupo já tinha procedido a trabalhos preparatórios.

A emissão dos programas da TV Escolar e Educativa começou, embora com carácter provisório, a 6 de janeiro de 1964. Depois de um ano de experiência, a 29 de outubro de 1964, o Ministro realizou outro comunicado dirigido à população, denominado *Meios Audiovisuais de Ensino*. Neste, o Ministro Galvão Telles informou a população portuguesa do sucesso desta experiência e da sua consequente intenção de dar continuidade ao projeto (Almeida e Matos, 2011).

A 31 de dezembro de 1964, pelo Decreto-Lei nº 46.135, surge o Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino (IMAVE), dotado de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira criado pelo Ministério da Educação. Segundo o artigo 1.º deste decreto, entre as suas funções constava promover a utilização, a expansão e o aperfeiçoamento de técnicas audiovisuais como meios auxiliares e de difusão do ensino e de elevação do nível cultural da população.

O IMAVE ficou na dependência do Ministério da Educação que poderia sempre dar-lhe instruções destinadas à execução das leis e bom funcionamento dos serviços. Segundo o artigo 2.º do Decreto-Lei 46.135, competia ao IMAVE: promover a realização de programas de radiodifusão e televisão escolares, e superintender na sua receção e aproveitamento; promover a realização de outros programas de radiodifusão e televisão de carácter educativo, e superintender também na sua receção e aproveitamento; promover a aquisição, produção, troca e distribuição de material de cinema, projecção fixa, fotografia e gravação sonora para fins didáticos e culturais, e orientar a sua utilização; colaborar com o Centro de Estudos de

Pedagogia Áudio Visual, do Instituto de Alta Cultura, nos estudos e experiências aconselháveis para se conseguir o conveniente desempenho das atribuições indicadas.

Era da pretensão do ministro proporcionar a escolaridade obrigatória a um maior número de jovens e esta experiência de utilizar a televisão no ensino veio mostrar que, embora fosse uma alternativa barata e rápida, tornava-se necessária a constituição de uma organização central, de carácter marcadamente pedagógico, que coordenasse o novo subsistema educativo. Como tal, surgiu a necessidade de conceber cursos, ministrá-los a distância e criar apoios educativos presenciais, por meio do monitor, assim como de postos de receção, locais que acolhiam os alunos, assegurando o seu bom desempenho.

A organização destas atividades encontrava-se a cargo da Telescola, que foi criada como organismo ligado ao IMAVE, sediada na cidade do Porto. Os programas eram gravados num estúdio de televisão aí existente e difundidos pela RTP, o único canal televisivo da época.

Para a OCDE, o cumprimento da escolaridade de seis anos dificilmente seria alcançado em aldeias e lugares completamente afastados das cidades e vilas sem o recurso à Telescola. Assim, a sua implantação nas zonas rurais do interior, permitiu-lhe desempenhar funções importantes na criação de condições para um maior cumprimento da escolaridade obrigatória.

Deste modo, podemos afirmar que o ensino pela Telescola se moldou às necessidades de educação nos meios rurais, utilizando as instalações do ensino primário, evitando assim elevados gastos na construção das respetivas escolas preparatórias. Veio também permitir o descongestionamento de escolas sobrelotadas, o cumprimento da escolaridade obrigatória e o acesso ao prosseguimento de estudos em zonas rurais, isoladas e subdesenvolvidas, ou suburbanas com grande densidade populacional.

Definiu-se por um sistema misto de ensino via televisão com exploração posterior a cargo dos professores monitores, sendo cada um destes responsável por uma área, a das “ciências” ou a das “letras”, ao contrário das escolas preparatórias, onde cada docente era “especializado” numa área específica, o que pressupunha a existência de vários professores para cada grupo de alunos. Uma escola secundária requer, normalmente, no mínimo 6 ou 7 professores apenas para cobrir todo o seu currículo. Na prática, este número é bem maior, uma vez que não é prática corrente lecionar neste nível de ensino anos diferentes na mesma aula, como acontecia no ensino primário. No início deste século, eram poucas as localidades que não tinham uma escola primária e respetivo professor, mesmo que essa escola tivesse apenas uma sala. No entanto, esta situação era inconcebível para as escolas do ensino secundário, pelos avultados custos que isso acarretaria, tanto na construção de novas escolas para cobrir a escolaridade obrigatória, como na contratação de um volumoso número de professores. Para proporcionar a frequência do 5º e do 6º ano aos jovens dos meios rurais era necessário, assim, trazê-los aos centros urbanos, para se criarem turmas numerosas, a fim de rentabilizar o elevado número de professores que esse nível de ensino exigia. Dadas as deficientes infraestruturas, de estradas, que existiam na época, e pela fraca densidade populacional que caracterizava o país, existiriam sempre jovens de aldeias longínquas que não teriam acesso ao prosseguimento de estudos para além da 4ª classe. Colocar estes alunos em regime de

internato também não era adequado, uma vez que os encarregados de educação não se mostravam disponíveis para enviarem os seus filhos para os centros urbanos, por recearem e deplorarem a vida levada pelos seus habitantes, e por necessitarem da sua ajuda essencialmente nos trabalhos do campo (OCDE, 1977).

A Telescola surge então com a finalidade de fazer face a todos estes entraves. Os alunos dos meios rurais tinham acesso ao prosseguimento de estudos, sem necessitarem de grandes deslocações, de longos períodos fora de casa, tendo tempo disponível para ajudarem os seus pais nos trabalhos para os quais eram solicitados. No máximo, eram necessários dois monitores, por posto, para a concretização deste tipo de ensino. As aulas da Telescola funcionavam, normalmente, em escolas primárias, poupando-se assim na construção de novas infraestruturas.

2.2. Do CUT até ao EBM

Desde que a Telescola surgiu, até à sua extinção, foi designada por três formas distintas:

2.2.1. Curso Unificado da Telescola (1965/68)

A portaria nº 21.358, de 26 de junho de 1965, estabeleceu o curso formado pelas disciplinas que constituíam o ciclo preparatório do ensino técnico profissional, acrescido de Francês, estabelecido pela portaria nº 21.113, de 17 de fevereiro de 1965, para ser ministrado na Telescola e seguido em postos de receção. Deu-lhe o nome de Curso Unificado da Telescola (CUT) que se manteve até ao ano de 1968. Esta última portaria, que deu origem ao curso, regulamentou a habilitação dos monitores, estabeleceu os programas das disciplinas que compunham o curso, bem como as condições de admissão, de matrícula, de frequência e de aproveitamento dos alunos.

O Ciclo Complementar do Ensino Primário esteve na base da criação do Curso Unificado da Telescola (CUT), que se iniciou experimentalmente para o Ciclo Preparatório TV e o Ciclo Preparatório Direto.

A partir de 1965, a escolaridade obrigatória de 6 anos ficou assegurada por três vias paralelas:

- Pelo Ciclo Complementar do Ensino Primário, que não permitia o prosseguimento de estudos, a não ser que os alunos se submetessem ao exame de Francês, preparando-se para o mesmo pelos seus próprios meios. O currículo não tinha qualquer equivalência ao ciclo preparatório TV, nem ao ciclo preparatório direto.
- Pelos Ciclos Inicial dos Ensinos Liceal e Técnico, que imponha aos alunos a escolha precoce de um destes ramos.

- Pelo Curso Unificado da Telescola (CUT).

Os currículos e programas destas duas últimas alternativas eram muito semelhantes.

A 6 de janeiro de 1964, o ensino através da TV surgiu em Portugal, pela colaboração entre o Ministério da Educação e a Radiotelevisão Portuguesa. Segundo a portaria nº 21.113, o seu currículo era idêntico ao do Ciclo Preparatório do Ensino Técnico, mas acrescido da disciplina de Francês.

Na sua fase inicial, as emissões das diversas disciplinas eram realizadas e transmitidas em direto dos Estúdios da RTP, em Vila Nova de Gaia (Costa, 2010).

O curso unificado da Telescola iniciou-se com mil alunos, distribuídos por 80 postos de receção. Cada aluno pagava duzentos escudos de “propina”. Muitos destes postos foram criados por iniciativa de paróquias que, com muita dificuldade, conseguiram adquirir um aparelho de televisão. A dita “propina” servia para ajudar no pagamento da renda das instalações e do ordenado dos monitores.

Os postos de receção começaram por ser implementados em edifícios das escolas primárias, em regime de desdobramento, ou em outras instalações cedidas pelas autarquias e em pavilhões montados para o efeito, no espaço disponível das escolas primárias ou noutros espaços públicos e privados (Santos, 2003).

Pouco tempo depois do seu surgimento, a Telescola passou a ser a mais ampla escola do país, dado que permitia a possibilidade de toda a população poder assistir, através da TV, aos programas educativos difundidos pela RTP, proporcionando o aumento do nível cultural dos portugueses, bem como a possibilidade, para quem se matriculasse, de obter um diploma referente ao 2º ano de escolaridade.

As lições emitidas através da TV eram inicialmente a preto e branco, assim como todas as emissões da época, nas quais se podia assistir a um conjunto de atividades, tais como alunos em calções a realizar exercícios físicos sob a orientação de um professor, docentes de fato e gravata a ministrarem a matéria e a realizarem experiências, e outros que lecionavam, perante as câmaras de televisão, a História de Portugal.

A planificação das lições, as orientações científicas e as sugestões pedagógico-didáticas eram publicadas com a antecedência devida em dois boletins de monitores.

Com o objetivo de realizar uma avaliação do sistema de forma contínua, que contribuísse para uma informação permanente, foram implementados meios diversificados. Nos serviços centrais da Telescola, as equipas pedagógicas estudavam as classificações obtidas nas fichas de avaliação das variadas disciplinas que compunham o currículo desta modalidade de ensino, tentavam encontrar justificações para os resultados menos satisfatórios, assim como propor soluções para fazer face ao problema, com a finalidade de melhorarem os resultados escolares destes alunos. Analisavam os mapas periodais, procurando obter uma visão global do que estava a decorrer pelo país. Quer as equipas pedagógicas, quer os chamados professores assistentes, mais tarde apelidados de orientadores pedagógicos, percorriam os vários postos

da Telescola, com o intuito de observarem as aulas e verificar assim se tudo decorria como previsto (Santos, 2003).

2.2.2. Ciclo Preparatório TV (1968/90)

No ano de 1968, o nome CUT foi alterado para a designação de Ciclo Preparatório TV (CPTV), por meio da portaria n.º 23.529, de 9 de agosto. O CPTV passou a ser uma modalidade do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

Este novo Ciclo (CPES) teve início no ano letivo 1968/69, diversificando-se em duas modalidades distintas quanto à forma do ensino, o direto e o audiovisual, mas idênticas relativamente aos conteúdos, objetivos e habilitações que conferiam. A primeira denominada ciclo preparatório direto, a segunda o chamado ciclo preparatório da Telescola ou, mais abreviadamente, o ciclo preparatório TV.

Ainda em 1968 a Telescola levou a cabo um Curso de Formação de Professores do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário (Santos, 2003). Duas vezes por semana, proporcionava formação aos monitores, num dia direcionado para os da área de “letras”, e no outro, para os da área de “ciências”.

Segundo Teodoro (1999), após o acidente cardiovascular de Salazar a 16 de setembro de 1968, o governo sofreu diversas alterações: Salazar deixou de governar o nosso país e subiu ao poder Marcello Caetano. Surgiu, então, em Portugal, um período de mais liberdade de expressão, por comparação ao regime de ditadura que caracterizava o regime de Oliveira Salazar. Salazar tinha construído o seu imenso poder e influência no aparelho de Estado a partir do controlo das funções públicas. Marcello, desde início, procurou construir o seu poder através de um planeamento económico moderno, assumindo-se como um defensor da iniciativa privada, contra as críticas dos sectores mais conservadores do regime do capitalismo, e de um programa desenvolvimentista assente na industrialização e na constituição de fortes grupos económicos capazes de fazer face à inevitável competição económica internacional.

Em 1969, o então Ministro da Educação, José Hermano Saraiva, reformula o IMAVE, pelo Decreto-Lei nº 48.963 de 14 de abril, no entanto, sem mudanças significativas relativamente à sua natureza, atribuições e competências. Depois de 1970, os postos de receção particulares começaram a ser convertidos em oficiais (Santos, 2003).

No final dos anos sessenta e início dos anos setenta, as emissões da Telescola chegaram a São Tomé e Príncipe e, algum tempo depois, à ilha da Madeira e às ilhas dos Açores.

Em 1971, pelo Decreto-Lei 408/71, o IMAVE passou a denominar-se Instituto de Tecnologias Educativas (ITE). Ao ITE estavam reservadas funções de mais ampla importância, particularmente nos domínios da atualização dos métodos pedagógicos, utilizando as mais modernas técnicas de ensino e, ainda, permitindo-lhe organizar e manter, através da radiodifusão sonora e da televisão, atividades escolares de carácter sistemático e outras de índole educativa.

Segundo o artigo 1.º deste mesmo decreto, o ITE gozava de personalidade jurídica e de autonomia administrativa e financeira. O ITE sucede então ao IMAVE e para ele transitaram todos os seus direitos e obrigações.

Pelo artigo 2.º eram atribuições deste mesmo instituto: promover a utilização dos recursos proporcionais pelas técnicas modernas na atualização dos métodos pedagógicos e na harmonização permanente do conteúdo do ensino com essas técnicas; organizar e manter, através da radiodifusão sonora e da televisão, atividades escolares de carácter sistemático e outras de índole educativa; dar apoio técnico, no seu domínio específico, aos serviços do ministério da Educação Nacional e, ainda, quando fosse caso disso, a quaisquer outros departamentos interessados no aperfeiçoamento da sua própria ação educativa.

Pelo artigo 3.º cabia ao ITE: realizar, através da Telescola ou em colaboração com outros organismos, nomeadamente com as direções-gerais de ensino, estudos e experiências pedagógicas relacionadas com as suas finalidades; promover a produção e distribuição de material tecnológico destinado a fins didáticos e culturais, bem como orientar a utilização desse material; prestar apoio pedagógico e técnico à formação do pessoal que devia intervir nas diversas formas das atividades referidas nas alíneas anteriores; realizar programas e cursos de radiodifusão sonora e televisão escolares, assegurando o seu funcionamento e superintendendo na sua emissão, receção e aproveitamento; promover a realização de outros programas de radiodifusão sonora e televisão de carácter educativo, superintendendo na sua emissão, receção e aproveitamento; dar parecer sobre a realização de programas radiofónicos e televisivos a promover pelos serviços dependentes do Ministério da Educação Nacional; prestar apoio pedagógico e técnico às realizações previstas no ponto anterior; celebrar acordos e contratos com quaisquer entidades ou organizações, nacionais ou estrangeiras, oficiais ou privadas, ou participar em sociedades para a produção ou aquisição e distribuição e venda de programas e material educativo.

A subida ao poder de Marcello Caetano, referida já anteriormente, originou em 1972 uma reforma na educação, denominada pela Reforma de Veiga Simão, ministro da educação na época (Teodoro, 1999). A Telescola estava em expansão, quando se deu a Reforma de Veiga Simão (1971), consagrada na Lei n.º5/73, de 25 de julho. Coincidentemente, esta fase expansionista da Telescola tem um ligeiro retrocesso, logo nos dois anos letivos imediatos, no que concerne ao número de postos existentes e de alunos matriculados no território do Continente, retomando novamente a sua expansão em 1973.

No entanto, segundo Santos (2003), não poderemos estabelecer uma correlação negativa a estas duas realidades, porque a Telescola enquadrava-se nos objetivos da Reforma de Veiga Simão, uma vez que contribuía para o alargamento da escolaridade obrigatória e para garantir, sobretudo em meios rurais, uma maior igualdade e oportunidades na educação. Segundo o referido autor, era mais provável que a tal diminuição de postos da Telescola estivesse relacionada com a diminuição do número de matrículas que se verificou no ano letivo de 1969/70 para o ano letivo 1970/71, mantendo-se o mesmo nível em 1971/72, para retomar novamente uma expansão acentuada a partir desse ano.

No ano de 1973 terminou o Ciclo Complementar do Ensino Primário, 5ª e 6ª classe (Despacho Ministerial n.º 29, de 23 de agosto), embora tivesse continuado a existir residualmente em algumas localidades, com fundamento em alegadas experiências pedagógicas.

A Reforma de Veiga Simão não esteve muito tempo em vigor, uma vez que a revolução de 25 de abril de 1974 trouxe transformações sociais e políticas profundas e alterações no sistema de ensino. Apesar de todas as alterações, o desenvolvimento da Telescola não foi afetado, uma vez que não colidiam com os objetivos presentes na Constituição da República Portuguesa de 1976.

O horário escolar da Telescola, em 1974, era das 14h30 às 20h00, de segunda a sexta-feira. A mesma funcionava da parte da tarde, fundamentalmente, devido a muitos monitores se encontrarem em regime de acumulação (dirigiam turmas do Ensino Primário no período da manhã, permanecendo no período da tarde com uma turma da Telescola, e recebendo um suplemento monetário).

Após o 25 de abril de 1974 surgiram algumas mudanças no Ciclo Preparatório TV. A abordagem dos conteúdos que compunham o curso foi modificada, passando a conter alguma carga ideológica, coerentes com os tempos que decorriam. Também neste ano os alunos integrantes desta modalidade de ensino deixam de ter exames nacionais, tendo então uma avaliação semelhante aos do ensino direto (Costa, 2010).

Segundo Santos (2003), no ano de 1974 a Telescola encontrava-se a funcionar de forma consolidada. No ano de 1976, cerca de 2.500 professores e 897 estabelecimentos de ensino compunham a Telescola. Algum tempo depois, a OCDE elogiou a Telescola em Portugal pela qualidade de ensino que proporcionava aos jovens portugueses e pelos níveis de sucesso que apresentava.

Em 1975, os seus serviços centrais mudam de instalações e adquirem um estúdio próprio. A RTP é utilizada apenas para a difusão dos programas. As lições passam então a ser gravadas nesse local e lá passam também a funcionar os serviços pedagógicos, técnicos e administrativos. As equipas pedagógicas, constituídas por professores especialistas, eram responsáveis pela elaboração, produção e apresentação de todos os programas inicialmente emitidos em direto pelos estúdios da RTP. A este grupo de docentes competia também a execução dos materiais escritos de apoio ao sistema e a formação contínua dos monitores.

Nesta fase, a Telescola representava a única via para muitos jovens de meios rurais completarem a escolaridade obrigatória. Por esta razão, quando se pensava fechar algum posto de receção por falta de alunos, a oposição ao seu término era muito grande (Santos, 2003).

Para verificar se as orientações da Telescola eram seguidas pelos monitores, e como forma de os orientar para o cumprimento de todas as diretrizes implementadas, o ITE era detentor de um corpo pedagógico que tinha como objetivo prestar a devida assistência e orientação no ensino do Ciclo Preparatório TV. Então, a partir do dia 31 de dezembro de 1976, o Ciclo Preparatório TV passaria a ser orientado, em cada um dos distritos, por dois

orientadores pedagógicos: um deles orientava a área das “letras” e o outro tinha ao seu encargo a área das “ciências”. Estes orientadores tinham também como função prestar assistência técnico-administrativa aos postos de receção do Ciclo Preparatório TV.

Em 1977, surgiram novas alterações no que concerne ao CPTV, com o intuito de corrigir as lacunas que emergiram com a implementação da reforma pós 25 de abril.

É novamente contratado o mentor do projeto, o inspetor José Baptista Martins; são readmitidos alguns dos antigos professores que tinham sido despedidos; reativa-se o anterior processo de supervisão que tinha também sido suspenso; repetem-se os programas gravados no ano letivo 1974/75 e cujas matrizes originais ainda se encontravam na Madeira e nos Açores; foram também elaborados nesta fase novos programas de Estudos Sociais e História, dado o novo contexto sociopolítico instalado com a Revolução de 25 de abril de 1974; foram reestruturados todos os serviços administrativos desta modalidade de ensino; acabou o regime de acumulação em relação aos monitores que em simultâneo desempenhavam o papel de professores primários e de monitores da Telescola, entre outras alterações.

A Telescola, em 1980, estava a funcionar de forma consolidada. Foi também em 1980 que as emissões passaram a ser emitidas a cores, proporcionando assim emissões mais próximas da realidade.

Mas logo depois iniciou-se o seu declínio. No ano de 1983, através do Despacho n.º 36/EAE, o transporte escolar dos alunos que se encontravam na escolaridade obrigatória passou a ter carácter gratuito quando as distâncias e condições dos estabelecimentos de ensino assim o justificassem. Como tal, alguns encarregados de educação e alunos optaram por ingressar no Ciclo Preparatório Direto, em vez de frequentarem o Ciclo Preparatório TV.

Segundo Santos (2003), a Telescola foi sempre alvo de diversas críticas, apontando-lhe, alguns, uma inferior qualidade pedagógica em relação ao ensino direto, uma vez que os professores desta última modalidade de ensino apresentavam mais formação; consideravam o ensino direto um ensino mais exigente e, como tal, assumiam que preparava melhor os alunos para o prosseguimento de estudos. Outros defendiam o ensino pela Telescola fervorosamente, uma vez que permitiu que muitos alunos tivessem acesso à escolaridade.

Devido a estas opiniões divergentes, a OCDE propôs que se realizassem estudos comparativos dos dois sistemas de ensino, na tentativa de os assemelhar, uma vez que os dois, em conjunto, permitiam a conclusão da escolaridade obrigatória de muitos alunos.

2.2.3. Ensino Básico Mediatizado (1991 – 2006)

Na década de 80, quando já se encontravam matriculados cerca de 60 mil alunos na Telescola e os programas das lições televisivas eram transmitidos a cores, começou-se a questionar a continuação e o futuro desta modalidade de ensino. Esta descredibilização relacionou-se com os avultados custos das emissões em direto, devido aos encargos do tempo de antena.

No ano de 1988/89, foram implementadas as videocassetes por substituição das emissões em direto. Para esse fim, as lições gravadas no estúdio da Telescola passaram a ser copiadas em videocassetes e enviadas para os postos de receção de todo o país. A situação de leitura local era já adotada no funcionamento da rede do CPTV nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, tendo também sido utilizada na cidade de São Tomé, antes da descolonização (Santos, 2003).

Pelo Despacho Conjunto 48/SEAM/SERE/91 a 20 de abril de 1991, o Ciclo Preparatório TV passou a designar-se Ensino Básico Mediatizado (EBM). Neste despacho encontravam-se também as condições para a criação e extinção dos postos de receção oficiais do EBM. A denominação de CPTV já não fazia muito sentido, já que as transmissões em direto das lições haviam terminado e sido substituídas por videocassetes (Costa, 2010).

Segundo Santos (2003), equipas técnico-pedagógicas trabalharam em conjunto na execução e produção dos recursos didáticos e videogramas utilizados no EBM. No estúdio ou nos mais diversos locais, tanto em Portugal como no estrangeiro, eram filmadas as imagens consideradas necessárias à conceção dos materiais para este tipo de ensino. A elaboração dos mesmos contava também com o apoio, ao nível do grafismo eletrónico, do sector das novas tecnologias. Pelo mesmo autor, o EBM organizava muitas outras atividades, nomeadamente: a formação de professores, tanto presencial como à distância e a cooperação com variadas instituições de educação e com alguns dos países africanos de língua oficial portuguesa.

O EBM existia como opção alternativa para os discentes do 5º e 6º ano de escolaridade. Funcionava com videocassetes, realizadas por professores; cada turma tinha dois monitores, um para cada uma das duas áreas. Estes docentes procediam às explorações das matérias em sala de aula; as disciplinas eram as mesmas das do ensino regular; os alunos eram avaliados da mesma forma que os do ensino direto; as aulas funcionavam normalmente em estabelecimentos do 1º ciclo e, quando terminavam as aulas do 1º ciclo, funcionava então o EBM e os professores do EBM eram normalmente professores oriundos do 1º ciclo que acabaram por ser colocados nesta modalidade de ensino.

Foi uma inovação no sistema de ensino português, proporcionando a implementação de muitas novas facetas, das quais é de salientar a introdução da tecnologia educativa na sala de aula, onde se destaca o recurso à televisão e ao vídeo.

Esta modalidade de ensino soube, ao longo do tempo, acompanhar as alterações sociais, tecnológicas e metodológicas, contribuindo para a evolução do seu modelo de organização e modo de funcionamento, em particular na altura da substituição das emissões em direto, via antena, pelas videocassetes.

De acordo com Santos (2003), no ano letivo 1999/00 frequentavam o EBM cerca de 7500 discentes e cerca de 431 postos de receção espalhados por todo o país, com maior incidência nos distritos de Braga e Viseu. Em 2002/03, mais de 100 postos tinham menos de 10 alunos matriculados, cerca de 5215 alunos frequentavam, neste ano letivo, o 5º e o 6º ano de escolaridade por esta via de ensino. Existiam, neste ano letivo, 320 postos em funcionamento, havendo casos em que numa sala de aula estavam, no máximo, três ou quatro alunos. O

ministro da Educação, David Justino, anunciou, nessa altura, que iria estudar as escolas com menos de 10 crianças e providenciar o seu encerramento.

Através do Despacho Conjunto n.º 598/2001, de 10 de julho de 2001, o EBM passava a fazer parte da Direção Regional de Educação do Norte, para efeitos de afetação de pessoal e recursos materiais e financeiros. Pelo mesmo despacho, os postos de receção onde funcionava o EBM, passariam a fazer parte de agrupamentos de escolas. Iniciava-se assim a extinção gradual desta modalidade de ensino.

Devido à precária rede de estradas que compunha o nosso país, no que respeita ao acesso das zonas rurais aos centros urbanos, os transportes urbanos coletivos que estavam ao serviço do ensino dificilmente cumpriam a sua tarefa. Os circuitos levavam a que muitos alunos se ausentassem de suas casas, muitas vezes, mais de 10 horas. Assim, os encarregados de educação eram muitas vezes contra ao encerramento de postos de receção, por saberem que os seus filhos iriam passar dias inteiros fora de casa e, como tal, fora da sua vigilância. Outras razões eram o facto de muitas vezes os alunos realizarem demoradas viagens para assistirem apenas a uma ou duas aulas por dia, devido à colocação tardia de professores ou por estes faltarem; o facto de os alunos baixarem consideravelmente o seu rendimento escolar, pois as horas que deveriam ser dedicadas ao estudo eram passadas no interior dos autocarros ou mesmo na escola sem qualquer tipo de atividade útil. Muitos encarregados de educação eram contra a ida dos seus educandos para as vilas ou cidades, pois tinham receio que enveredassem por maus caminhos, por passarem muitas horas por sua conta e risco. Também os gastos que implicava passar o dia todo fora de casa faziam com que os pais impedissem os seus educandos de se deslocarem para fora das zonas rurais. Além disso, se os alunos estudassem fora das zonas onde viviam, era mais difícil para os encarregados de educação inteirarem-se do seu percurso escolar. Como tal, era grande a resistência das famílias em deixarem sair as crianças desta faixa etária para os centros urbanos, mesmo quando os transportes escolares já eram gratuitos, o que impulsionou o insucesso e o abandono escolar, assim como a implementação das desigualdades sociais.

2.3. A disciplina de Matemática

Segundo Almeida e Matos (2011), a disciplina de Matemática do CUT no ano letivo 1965/66 (e em anos seguintes) foi apresentada por António Augusto Lopes, que tinha sido convidado por Olívio de Carvalho, à data diretor do curso da Telescola. Metodólogo do Liceu Normal de D. Manuel II, no Porto, Lopes integrava, desde 1963, a Comissão de Revisão do Programa do 3.º Ciclo Liceal, presidida por Sebastião e Silva, e colaborava ativamente na experiência de introdução da Matemática Moderna neste último ciclo liceal. Foi o único professor de Matemática que iniciou o curso da Telescola. Para além da criação e da apresentação das emissões pela TV, realizou toda a documentação de apoio e tinha ainda a seu cargo a elaboração dos testes de avaliação.

Com maior ou menor impacto, a renovação curricular denominada por Matemática Moderna deu-se em todos os sistemas educativos mundiais desde o final dos anos 50 do século XX. Quase desde o início que a sua influência se fez sentir em Portugal e, a partir dos anos 60, realizaram-se experiências pedagógicas no ensino primário e liceal. Já no final dos anos 60, ocorreram fortes alterações curriculares em quase todos os subsistemas de ensino (Matos, 1989).

Relativamente ao programa de Matemática da Telescola, apesar de a legislação apontar para o programa do ciclo inicial das Escolas Técnicas, enveredou-se abertamente – não sem algumas apreensões – pelos caminhos da Matemática Moderna, sem prejuízo do ensino das matérias constantes dos programas oficiais (“Introdução ao Curso Unificado”, 1965, p. 12).

Apesar de, nesta época, terem sido levadas a cabo diversas iniciativas no âmbito da Matemática Moderna e estivesse também a decorrer uma experiência curricular no último ciclo dos liceus, é no CUT que, no ano letivo 1965/66, pela primeira vez, se generalizam oficialmente as novas ideias a todo um subsistema de ensino em Portugal.

A quase totalidade dos textos das lições de Matemática da Telescola tem uma estrutura semelhante: 1) um Sumário, que resume o conteúdo da lição; 2) um Esquema Descritivo ou Emissão que acompanha o guião televisivo executado pelo professor; 3) uma identificação do Material necessário durante ou após a receção; 4) indicações para uma Exploração apoiada pelo monitor, contendo diversas sugestões metodológicas e normalmente composta por exercícios de aplicação. As lições consagradas aos “exercícios de apuramento” as respetivas lições de “correção” são a exceção, pois apenas contêm o sumário. Algumas das segundas contêm ainda indicações breves ou alguns exercícios.

Os conjuntos e suas operações são encarados como uma linguagem básica para a matemática e vistos como uma das grandes alterações introduzidas na matemática escolar pela reforma da Matemática Moderna.

2.4. Estrutura Curricular do CUT

A portaria nº 21.113, de 17 de fevereiro de 1965, estabeleceu a estrutura do curso ministrado pela Telescola em postos de receção, isto é, as disciplinas e respetivos programas que constituíam o ciclo preparatório do ensino técnico profissional, acrescido da disciplina de Francês, esta com o programa do 1.º ciclo liceal.

Segundo Almeida e Matos (2011), o CUT iniciou as suas lições em 25 de outubro de 1965. O horário diário, nesse ano letivo, iniciava-se às 15:00 e terminava às 20:00, de 2ª a 6ª feira, respeitando as férias escolares usuais. Uma lição emitida de 20 minutos era seguida, maioritariamente, de 25 a 30 minutos de exploração em sala de aula orientada pelo monitor. No fim do dia havia um período adicional de 30 minutos de exploração que não estava ligado a nenhuma emissão em especial. No sábado, as emissões das lições do CUT começavam às 15:00 e terminavam às 16:45. Durante a semana, as disciplinas ministradas eram: Língua e História Pátria (quatro lições), Francês (quatro lições), Matemática (três lições), Ciências

Geográfico-Naturais (três lições), Desenho (duas lições), Trabalhos Manuais (duas lições), Educação Física (uma lição) e Religião e Moral (uma lição). Ao Sábado, eram emitidas lições das disciplinas de Canto Coral, Religião e Moral, Desenho e Educação Física. As lições de Educação Física e Canto Coral ocupavam 25 minutos e não dispunham de exploração imediata; para Religião e Moral também não havia exploração imediata.

A Telescola foi inovadora no que respeita ao ensino da Matemática, pela introdução de elementos da Matemática Moderna, e contribuiu também para uma nova abordagem, mais realista, da disciplina de Francês. No entanto, a partir de 1972, os currículos oficiais do Ciclo Complementar do ensino primário, Ciclo Preparatório Direto e CPTV, eram iguais, à exceção da disciplina de Francês, que não integrava no Ciclo Complementar. Pode-se afirmar que os objetivos curriculares na Telescola eram cumpridos à risca, devido à fiscalização a que estava sujeita esta modalidade de ensino, à exceção da disciplina de Educação Física, que foi ignorada por alguns monitores, dada a inexistência de meios e condições à sua prática (OCDE, 1977).

2.5. Metodologias de Ensino

A utilização de tecnologia televisiva impulsionou fortes mudanças no modelo pedagógico disseminado no resto do sistema educativo. Em Portugal, optou-se pela difusão televisiva de aulas lecionadas por um corpo escolhido de “professores” em “postos de receção”, seguida de uma exploração pelos alunos de atividades com o apoio de um “monitor”. Um mesmo professor, um especialista na matéria, era seguido em simultâneo, pela TV, por um elevado número de alunos, em postos de receção espalhados por todo o país, deixando a gestão quotidiana da aula, a aplicação e a consolidação das matérias abordadas pelo “professor da TV” a cargo dos “monitores”, profissionais menos habilitados ou menos conceituados (Almeida e Matos, 2011).

O ciclo básico de aprendizagem era constituído por uma emissão, através da TV, de 20 minutos (que se supunha corresponder à capacidade máxima de concentração dos alunos), seguida de uma exploração de 30 minutos, orientada por um monitor em contexto de sala de aula. No caso da disciplina de Trabalhos Manuais, o período de exploração era mais longo. Também existia, no final do dia, um período de 30 minutos em que se esclareciam dúvidas, superavam dificuldades, ou se consolidavam aprendizagens, tudo supervisionado pelo monitor. Este período adicional não estava ligado a nenhuma emissão especial (OCDE, 1977).

Existiam, no entanto, algumas limitações, por não haver comunicação direta entre o professor da TV e os alunos. Com o intuito de colmatar estas lacunas, o professor procurava estabelecer um clima idêntico ao do ensino direto, dirigindo-se com muita frequência ao grupo turma através da TV, auxiliado pelo monitor que apontava ele próprio o aluno que deveria responder à questão colocada.

As emissões eram em direto para dar mais realismo ao processo criado e também para introduzir referências de última hora.

Segundo Almeida e Matos (2011), o papel dos monitores era muito importante. As suas funções, de modo geral, consistiam no reforço dos conteúdos abordados pelo professor na emissão televisiva. Como tal, os monitores tinham o dever de se inteirarem das matérias, para poderem desempenhar em pleno as suas tarefas.

Depois da lição pela TV, iniciava-se o período de exploração. Se neste período de 30 minutos os alunos não conseguissem adquirir os conhecimentos previstos, uma parte do tempo de exploração, no final ou no início do dia, poderia servir para esse fim ou ser dedicado a atividades criativas. Relativamente ao trabalho de casa, excluía-se o de carácter livresco, restringindo-se a uma extensão prática ou criativa do trabalho de aula, associando-o assim ao quotidiano dos alunos a quem preferencialmente se destinava o curso.

Até 1975, as emissões eram realizadas na sede da Telescola, em Vila Nova de Gaia. As emissões de cada disciplina eram criadas pelo grupo de professores dessa mesma disciplina. O número e a constituição de cada grupo de professores foi variando ao longo de cada ano letivo, de acordo com os conteúdos abordados e tendo em conta o número de aulas semanais, sendo usualmente constituído por três ou quatro elementos.

Criar e apresentar os programas não eram as únicas funções destes professores. Tinham também a responsabilidade de preparar a diversa documentação de apoio aos monitores e alunos.

Para apoiar as funções dos monitores, estes professores preparavam também um sumário impresso das emissões, algumas notas explicativas pertinentes e sugestões para outras atividades, que eram publicadas no Boletim de Orientação de Monitores. Em cada período, cada equipa de professores de disciplina produzia uma emissão destinada aos monitores sobre determinados pontos e problemas suscetíveis de se levantarem (Almeida e Matos, 2011).

Para os alunos, preparavam as folhas de trabalho, que consistiam na combinação de textos discursivos de material gráfico e de exercícios que, em conjunto, formavam um compêndio. Também a seu cargo estava a elaboração de testes de avaliação. Existiam, normalmente, seis fichas de avaliação ao longo do ano e eram constituídas por questões de escolha múltipla (OCDE, 1977).

2.6. Postos de Receção



3.1 Fotografia de um antigo posto de receção

Fonte: www.portugalape.blogspot.com



3.2 Fotografia de uma turma da Telescola a assistir à emissão.

Fonte: www.agendalx.pt

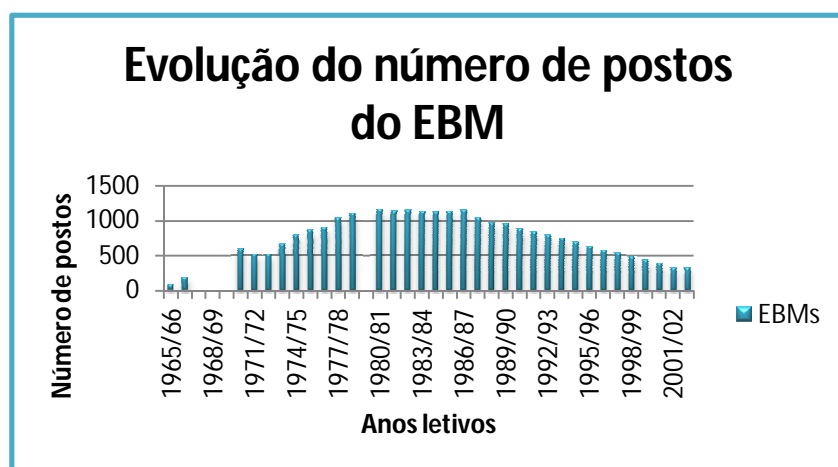
3.1. Sínteses de caracterização do EBM (Postos oficiais e particulares)

	EBMs	TURMAS	ALUNOS	PROFESSORES	REL. AL./ PROF.
1965/66	81		984		
1966/67	181		4050		
1967/68			10348		
1968/69			16029		
1969/70			18902		
1970/71	586		16874		
1971/72	519		16823		
1972/73	518		21429	1736	12,3
1973/74	666		29363	2702	10,9
1974/75	793		32224	3516	9,2
1975/76	865		35446		
1976/77	897		41821	2419	17,3
1977/78	1036		41722	2379	17,5
1978/79	1098		52716		
1979/80					
1980/81	1153		57897		
1981/82	1141	3271	59270		
1982/83	1144		59281		

1983/84	1132		58142		
1984/85	1118	3185	56893	3245	17,5
1985/86	1131	3129	57146	3197	17,9
1986/87	1145	3032	53946	3182	17,0
1987/88	1040	2764	48629	2844	17,1
1988/89	962	2606	44260	2657	16,7
1989/90	948	2400	40590	2332	17,4
1990/91	885	2288	35182	2297	15,3
1991/92	837	2157	30886	2242	13,8
1992/93	786	1986	27418	2046	13,4
1993/94	743	1868	23456	1945	12,1
1994/95	691	1653	18783	1715	11,0
1995/96	626	1487	16198	1529	10,6
1996/97	571	1333	13924	1380	10,1
1997/98	534	1186	11202	1238	9,0
1998/99	481	1051	9254	1085	8,5
1999/00	431	907	7417	904	8,2
2000/01	384	793	6405	802	8,0
2001/02	324 a)				
2002/03	320 a)		5321		

Fonte: Santos, 2003, p. 146

a) Dados provisórios

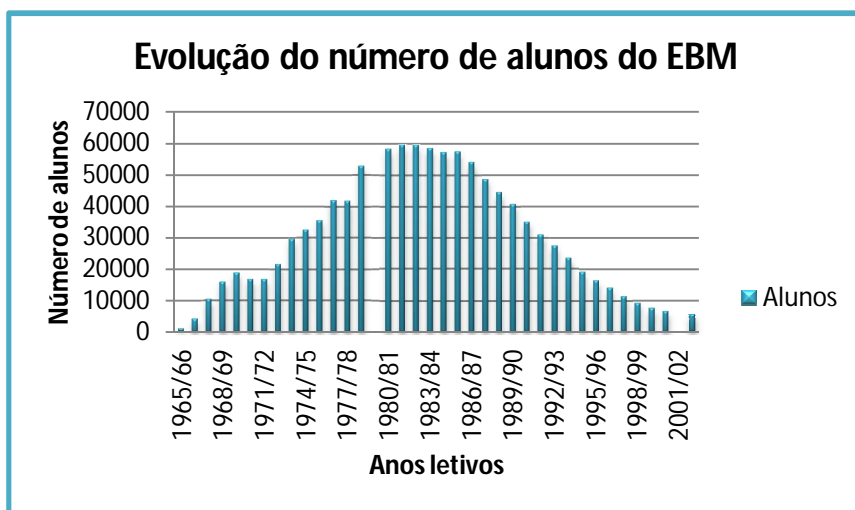


3.3. Evolução do número de postos do EBM

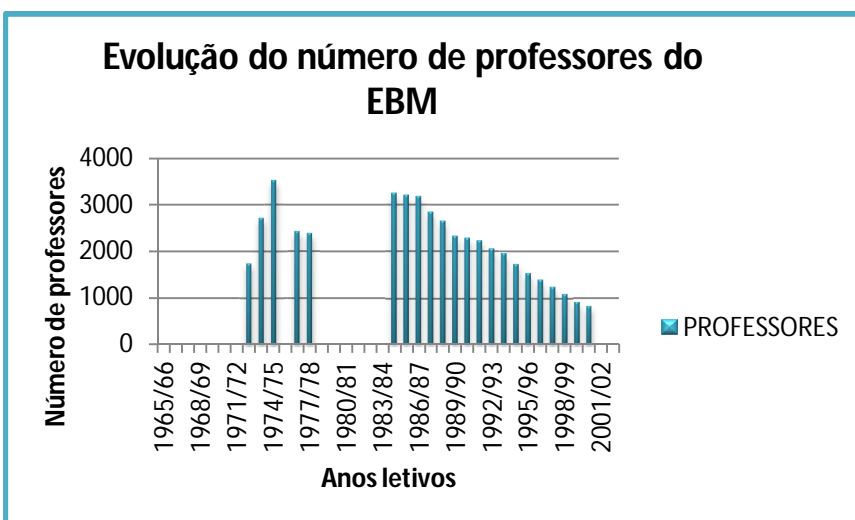
Fontes: Santos, 2003, p. 147



3.4. Evolução do número de turmas do EBM
 Fontes: Santos, 2003, p. 147



3.5. Evolução do número de alunos do EBM
 Fontes: Santos, 2003, p. 147



3.6. Evolução do número de professores do EBM
 Fontes: Santos, 2003, p. 148

Segundo um Despacho Ministerial de 19 de maio de 1965, relativo ao CUT, os alvarás para o estabelecimento de postos de recepção poderiam ser solicitados por quaisquer entidades públicas ou particulares que garantissem o bom funcionamento dos mesmos. Poderiam ser requeridos por indivíduos que se propusessem a exercer a função de monitor, em estabelecimentos de ensino particulares, Casas do Povo, estabelecimentos de assistência ou detenção, empresas industriais, comerciais ou agrícolas, salões paroquiais, associações culturais, recreativas ou desportivas.

Pelo mesmo despacho, os postos funcionavam em direta ligação com a Telescola, mesmo quando instalados em edifícios de outros estabelecimentos de ensino oficial ou particular, e destinavam-se exclusivamente ao seguimento dos referidos cursos. Cada posto de recepção dispunha de uma sala de aula por cada grupo de vinte e cinco alunos ou fração, era dotado de condições de higiene e apetrechado com mobiliário e material didático de modelo aprovado pelo Instituto de Meios Audiovisuais de Educação.

O posto deveria possuir instalações sanitárias independentes para cada um dos sexos. As salas de aula deveriam ser dotadas de 30 m² de área e detentoras de secretária e cadeira para o professor, carteiras e bancos de trabalho para todos os alunos, ferramentas necessárias para os trabalhos manuais, armário e estante para o material escolar, quadro preto ou equivalente, recetor de televisão (com visor de, pelo menos, 49 cm na diagonal), assim como material didático coletivo para o ensino da Aritmética e Geometria, Geografia e Ciências Naturais.

No início da Telescola, os postos eram instituições de ensino particular, sujeitas à respetiva legislação. Cada posto tinha um administrador local e cada sala de aula estava sob a responsabilidade de um monitor. Segundo o Despacho de 19 de maio de 1965, relativo ao CUT, os postos de recepção funcionariam nos mesmos dias letivos em que, normalmente, funcionariam as escolas técnicas públicas. Em cada um dos dias, cada posto de recepção funcionaria outro tanto tempo para além do tempo da emissão, para serem realizadas as explorações das matérias abordadas.

Pelo despacho acima mencionado, o tempo total diário seria entre 4 a 5 horas, com exceção do sábado, em que o horário seria mais reduzido. Era a Telescola que estabelecia o horário semanal, fazendo a distinção entre os tempos de emissão e de exploração. Todos os monitores tinham o dever de cumprir rigorosamente os horários impostos pela Telescola, que deveriam estar afixados em cada posto de recepção.

Em situações específicas, seria permitida a criação de centros de postos de recepção que englobassem dois ou mais postos pertencentes ao mesmo proprietário dentro da área determinada, com um diretor encarregue da sua administração e responsável pelas relações com a Telescola. As entidades que estivessem interessadas na implementação de postos de recepção deveriam procurar formas de colaboração com outras entidades, no intuito de facilitar a presença e o aproveitamento dos discentes, em particular através da atribuição de bolsas de estudo.

A Telescola custeava a produção e transmissão de programas televisivos educativos, assim como o controlo e supervisão de todo o sistema, cabendo ao administrador local a

despesa da recepção. Para fazer face às despesas inerentes ao funcionamento de um posto de recepção particular, os alunos pagavam uma propina mensal, cujo valor máximo era determinado pelo Ministério da Educação. Os postos de recepção, embora particulares, eram fixados muitas vezes em escolas primárias, que durante a manhã funcionavam com turmas do ensino primário e à tarde com turmas da Telescola. Nestas circunstâncias exigia-se que a administração reservasse gratuitamente 25% das vagas para as crianças mais carenciadas da localidade. Já mais tarde, em algumas localidades, construíram-se pavilhões destinados às aulas da Telescola, cujos custos eram financiados por subscrições ou pela beneficência individual, sendo a construção muitas vezes levada a cabo pela própria comunidade interessada. Mas nem sempre em todos os pontos do país se podia contar com a iniciativa privada e o estado foi obrigado a intervir, como forma de promover uma expansão generalizada (OCDE, 1977).

A 24 de novembro de 1971, o Decreto-Lei n.º 523/71 veio implementar algumas normas sobre a criação de postos oficiais de recepção do ciclo preparatório TV.

Segundo o mesmo despacho, era necessário o mínimo de quinze alunos em idade escolar para a criação de postos oficiais de recepção do ciclo preparatório TV. Nos edifícios das escolas primárias podiam funcionar postos de recepção oficiais do ciclo preparatório TV, desde que nessa localidade não se encontrasse em funcionamento, em qualquer das suas modalidades, o ciclo preparatório do ensino secundário. Podiam utilizar-se, quando conveniente para o ensino, postos de recepção do ciclo preparatório TV em quaisquer outros edifícios locais com condições satisfatórias, por cedência ou por aluguer. Competia ao IMAVE o apetrechamento de todos os postos oficiais relativamente ao material específico do ensino por televisão.

Nos postos oficiais de recepção desempenhavam as funções de monitor, por acumulação, os professores do ensino oficial da localidade respetiva ou de localidades próximas, desde que a sua deslocação não colocasse em risco o cumprimento dos horários. Caso fosse necessário, poderiam desempenhar as funções de monitor dos postos oficiais indivíduos com as habilitações exigidas para a função. Os professores do ensino primário que fossem monitores do ciclo preparatório TV prestavam serviço com o horário do turno da manhã do regime do curso duplo. A atividade docente poderia ser desempenhada tanto a tempo inteiro, vinte e oito horas, como a meio tempo, de doze a dezasseis horas. Em cada posto deveria existir um encarregado de posto, função que poderia ser desempenhada pelo monitor desse mesmo posto de recepção, ou por outro qualquer monitor.

A matrícula dos alunos em idade escolar obedecia apenas à apresentação do boletim de matrícula, em duplicado, confirmado pelo correspondente delegado escolar ou secretário da zona. Nos postos oficiais do ciclo preparatório TV, os alunos encontravam-se isentos do pagamento de matrícula, de mensalidades ou de propinas de frequência. Competia ao IMAVE empreender as necessárias adaptações ao funcionamento administrativo e pedagógico da Telescola para a concretização deste decreto. Como tal, estava dotado das verbas consideradas necessárias.

Dados posteriores (OCDE, 1977) sugerem que existiriam, em média, duas turmas por posto, uma do 5.º ano e uma do 6.º ano. Em cada uma das turmas, era suposto existirem dois professores, um que apoiava as disciplinas de “letras” (Português / Língua Portuguesa, Francês / Iniciação à Língua Francesa, História de Portugal / Estudos Sociais e Educação Religiosa) e outro que acompanhava as disciplinas de “ciências” (Matemática, Ciências da Natureza, Educação Visual e Trabalhos Manuais / Educação Visual e Tecnológica, Educação Física e Educação Tecnológica).

Pelo mesmo relatório, nos primeiros anos da Telescola, criada pelo IMAVE, os adultos representavam 10% do auditório das suas emissões escolares do 5º e do 6º ano. Com o passar do tempo, esta proporção diminuiu devido ao aumento do número de crianças e da prioridade que lhes foi atribuída. O número de postos foi aumentando e em 1967/68 estava próximo de 600. Os primeiros postos oficiais apareceram em 1971/72 e o seu número era, então, inferior ao número de postos particulares. Em 1974/75 os alunos eram cerca de 40.000 e o número de postos situava-se perto de 900, mas o número de postos particulares já era muito inferior ao de postos oficiais. O Ministério foi convertendo em postos oficiais os postos de receção e, assim, o número de postos particulares foi diminuindo, tornando-se quase residual, sendo que em 1975/76 já só restavam 35 postos particulares (OCDE, 1977).

2.7. Monitores

Neste ponto serão tratados quatro assuntos:

- 1) habilitações exigidas para a função de monitor;
- 2) formação (ações);
- 3) funções do monitor (administrativas);
- 4) inspeções.

Pela portaria nº 21.358 de 26 de junho de 1965, o diploma de monitor do curso só poderia ser concedido a quem possuísse, como habilitação mínima, o diploma de professor de qualquer grau do ensino oficial, o 3º ciclo liceal, algum curso médio ou habilitação equivalente. Até ao ano letivo 1974/75, os monitores eram, maioritariamente, professores primários trabalhando em horas extraordinárias (OCDE, 1977).

Os monitores tinham ao seu cargo diversas responsabilidades, tais como: as matrículas dos alunos (tendo de enviar posteriormente para a Telescola toda a documentação, bem como a relação dos alunos inscritos); contribuir para a disciplina na vida escolar, exercendo permanentemente as atividades formativas; preparar e acompanhar de forma eficiente a receção das emissões televisivas; concretizar e orientar da forma mais correta os trabalhos que se seguiam às aulas; esclarecer dúvidas dos alunos; realizar exercícios de controlo e de aproveitamento; proporcionar o rendimento escolar, dando informação à Telescola da progressão dos alunos; seguir as indicações que periodicamente eram transmitidas por via televisiva ou escrita; colaborar com a Telescola, sempre que lhes fosse pedido, ou que achassem ser conveniente; estabelecer contacto com os Encarregados de Educação, de forma

a poder esclarecer e/ou orientar, bem como conseguir um prolongamento da atividade letiva no ambiente familiar.

Segundo Almeida e Matos (2011), com o objetivo de coordenar as ações pedagógicas entre professores e monitores, a Telescola proporcionava aos monitores preparação pedagógica e didática que era ministrada pelo grupo de professores das disciplinas. Como tal, na fase de preparação das atividades letivas, mais concretamente entre 15 e 25 de outubro de 1965 e de 1 a 15 de outubro nos anos subsequentes, realizaram-se, na RTP ou na Emissora Nacional, programas diários de orientação de monitores, onde eram transmitidas diretrizes práticas de pedagogia e didática geral e de didática específica das diversas disciplinas. Os programas tinham uma duração de cerca de 30 minutos, existindo um por ano e por disciplina. A partir de 1967/68 esta formação tinha a duração de uma semana, 6 dias inteiros, 6 horas por dia. Em 1973/74, o 7.º curso de formação de monitores teve lugar em 5 cidades do continente e também na Madeira, tendo este último a participação de cerca de 200 monitores.

Os monitores deveriam aperfeiçoar as diretrizes indicadas por estes programas, com a leitura e ponderação dos Guias de Trabalho organizados pela Telescola, das indicações didáticas incluídas no boletim e de alguma bibliografia aconselhada. No resto do ano, continuavam a ser transmitidos programas de Orientação de Monitores (Costa, 2010).

Eram estabelecidos contactos periódicos entre a Telescola e os seus postos por meio de um boletim mensal. Estes boletins tinham como objetivo a orientação pedagógica dos monitores e eram enviados para os postos de receção com uma antecedência de uma semana a um mês. Aí eram publicados os resumos das lições a ministrar no mês seguinte, assim como outros elementos e esclarecimentos considerados necessários. Os monitores eram, deste modo, informados de qual seria o plano de cada lição. Nestes planos eram abordados os materiais necessários, os temas a lecionar, os cuidados a considerar, bem como as tarefas a trabalhar e os caminhos a seguir. Durante o CUT, o Boletim de Orientação dos Monitores era o do IMAVE (Almeida e Matos, 2011).

Os Guias de Trabalho eram entregues no início de cada ano letivo e eram constituídos por resumos pedagógicos destinados aos monitores, dando prioridade aos aspetos para os quais se julgava que estivessem menos preparados ou habilitados.

Eram entregues também Guias Administrativos, que consistiam numa ordenação sistematizada e exaustiva dos aspetos administrativos relativos ao CUT. Nestes guias encontravam-se desde as matrículas dos alunos, até as próprias classificações.

Os monitores também recebiam visitas dos Professores Assistentes ou Orientadores Pedagógicos, como forma de reforçar as relações entre a Telescola e os postos de receção. Estes visitavam os postos com uma periodicidade curta, mas não fixa, de forma a poderem controlar a atividade, orientar, aconselhar e consolidar a pretendida conjugação de esforços.

Sempre que houvesse necessidade, os monitores, os professores da TV e o Diretor da Telescola estabeleciam contactos diretos. Estes contactos podiam surgir de duas formas, ou os professores e/ou o diretor se deslocava/deslocavam aos postos, ou os monitores se deslocavam até à Telescola, ou seja, a Vila Nova de Gaia.

Os monitores colocavam a Telescola ao corrente do que se passava nos seus postos, quer a nível pedagógico, quer a nível administrativo, através das Fichas de Receção.

Para além das publicações acima mencionadas, existiam ainda outras não periódicas, também como orientação dos monitores. Em 1981, foi emitida uma publicação onde era referido como é que o monitor deveria proceder no Ciclo Preparatório TV. Embora na base desta modalidade, CPTV, o monitor apenas estivesse encarregado de assegurar a aula previamente planeada pela Telescola, o comportamento a ter durante a aula teria que ser controlado, embora deixando-lhe alguma liberdade. De forma a sistematizar o seu trabalho, separou-se a sua atividade em três funções principais: a preparação, a animação/controlo e a implementação da aprendizagem. A tarefa de preparação consistia em tudo o que antecedia a emissão. A função de animação/controlo representava o conjunto de ações que o monitor deveria levar a cabo durante a referida emissão, uma vez que se pretendia que este adotasse uma postura passiva. Por último, a de implementação da aprendizagem dizia respeito a tudo o que sucedia após a emissão. Neste espaço de tempo, o papel do monitor era mais ativo e autónomo, embora sempre sob as orientações da Telescola.

Como referido anteriormente, a função docente, neste tipo de ensino, encontrava-se então dividida entre um “professor” e um “monitor”. Ao primeiro competia a explicitação *ex-cathedra* dos conteúdos num plano distanciado e superior (em sentido figurado, mas também literal, já que a televisão deveria estar colocada num plano elevado); ao segundo, competia a exploração e consolidação em sala de aula das matérias ministradas pelo professor da TV (Costa, 2010).

No dia 10 de fevereiro de 1968, era criado na Telescola um Curso de Formação e Atualização de Futuros Professores do ciclo preparatório do ensino secundário, pela portaria n.º 23.217. A organização e o funcionamento do curso teriam a colaboração da Direção de Serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

Pela mesma portaria, seriam lecionadas aulas para os professores das seguintes disciplinas do plano de estudos do ciclo preparatório: Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal, Moral e Religião, Ciências da Natureza, Matemática, Desenho e Trabalhos Manuais, Educação Física, Educação Musical e Língua Viva. Seriam também ministradas outras aulas com o pressuposto da organização e orientação escolares.

Poderiam inscrever-se neste curso todos os candidatos que, exercendo ou não funções docentes, se encontrassem nas seguintes condições mínimas:

- a) Professores, que se encontrassem a lecionar na altura, adjuntos e auxiliares do 1º grau do 5.º, 8.º e 11.º grupos e mestres de Trabalhos Manuais do ensino técnico profissional;
- b) Indivíduos com a habilitação dos cursos de preparação dos professores adjuntos do 8.º e 11.º grupos de ensino técnico profissional ou em vias de conclusão desse curso no atual ano letivo;
- c) Pessoas com aprovação em todas as cadeiras que constituíam o plano de estudos do 3.º ano dos cursos das Faculdades de Letras e de Ciências e da Escola Superior de Belas-

Artes, da antiga e nova reformas, ou em vias de obtenção dessa aprovação durante esse ano letivo.

Poderiam igualmente inscrever-se os candidatos a professores de Educação Física, Educação Musical e Moral e Religião.

Pela mesma portaria, aos candidatos que obtivessem aproveitamento, era entregue um diploma de frequência do curso. Esse diploma assegurava-lhes:

- a) a preferência, dentro da mesma categoria, nos concursos para professores provisórios do ciclo preparatório do ensino secundário;
- b) a redução do tempo normal de estágio para professores do ciclo preparatório do ensino secundário, no caso de possuírem ou virem a possuir as habilitações académicas legalmente exigidas para o ingresso nesse estágio.

Durante o curso seriam solicitadas aos candidatos respostas a questionários ou a elaboração de temas sobre as lições ministradas. No período final eram realizados encontros dos candidatos que seguiram o curso com os respetivos professores. Durante o decorrer dos encontros seriam os candidatos, com exclusão dos que possuísem já o estágio para professores adjuntos do ensino técnico profissional, submetidos a uma prova escrita sobre matéria das lições ministradas.

No dia 22 de outubro de 1976, pelo Decreto-Lei nº 759/76, no seguimento de uma política de valorização do ensino através da profissionalização dos seus agentes, foi reestruturada a forma de recrutamento dos agentes de ensino dos postos oficiais do ciclo preparatório TV. As preocupações principais residiam na exigência da adequada preparação pedagógica para esses lugares de ensino (ficava garantido o emprego para os monitores que se encontravam na altura em funções que não fossem professores do ensino primário) e na necessidade de criação de novos postos de trabalho para profissionais de ensino.

Satisfazia-se assim, simultaneamente, a necessidade de monitores para o referido ciclo e a de aumentar o número de postos de trabalho, equiparando, tanto quanto possível, ao regime do ciclo elementar do ensino primário o regime do ciclo complementar do mesmo ensino e o do ciclo preparatório TV. Assim não se prejudicaria em nada os professores do ensino primário ao escolherem ou ao serem colocados em qualquer um destes ensinos. Aos monitores do ciclo preparatório TV, que tinham prestado serviço no ano de 1974/75 e que não fossem professores primários, continuava-se expressamente a garantir emprego.

Segundo o artigo 1.º deste decreto, os lugares dos postos oficiais de receção do ciclo preparatório TV e os lugares dos ciclo complementar do ensino primário eram equiparados aos lugares do ciclo elementar deste ensino, para todos os efeitos legais, designadamente contagem e qualificação de serviço, aplicando-se em tudo o que fosse compatível as disposições legais em vigor, na época, para o ciclo elementar.

Segundo o artigo 3.º, ainda do mesmo decreto, os monitores dos postos oficiais de receção do ciclo preparatório TV que não fossem professores do ensino primário, mas que estivessem na altura ao serviço, poderiam ser contratados para os lugares a que estavam afetos ou para outros pertencentes à rede do ciclo preparatório TV. Uma vez esgotadas as possibilidades de

preenchimento das vagas existentes com professores do ensino primário ou com os monitores referidos no nº1º deste artigo, poderiam então ser contratados indivíduos habilitados, pelo menos, com o curso complementar dos liceus.

2.8. Assistentes e Orientadores Pedagógicos

Quando a Telescola começou, em 1965, teve o cuidado de estabelecer uma efetiva supervisão sobre os postos de receção.

Os funcionários supervisores eram indivíduos com alguma experiência pedagógica e com perfil adequado ao cargo em questão. Foram designados de “professores-assistentes” ou somente “assistentes”. Evitou-se deliberadamente a palavra inspetores. Para esta função eram selecionados, normalmente, professores do ensino primário que lecionavam na Telescola. Em finais do ano letivo 1973/74, já se encontravam no terreno 22 assistentes, que percorriam 626 postos. Cada orientador tinha a seu cargo entre 25 a 40 postos, consoante a proximidade e a acessibilidade dos mesmos. Os assistentes, com a concordância do ITE, afirmavam que o número de assistentes não acompanhou o rápido crescimento do sistema. Como tal, no ano 1974/75, a proporção postos de receção/assistente melhorou um pouco com 35 assistentes para 916 postos mas, mesmo assim, os assistentes tinham dificuldades em levar a cabo as múltiplas e exigentes tarefas que lhes competiam.

De entre as funções dos referidos orientadores competia-lhes: aquando da abertura de um novo posto de receção, verificar se a previsão do número de alunos era suficiente; se existiriam na zona monitores com as habilitações exigidas para dirigirem o respetivo posto; se o local das aulas tinha espaço suficiente para as atividades previstas, se a população da aldeia estaria aberta a esta nova iniciativa; entrevistar todos os candidatos a monitores e realizar as recomendações necessárias ao ITE; visitar 6 vezes por ano os postos de receção da sua área, a fim de verificar se tudo decorria de acordo com o previsto, visitar esses mesmos postos de receção em outubro, mês do início de cada ano letivo, quando ingressavam novos alunos, novos monitores, entre outros, e, no final desta visita, tinham de efetuar o respetivo relatório que era posteriormente enviado ao ITE; garantir que cada estabelecimento de ensino estivesse apetrechado com os materiais e equipamentos necessários ao funcionamento desta modalidade de ensino; fazer chegar a cada posto, com a devida antecedência, as folhas de trabalho dos alunos; resolver, com prontidão e eficácia, quaisquer deficiências em caso de avaria de algum recetor ou gravador; informar as autoridades da Telescola de eventuais dificuldades dos monitores em certas disciplinas ou emissões; estar sempre contactável para, a qualquer hora do dia, poder esclarecer eventuais dúvidas aos monitores ou a qualquer interveniente da comunidade educativa; selecionar os alunos, de forma coerente, para a atribuição dos respetivos subsídios; aplicar o regulamento da assiduidade dos alunos, chegando mesmo a proceder à aplicação de entrevistas aos respetivos encarregados de educação, caso assim se justificasse; participar na aplicação dos exames, realizando o interrogatório das provas orais ou averiguando eventuais anomalias; resolver problemas que

surgissem nos postos de receção que envolvessem a comunidade educativa; participar nas mais diversificadas solenidades locais, em particular nas que se relacionavam com o posto.

Todas estas funções obrigavam estes assistentes a possuírem carro próprio, cuja manutenção estava a cargo do ITE, que lhes pagava uma ajuda de custo adequada por quilómetro percorrido em serviço oficial. Depois do 25 de abril, a instituição do assistente foi atacada, instaurando-se alguma anarquia, característica do período de revolução, mas que mais tarde voltou a ser reativada (OCDE, 1977).

Após o 25 de abril de 1974, era pretendido que um orientador pedagógico apresentasse: persistência, dedicação e iniciativa no que respeita à procura de soluções que estivessem relacionadas com a escola ou com a comunidade; sentido de responsabilidade perante a Comunidade Escolar, resolvendo os problemas que fossem surgindo; interesse pelas atividades escolares; capacidade para definir tarefas a realizar; boa integração/relação no trabalho de equipa; interesse pelo desenvolvimento de atitudes e valores que contribuíssem para a integração e intervenção democráticas; respeito pela personalidade de cada indivíduo; capacidade para aceitar os outros e para autoavaliar o seu comportamento e trabalho; capacidade para reforçar atitudes de solidariedade e entreaajuda; introdução de novas diretrizes para as situações de ensino aprendizagem por forma a torná-las mais interessantes e eficazes; capacidade para tomar decisões relativas à vida escolar e comunitária; estruturação e orientação do trabalho de forma coerente e eficaz; preocupação permanente em disponibilizar informações.

Posteriormente, a seleção de Orientadores Pedagógicos do CPTV passou a fazer-se ao abrigo do Decreto-Lei nº 909/76, de 31 de dezembro. O Instituto de Tecnologia Educativa (ITE) tinha necessidade de possuir um corpo pedagógico com a capacidade de desenvolver a necessária assistência e orientação no ensino do ciclo preparatório TV. Como tal, no dia 31 de dezembro de 1976, pelo Decreto-Lei nº 909/76, o ensino do ciclo preparatório TV passaria a ser orientado, em cada distrito, por dois orientadores pedagógicos, um destinado à área das “letras” e outro à das “ciências”. Estes orientadores possuíam ainda a função de prestar assistência técnico-administrativa aos postos de receção do ciclo preparatório TV.

Para além das funções atrás enunciadas, podiam também ser-lhes atribuídas pontualmente as seguintes tarefas:

- a) No que respeita à área de funcionamento pedagógico – fornecer orientação pedagógica e proceder à sugestão de procedimentos; realizar pareceres de natureza pedagógica sobre os mais variados assuntos, no que respeita à prática e organização das escolas; acompanhar e incentivar ações de ligação das escolas da sua área ao meio que as rodeava; incentivar a troca de ideias e o bom relacionamento entre os diferentes monitores que integravam a sua área de orientação;
- b) No que respeita à área de apoio técnico-administrativo: esclarecer e incentivar os monitores de cada posto em relação à organização administrativa; contribuir para que os planos de trabalho e os processos educativos fossem cumpridos pelos diferentes monitores; apelar no

sentido de que todo o material e equipamento existente se mantivesse operacional; proporcionar a ligação entre o EBM, os Centros de Área Educativa e as Delegações Escolares. Para além de todas as funções mencionadas, os orientadores deveriam efetuar visitas periódicas às escolas, assistir às aulas e proceder à elaboração de relatórios-síntese. Também fazia parte das suas funções realizar reuniões, por área geográfica, onde os monitores pudessem debater ideias e debater questões de ordem geral.

No final de 1970, e apesar da Telescola estar a crescer cada vez mais, os orientadores, já prevendo o seu final, começaram a reivindicar garantias de salvaguarda do seu estatuto profissional, no âmbito do sistema de ensino.

Assim, a 31 de dezembro, pelo Decreto-Lei nº 540/79, é prevista a integração dos Orientadores Pedagógicos do CPTV, até então afetos ao ITE, na Inspeção-Geral de Ensino. Este despacho saiu com a data de 10 de março de 1981 e regulamentava um curso de formação que tinha como objetivo proporcionar as condições necessárias para a respetiva integração. O referido curso foi ministrado entre os meses de julho e março, em Lisboa, na sede do ITE. Frequentaram a formação 37 Orientadores Pedagógicos, com o intuito de obter vantagens profissionais, embora a sua integração na Direção-Geral de Educação não tivesse sido fácil. Só mais tarde, alguns deles viram a sua pretensão realizada, outros não obtiveram classificações satisfatórias e outros acabaram por reformar-se antes mesmo do pretendido.

2.9. Alunos e sua Avaliação

Desde o início da Telescola que se reuniram esforços com o intuito de padronizar todo o sistema de avaliação dos alunos nos postos de receção de todo o país.

O instrumento deste processo de avaliação era uma bateria de testes que, em 1974, alcançaram uma certa complexidade. Como principais elementos tinham:

- a) Testes “objetivos” periódicos – Os alunos da Telescola realizavam seis testes por ano letivo, constituídos por questões de escolha múltipla nas disciplinas de Português, Matemática, Francês, Ciências, História e Geografia. Estes testes tinham uma duração de 50 minutos, eram elaborados pelo grupo de professores responsável pelas emissões, as respostas eram processadas por um computador IBM e classificadas na sede do ITE.
- b) Testes “complementares” periódicos – eram mais discursivos, complementavam os testes “objetivos”. Realizavam-se sempre a Língua Portuguesa, Matemática e Francês e apenas algumas vezes nas disciplinas de Ciências e de História e Geografia. Eram classificados pelos próprios monitores nos seus postos, de acordo com as instruções dadas pelo ITE.
- c) Notas dos monitores – os monitores tinham de atribuir uma nota a cada um dos seus alunos, de acordo com o seu nível de desempenho, dentro da escala de 0 a 20. Em algumas disciplinas, como artes, a única forma de avaliação era a nota atribuída pelo monitor.

- d) Testes orais – nas disciplinas de Português e Francês os alunos respondiam, uma vez por ano, a perguntas registadas em fita magnética. Estas eram enviadas para o ITE para posterior classificação. Os professores assistentes deslocavam-se de posto em posto para realizarem estas provas.
- e) Exame final – No final do curso, realizava-se o exame final, semelhante aos testes anteriores, no entanto mais extenso e sujeito a uma supervisão mais estrita.

Na avaliação final, para a concessão do diploma, eram contempladas tanto as classificações dos testes “objetivos” e “complementares”, como a classificação do exame final.

Existia um processo individual para cada um dos alunos da Telescola, que registava os seus progressos e servia de base para a transição do 5º para o 6º ano, assim como para o certificado final do 6º ano. As respostas às questões que compunham os dois tipos de testes atrás enunciados eram convertidas, pelos professores da TV, em curvas de distribuição. Qualquer anomalia detetada nessa curva alertava-os para a necessidade de melhorar a correlação entre o ensino e a pergunta. Para o monitor, se os resultados se apresentavam normais, atestava que os seus alunos estavam a realizar progressos satisfatórios. Se a pontuação média dos seus alunos se situasse 3 pontos acima ou abaixo da média geral, numa escala de 0 a 20, era de esperar a visita de um assistente responsável pela inspeção do posto. Com essa visita, o assistente teria de consultar o monitor e realizar um relatório para o ITE propondo uma justificação para essa anomalia.

Estes assistentes visitavam os postos de receção com o intuito de esclarecer eventuais dúvidas aos monitores, quanto ao modo como deveriam ser aplicados os testes, e supervisionar a aplicação da seguinte série de provas de avaliação.

A taxa de reprovações da Telescola em 1974/75 foi de cerca de 7% em ambos os níveis. Comparando com o ensino direto, a percentagem de repetências no 5º ano foi de 15% e no 6º ano de 20% (OCDE, 1977).

A portaria n.º 22.113, de 12 de julho de 1966, veio legislar a matrícula, a frequência e o aproveitamento dos alunos no CUT.

Os alunos que pretendessem frequentar o CUT deviam, em cada ano letivo, inscrever-se num posto de receção e, através dele, matricular-se na Telescola. A primeira inscrição e matrícula dependiam da aprovação no exame da 4.ª classe do ensino primário ou de habilitação equivalente. A primeira inscrição e matrícula só se podiam efetuar mediante a apresentação dos seguintes documentos:

- 1) Boletim de matrícula;
- 2) Documento comprovativo das habilitações escolares;
- 3) Certidão do registo de nascimento;
- 4) Atestado médico comprovativo de que o interessado não sofria de doença contagiosa e de que fora revacinado dentro dos prazos legais;

5) Uma fotografia.

O prazo normal de inscrição e matrícula decorria de 1 a 15 de setembro, mas a entrega dos documentos referidos podia fazer-se até 15 de outubro. Posteriormente, a 15 de setembro, os interessados apenas podiam inscrever-se e matricular-se mediante aposição no boletim de matrícula de um selo fiscal de 100\$ ou de 200\$, além de 30\$, conforme o fizessem até 30 de setembro ou até 15 de outubro. Depois de 15 de outubro, as inscrições e matrículas apenas seriam admitidas em casos excepcionais devidamente justificados com base em autorização do Ministro da Educação Nacional e nunca para além de 31 de dezembro.

A matrícula dos alunos efetivar-se-ia através do envio para a Telescola, pelos encarregados de postos de receção nos cinco dias subsequentes ao termo de cada um dos prazos mencionados acima, dos documentos entregues, excetuando os duplicados dos boletins de matrícula, que ficavam nos postos de receção como títulos de inscrição. Os encarregados de postos deveriam também enviar uma relação normativa dos respetivos alunos, escrita em impresso fornecido pela Telescola.

Pela mesma portaria, o aproveitamento dos alunos do CUT seria apreciado através de provas de aproveitamento, de exercícios de controlo, de trabalhos de alunos enviados à Telescola, da observação local das atividades escolares, de informações cedidas pelos monitores, de provas especialmente organizadas para determinação das suas aptidões e outros meios conducentes a esse fim e de informações fornecidas pelos encarregados de educação em resposta a questionários especialmente elaborados para o efeito.

Pela mesma portaria, os alunos seriam classificados em função do seu aproveitamento. A cada aluno seria atribuída, por período, uma nota de 0 a 20 valores, em cada uma das seguintes disciplinas: Língua da Pátria, História da Pátria, Ciências Geográfico-Naturais, Matemática, Desenho, Trabalhos Manuais e Francês. A cada disciplina correspondia uma classificação anual, igual à média, não arredondada, das notas de período. O aluno perdia a frequência em dois casos: o primeiro, se num dos períodos tivesse classificação inferior a 5 valores, salvo se o facto de ser somente com relação a uma disciplina e noutra alcançar, no mesmo período, nota superior a 13 valores; o segundo caso, se o aluno tivesse classificação anual inferior a 6,5 valores nalguma disciplina ou inferior a 9,5 em mais de uma.

Aos alunos que não perdessem a frequência seria atribuída, em cada ano, uma classificação final de frequência. Essa classificação era estabelecida com base na média, arredondada, das classificações anuais das respetivas disciplinas. Esta média seria ponderada pela apreciação específica dos elementos referidos anteriormente, que ainda não tivessem sido considerados para o efeito de classificação e pela apreciação global de todos eles, sofrendo a correção que se considerasse justa.

Obtinham aprovação na frequência de um ano os alunos que nela alcançassem a classificação final mínima de 10 valores. Os alunos que obtivessem aprovação na frequência do 1º ano podiam matricular-se no 2º ano, e os aprovados na frequência deste seriam admitidos ao exame final do curso.

A classificação do exame final era ponderada por todos os elementos de apreciação do aluno, sintetizados nas classificações de frequência dos dois anos. Os alunos que obtivessem aprovação no exame final ficavam com as habilitações do 1º ciclo liceal e do ciclo preparatório do ensino técnico profissional.

Pela portaria n.º 22.643, de 21 de abril de 1967, foi estabelecido o regime dos exames finais do CUT. Os exames finais do Curso Unificado da Telescola eram constituídos por provas escritas e provas orais, onde eram avaliados todos os conteúdos abordados ao longo dos dois anos do curso. As disciplinas com prova escrita e oral eram Língua Pátria e Francês, e as disciplinas apenas com prova escrita eram História Pátria, Ciências Geográfico-Naturais e Matemática. Existia apenas uma época de exames, com início após o termo do ano letivo. As provas orais poderiam, no entanto, realizar-se preliminarmente, relativamente a todos os alunos do 2º ano.

Os exames seriam orientados e classificados por um júri único, que tinha como presidente o diretor da Telescola, como vice-presidente o diretor do curso unificado, e como vogais os professores da Telescola. O diretor da Telescola poderia delegar no diretor do curso unificado a presidência do júri, quando devidamente justificado e mediante prévia autorização do presidente do IMAVE. Também faziam parte do júri os professores que fossem necessários para a classificação das provas escritas.

O país era dividido em áreas para o efeito da realização dos exames e em cada uma delas o júri tinha um delegado, que deveria ser também professor. As áreas e os delegados poderiam ser diferentes para as provas escritas e para as provas orais.

Só seriam admitidos a exame os alunos que tivessem obtido aprovação na frequência do 2º ano. A Telescola enviava para os postos de receção as relações dos respetivos alunos que se encontrassem nessas condições. A fim de poderem ser admitidos a exame, os alunos deviam apresentar os respetivos boletins individuais nos seus postos de receção até à véspera do início das provas escritas. Os boletins eram conferidos pelos delegados do júri e por eles remetidos à Telescola.

Para fins da realização da prova escrita, os alunos poderiam ser agrupados por vários postos de receção pertencentes à mesma área. As referidas provas seriam prestadas perante o delegado do júri e, pelo menos, de um dos monitores dos postos. A sua aplicação poderia ser em algum ou alguns dos postos de receção, ou então noutros estabelecimentos de ensino da área, com a concordância do diretor, no caso de os estabelecimentos serem particulares.

O calendário da realização das provas era anualmente estabelecido, estando prevista a organização de vários turnos, consoante as possibilidades de agrupamento de alunos. As provas orais seriam prestadas por cada aluno, no seu próprio posto de receção, na presença do delegado do júri e do monitor, e poderiam ser gravadas em fita magnética.

Ainda pela portaria nº 22.643 competia ao delegado do júri organizar o serviço de exames dentro da sua área.

No que respeita às provas escritas incumbia-lhe designadamente:

- a) Proceder, na presença dos monitores, à verificação da inviolabilidade dos sobrescritos que continham as provas;
- b) Providenciar a distribuição dos examinandos pelas salas, em condições que permitissem a eficiência dos serviços de fiscalização;
- c) Assegurar que todas as provas começavam precisamente à hora indicada e que tinham a duração exata prevista para cada uma delas;
- d) Conferir a identidade dos examinadores e rubricar as respectivas provas durante a sua prestação;
- e) Impedir a entrada de pessoas estranhas nas salas onde se realizavam as provas;
- f) Proceder, na presença dos monitores, à recolha e ordenação das provas e ao seu encerramento em sobreescrito lacrado;
- g) Remeter as provas à Telescola pela via que considerasse mais rápida e mais segura, usando para o efeito as cautelas necessárias.

Da mesma forma, o delegado do júri enviaria para a Telescola as fitas magnéticas das provas orais, no caso de se ter procedido à sua gravação.

No caso de fraude do aluno, as suas provas seriam anuladas, não podendo repeti-las nesse mesmo ano letivo. As provas escritas tinham uma duração de 90 minutos e poderia ser realizada mais do que uma prova por dia. As provas orais tinham uma duração máxima de 10 minutos por aluno.

Os alunos poderiam inscrever-se na segunda chamada, caso tivessem sido absolutamente impedidos de comparecer à primeira por motivo de força maior. Esta inscrição dependia do diretor da Telescola, que seria concedida mediante a apresentação de um requerimento, apresentado dentro das 48 horas seguintes à falta do instruído com documento comprovativo do motivo desta. Nesta segunda fase, os alunos eram concentrados nas capitais de Distrito para realizarem as provas.

As provas escritas eram distribuídas pelos vogais do júri ou pelos professores a estes agregados, para que as apreciassem e propusessem as respetivas classificações.

A apreciação e proposta de classificação das provas orais competia ao delegado do júri perante quem fossem prestadas. Quanto à Língua da Pátria e Francês, o professor que apreciasse a prova escrita propunha também a classificação global da disciplina, conjugando as classificações da prova escrita e oral. A classificação final do exame seria feita pelo júri, em conferência.

O júri estabelecia a classificação das várias provas e disciplinas e a classificação final dos exames, tomando por base as classificações propostas; utilizava como fator de ponderação todos os elementos de apreciação dos alunos, sintetizados nas classificações de frequência dos dois anos do curso, e lavrava os respetivos termos. Os alunos não poderiam recorrer das decisões do júri.

As provas orais tinham avaliação qualitativa com as nomenclaturas de Mau, Mediocre, Suficiente, Bom e Muito Bom, enquanto as provas escritas eram classificadas em termos numéricos, na escala de 0 a 20 valores, segundo as respetivas cotações e sem

arredondamento. A classificação global da disciplina de Francês e da disciplina Língua da Pátria eram expressas também em termos numéricos, de 0 a 20 valores, sem arredondamento.

A classificação final do exame seria obtida através da média aritmética das classificações de todas as disciplinas, arredondada às unidades.

Consideravam-se aprovados, em princípio, os alunos que obtivessem classificação final igual ou superior a 10 valores. Porém, se essa classificação não fosse pelo menos de 14 valores, o aluno ficaria excluído, desde que se verificasse alguma das seguintes circunstâncias:

- a) Ter classificação de Mau em qualquer das provas orais;
- b) Ter classificação inferior a 6,5 em qualquer das disciplinas;
- c) Ter classificação inferior a 9,5 em mais de uma disciplina.

A Telescola expediria as instruções que se tornassem necessárias sobre o serviço de exames finais.

2.10. Extinção

No dia 25 de junho de 2002, pelo Despacho n.º 14 263/2002, iniciou-se então a extinção gradual dos postos onde funcionava o EBM e foram encerrados 36 postos a nível nacional. Com este despacho foi encerrado, na maioria dos 36 postos, o 5º ano de escolaridade a partir do ano letivo 2002/03 e o 6º ano após o ano letivo 2003/04. Como consequência, em 2004/05, o EBM estaria completamente extinto nestes 36 postos. Os postos referidos neste Despacho encontravam-se por todo o Continente: 14 deles eram da Direção Regional de Educação do Norte, 15 pertenciam à Direção Regional de Educação do Centro, 4 pertencem à Direção Regional de Educação de Lisboa e 3 da Direção Regional de Educação do Alentejo.

No dia 21 de outubro de 2002, com o Despacho n.º 22549/2002, mais um posto do EBM foi extinto. Este posto pertencia à Direção Regional de Educação do Algarve.

No dia 22 de agosto de 2003, pelo Despacho n.º 16 407/2003, procedeu-se à extinção de mais 250 postos por todo o país. Com este Despacho foi encerrado, na maioria dos 250 postos, o 5º ano de escolaridade a partir do ano 2003/04 e o 6º ano depois do ano 2004/05. Assim, no ano letivo de 2005/06, o EBM estaria totalmente extinto nestes 250 postos. Dos 250 postos, 119 pertenciam à Direção Regional de Educação do Norte, 36 à Direção Regional de Educação do Centro, 34 pertenciam à Direção Regional de Educação de Lisboa, 57 eram da Direção Regional de Educação do Alentejo e 4 da Direção Regional de Educação do Algarve.

CAPÍTULO III - QUADRO METODOLÓGICO

Este capítulo é composto por cinco partes que descrevem e justificam as questões metodológicas que a investigação levantou no âmbito deste estudo: Investigação de Natureza Interpretativa, Características da metodologia de investigação qualitativa, Métodos de recolha de dados, Processo de recolha de dados e Participantes do estudo. Descrevem-se as opções metodológicas que foram utilizadas neste projeto, justificando a necessidade de recorrer a entrevistas mais ou menos prolongadas dos sujeitos envolvidos na investigação e de registar, tanto por escrito como por gravação da voz, todas as informações cedidas e as suas formas de pensar.

Caracterizam-se, também, as diferentes técnicas de recolha dos dados, utilizadas no desenvolvimento do estudo. Referem-se os procedimentos empregues: a realização de entrevistas, a recolha de documentos cedidos pelos antigos monitores (folhas de trabalho, livros do aluno, boletins de orientação de monitores, fichas de avaliação sumativa, sugestões de correção da ficha de avaliação sumativa, entre outros) e o tratamento das entrevistas realizadas a antigas monitoras.

É descrita a forma de seleção de cada uma das entrevistadas e procede-se à descrição das monitoras participantes.

3.1. Investigação de Natureza Interpretativa

A metodologia de investigação utilizada é de natureza qualitativa, predominantemente descritiva, e pretende-se:

1) recolher e analisar aspetos específicos relacionados com estas práticas e responder às seguintes questões:

- a) Qual a opinião sobre a necessidade da implementação da Telescola?
- b) Como foi o início da carreira enquanto monitor?
- c) Como decorreram as ações de orientação dos monitores?
- d) De que forma se processaram as emissões, os materiais, o currículo e a avaliação?
- e) Quais as dificuldades de implementação do método de ensino?

2) inventariar material produzido por estas participantes.

Nesta investigação, o problema começou por ser uma descrição do objetivo da pesquisa, propósito esse que se foi refinando como resultado da revisão de literatura e da recolha de dados. Trata-se de uma investigação através do recurso a entrevistas realizadas a antigas monitoras da Telescola, privilegiando a compreensão das informações cedidas, a partir da perspetiva e das experiências das entrevistadas, enquanto elementos essenciais da

investigação. Foram recolhidos materiais de apoio a esta modalidade de ensino, com o intuito de satisfazer o objetivo 2), encontrando-se a listagem em anexo.

3.2. Características da Metodologia de Investigação Qualitativa

Numa investigação qualitativa os fenómenos estudam-se tal como ocorrem, em ambiente natural. Não há manipulação de variáveis porque se entende que se compreendem melhor os comportamentos sem condicionamentos externos. A investigação qualitativa privilegia o contexto como fonte direta dos dados sendo o investigador o principal elemento de recolha, enquanto observador do que quer investigar. A investigação é essencialmente descritiva; os dados recolhidos apresentam-se normalmente num texto (texto das entrevistas, fotografias, gravações vídeo e áudio, documentos pessoais, artigos), e não com o aspeto numérico; incide mais nos processos (descrição e análise das ações, interações e discursos dos sujeitos) do que nos produtos; relaciona-se mais com o processo do que com os resultados.

As descrições narrativas da investigação qualitativa têm de ser ricas, sem presumir que nada é trivial ou pouco importante, pois cada detalhe pode ser útil para se compreender o fenómeno em estudo. Não se formulam hipóteses que os dados recolhidos confirmem/infirmem. Pelo contrário, primeiro recolhem-se os dados e depois é que se fazem sínteses indutivas no sentido de possíveis generalizações. A teoria nasce desde a base. O investigador qualitativo quer abrir novos caminhos para a compreensão do fenómeno que estuda e, por isso, as hipóteses avançadas numa fase prévia poderiam limitar os dados que se recolhem *a posteriori* causando desvios à compreensão do problema.

Para um melhor entendimento das informações cedidas pelos monitores, seguir-se-á de perto as principais características de investigação qualitativa referidas por Bogdan e Biklen (1994):

- Ambiente natural: os fenómenos estudam-se tal como ocorrem, em ambiente natural. Não há manipulação de variáveis porque se entende que se compreendem melhor os comportamentos sem condicionamentos externos.
- Os dados recolhem-se diretamente: o investigador interage com os participantes do estudo e, por vezes, é mesmo mais um participante.
- Descrições narrativas ricas: presume-se que nada é trivial ou pouco importante. Cada detalhe pode ser útil para se compreender o fenómeno em estudo. As descrições tomam a forma de palavras, desenhos, gráficos sem preocupações numéricas.
- Investigação orientada para o processo de compreender o como e o porquê de determinada conduta ou ação e que toma a forma de “funil” ao partir do problema geral para o específico.
- Análise indutiva dos dados: não se formulam hipóteses que os dados recolhidos confirmem/infirmem.

Pelo contrário, primeiro recolhem-se os dados e depois é que se fazem sínteses indutivas no sentido de possíveis generalizações. A teoria nasce desde a base.

- Perspetiva dos participantes: O investigador trata de reconstruir a realidade tal como é vista pelos participantes, sem definições predeterminadas ou ideias pré-concebidas. A ênfase na análise das auto percepções denomina-se “perspetiva fenomenológica”: o marco fenomenológico centra-se no significado e nas ações tal como as expressam os participantes e, como há múltiplas perspetivas ou visões do mesmo fenómeno, a “realidade” obtida é o significado subjetivo dos participantes.

- Desenho emergente: Muito embora os investigadores qualitativos também sigam um plano ou desenho de investigação, a diferença está em que o investigador qualitativo começa sem um desenho muito preciso do seu estudo e, à medida que a investigação evolui, o projeto inicial é modificado e reajustado, ou seja, é emergente. Há uma relação direta entre o problema e os dados.

3.3. Métodos de Recolha de Dados

A investigação de natureza qualitativa proporciona a possibilidade de gerar boas hipóteses de investigação acerca do ensino e da aprendizagem pelo facto de utilizar técnicas tais como entrevistas detalhadas e profundas com os sujeitos sob investigação, observações minuciosas das suas atividades e/ou comportamentos e análise de produtos produzidos (pelos sujeitos). A observação detalhada e de interação estreita com os sujeitos permite estudar os processos cognitivos que utilizam na construção do conhecimento dos conceitos (Lessard-Hébert e outros, 1994).

Existem três grandes grupos de técnicas de recolha de dados que se podem utilizar como fontes de informação nas investigações qualitativas: a observação; o inquérito, que pode tomar uma forma oral (a entrevista) ou escrita (o questionário); e a análise de documentos (Bogdan e Byklen, 1994). O facto de o investigador utilizar diversas técnicas para a recolha de dados permite-lhe recorrer a várias perspetivas sobre a mesma situação, bem como obter informação de diferente natureza e proceder, posteriormente, a comparações entre as diversas informações, efetuando assim a triangulação da informação obtida (Igea, et al., 1995).

3.3.1 Observação

Na metodologia qualitativa, o observador passa muito tempo no contexto a observar, com o objetivo de compreender melhor o fenómeno em estudo. Por vezes, o investigador pode ser também ele um participante ativo no estudo. Quando o investigador interage com os participantes, mas não é um membro do grupo, diz-se que é um observador participante. “Fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado” (Estrela, 1990, p. 31).

A Observação Participante é uma técnica não documental que se engloba no campo das metodologias de carácter qualitativo. Também é denominada de Observação Naturalista ou Descritiva, no campo da Psicologia, e por Observação Etnográfica, na Antropologia. Na

Observação Participante, o principal instrumento de pesquisa é o investigador, num contacto direto, frequente e prolongado com os atores sociais e os seus contextos. “A observação qualitativa é fundamentalmente naturalista, pois ocorre no contexto dos acontecimentos e das experiências daqueles que queremos observar” (Domingos, 2003, p. 108).

Mediante objetivos já previamente estabelecidos, o investigador terá uma postura reflexiva perante o observado, tomando notas, registando e recolhendo dados através dos instrumentos que achar convenientes no desenrolar da investigação. Para que esta técnica surta resultados satisfatórios, o observador terá de se adaptar ao meio observado, encarando-o como uma fonte de informação, mas também de aprendizagem. Isto deve-se, em grande medida, à complexidade do papel do investigador/observador participante, ao qual é exigido elevados níveis de concentração, discernimento e uma boa capacidade de relacionamento com outros indivíduos.

“Uma forma de tornar a observação participante mais eficiente é através do recurso a notas de campo, que devem ser detalhadas, extensivas e precisas. Podem ser notas de campo, por exemplo, o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha bem como a reflexão que faz sobre os dados” (Domingos, 2003, p. 109). As notas de campo podem ser de dois tipos: i) descritivas - notações e descrições precisas e minuciosas quanto possível (baixo grau de inferência) do ambiente, da aparência física e do carácter dos participantes, daquilo que dizem e a forma como atuam; ii) reflexivas - são especulações do investigador, expressões dos seus sentimentos, interpretações, ideias e impressões que vai formando a partir dos dados que observa.

No entanto, é importante que o investigador saiba separar a sua reflexão e análise do que é a informação descritiva real.

3.3.2. Inquérito

Uma conversa, em geral entre duas pessoas, conduzida por um dos intervenientes e com o intuito de poder interrogar a segunda sobre os seus atos, ideias e projetos, com o objetivo de utilizar essa informação para uma análise posterior, é denominada de entrevista. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, fazendo com que o investigador desenvolva uma ideia acerca da maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Santos, 2003).

As entrevistas neste método de investigação podem variar quanto ao grau de estruturação:

- a) Entrevista muito estruturada: se a entrevista for demasiado fechada e o entrevistador controlar demasiadamente, o indivíduo poderá não conseguir contar a história pelas suas próprias palavras. Esta entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo, embora permita com facilidade comparar dados entre indivíduos diferentes.
- b) Entrevista pouco estruturada ou aberta: quando o entrevistador pede ao sujeito para testemunhar sobre um tema de interesse e posteriormente explora-o mais

profundamente. O entrevistado tem um papel fundamental no conteúdo e na condução do estudo. Neste tipo de entrevistas é complicado comparar dados entre diferentes indivíduos.

- c) Entrevista semiestruturada: este tipo de entrevistas será o meio-termo comparando com as duas apresentadas anteriormente. Por um lado, reúnem-se dados de forma a poder comparar-se vários sujeitos diferentes, por outro, pode deixar de ser possível analisar como é que o sujeito estrutura o tópico em análise, uma vez que o indivíduo aprofunda apenas o que entende. Para realizar uma entrevista deste tipo, realiza-se um guião *a priori*, adaptável e não pré-determinado. Por norma é iniciada com tópicos gerais, seguindo depois com perguntas do tipo: Porquê? Como? Quando? Quem?, deixando que a conversa siga de modo contínuo. É uma entrevista que deixa flexibilidade ao entrevistador para introduzir novas questões, se assim o entender ("Metodologias de Investigação", 2009).

É necessário ser-se paciente para se realizar uma boa entrevista, de forma a compreender porque é que determinado indivíduo respondeu daquela forma, sendo, muitas vezes, preciso esperar para encontrar uma explicação total. Para fazerem um bom trabalho, os entrevistadores terão que assumir o papel de detetives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, recolher e analisar documentos pessoais e oficiais, numa tentativa de compreender a perspetiva pessoal do sujeito.

Para qualquer um dos graus de estruturação da entrevista, com vista à obtenção de uma boa análise, poder-se-á recorrer à gravação da mesma. Assim, posteriormente poder-se-á ouvir, as vezes consideradas necessárias, a mesma entrevista e retirar o máximo de informação possível.

3.3.3. Análise documental

A análise de documentos pode ser usada numa investigação segundo duas perspetivas: servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis para o objeto em estudo, e ser o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo, de um projeto e, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprio (Bell, 1993). Para se abordar a análise documental importa clarificar o conceito de documento: impressão deixada num objeto físico por um ser humano que pode apresentar-se sob a forma de fotografias, de filmes, de diapositivos, de endereços eletrónicos, impressa (a forma mais comum), entre outras (Bell, 1993).

Pode afirmar-se que os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos, com a finalidade de lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação (Flores, 1994).

3.4. Processo de recolha de dados

Apresenta-se a seguir alguns procedimentos de recolha de dados que foram utilizados no presente estudo, como é o caso da realização de entrevistas, da análise de variados documentos recolhidos e da procura e inventariação dos materiais reunidos.

Começa-se por fazer uma pesquisa dos documentos legais, por forma a contextualizar legalmente esta modalidade de ensino e, para uma contextualização histórica, é necessário pesquisar em diversos documentos.

É também necessário proceder à seleção dos entrevistados. Depois de escolher os participantes deste estudo, procede-se à realização das entrevistas, que serão, neste caso, entrevistas semiestruturadas. Com o intuito de realizar estas entrevistas, será elaborado um guião, por forma a conduzir as mesmas no sentido a que esta Dissertação se refere.

As entrevistas serão gravadas através de uma câmara de filmar e registadas em documento, uma vez que o registo das conversas com os monitores permitirá uma análise mais sistemática e objetiva, não correndo assim o risco de se perder alguma informação relevante.

Todas as monitoras entrevistadas autorizaram a publicação dos seus testemunhos neste trabalho.

3.5. Participantes do estudo

Foi utilizada para a seleção das antigas monitoras a entrevistar a técnica da amostragem da bola de neve, isto é, pediu-se à primeira pessoa entrevistada que recomendasse outras. Para a investigação era importante que, pelo menos algumas das monitoras tivessem lecionado nos anos iniciais de funcionamento da Telescola.

A seleção das monitoras revelou-se simples, uma vez que uma das entrevistadas, a professora Célia Patuleia, foi minha professora no ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Esta professora utilizava as videocassetes da Telescola nas nossas aulas, como tal, sabia que tinha sido monitora deste tipo de ensino. Dirigi-me a sua casa e questionei-a acerca da sua possível participação nesta investigação, tendo-se prontificado de imediato a colaborar. Esta professora, lecionou durante os primeiros anos da Telescola. Pedi-lhe o contacto de outras monitoras da mesma época e foi assim que obtive o contacto da antiga monitora Maria Carolina Perdigão. A entrevista com estas duas antigas monitoras ocorreu em simultâneo numa pastelaria, e foi registada apenas por escrito, uma vez que o barulho não permitia gravação da voz das entrevistadas, tendo tido uma duração de cerca de duas horas e meia.

Através da minha mãe, soube que a professora de 1º ciclo Isabel Cardoso teria sido em tempos monitora da Telescola. Como a conhecia, telefonei-lhe de imediato e solicitei a sua colaboração neste trabalho. Realizei posteriormente a entrevista a esta monitora em sua casa, no Bombarral, a qual foi registada por escrito e gravada através de uma câmara de vídeo. A entrevista a esta última monitora teve a duração de cerca de três horas, pois, para além das perguntas e respetivas respostas, estivemos algum tempo a analisar materiais da modalidade de ensino em questão. Esta professora cedeu-me o contacto da antiga monitora Maria de Lurdes Filipe, também do Bombarral, que tinha sido sua colega na Telescola, embora tivessem

exercido funções em postos de receção diferentes. Contactei a mesma e, depois de ter obtido permissão, desloquei-me a sua casa para poder realizar a entrevista, que teve uma duração de cerca de duas horas. Tal como a anterior, foi transcrita e gravada com o auxílio de uma câmara de vídeo.

A minha professora de Hidroginástica, que foi aluna da Telescola, cedeu-me o contacto das suas antigas monitoras, duas irmãs que vivem no Salgueiro, aldeia do concelho do Bombarral. Depois da sua permissão, dirigi-me a casa de uma das professoras e entrevistei-as em conjunto, transcrevi e gravei esta entrevista que durou cerca de três horas. Saliento que uma destas entrevistadas, Maria Cecília, iniciou funções pela Telescola no ano letivo 67/68 onde permaneceu até ao ano letivo 95/96, ano em que se reformou.

Através de uma colega da minha atual escola, Escola Secundária Henriques Nogueira, consegui o contacto da antiga monitora Natividade Perdigão, residente na Moita dos Ferreiros, local onde lecionou pela Telescola. Esta última professora tomou a liberdade de convidar, para participar na entrevista, a antiga monitora Zita Silva.

O professor doutor José Matos cedeu-me o contacto da última entrevistada, Maria Veiga, a qual se mostrou disponível para participar neste trabalho. Uma vez que esta entrevistada reside em Coimbra, longe da minha residência, a entrevista foi realizada por via telefónica.

Os monitores que contribuíram para a execução deste estudo são:

Isabel Cardoso – para além de ter sido aluna na Telescola, foi também monitora deste tipo de ensino, de 1976/77 a 2001/02. O seu percurso decorreu desde as emissões em direto até à época das videocassetes. Numa primeira fase apoiava os alunos nas disciplinas que compunham as áreas das “ciências” (emissões em direto) e posteriormente tinha a seu cargo a área das “letras” (videocassetes). Lecionou o 1º e 2º anos em dois postos de receção diferentes, A-dos-Negros, concelho de Óbidos, e Moita dos Ferreiros, concelho da Lourinhã. Atualmente é professora primária no Bombarral.

Maria de Lurdes Venâncio de Carvalho Filipe – iniciou funções na Telescola em 1980 e terminou em 2002. Teve a seu cargo as disciplinas da área de “ciências”. Também passou pelas emissões em direto, bem como pelas videocassetes. Lecionou o 1º e 2º anos em dois postos de receção, Reguengo Grande e Moita dos Ferreiros, ambas as localidades no concelho da Lourinhã. Depois ingressou no Ciclo Preparatório do ensino Direto, onde se mantém até hoje.

Maria Carolina Martinho Colaço Jesus Perdigão – lecionou pela Telescola de 1966/67 a 1971/72. No ano letivo 1972/73 passou para o Ciclo Preparatório Direto, pois com a sua abertura deu-se o fim do seu posto de receção, em Vale Covo, no concelho do Bombarral. Esta professora, da parte da manhã, tinha uma turma do ensino primário e na parte da tarde lecionava ao 1º e 2º ano da Telescola disciplinas da área das “ciências”. Tinha acumulação de funções por na altura haver falta de professores. O seu posto de receção funcionava no edifício da Escola Primária.

Célia Maria dos Santos Pina Patuleia – lecionou na Telescola de 1968/69 a 1971/72, no Externato Académico do Bombarral (Ensino Privado) e lecionava tanto as disciplinas da área das “letras” como a das “ciências”. Este colégio era dirigido pelo padre Alberto Teixeira Dias. No ano

letivo 1972/1973 passou para o Ciclo Preparatório Direto, com instalações no Palácio Gorjão na vila do Bombarral. Esta professora tinha o seu horário completo na Telescola. Da parte da tarde, os alunos assistiam às emissões e procediam às explorações da matéria e, no dia seguinte, da parte da manhã, procediam ao término dos trabalhos, bem como ao reforço da exploração de conteúdos onde os discentes apresentavam mais dificuldades. Por ser monitora de uma instituição de ensino privado, os alunos tinham mais tempo para exploração de conteúdos. Esta professora dividia os alunos em pequenos grupos consoante as disciplinas onde apresentavam mais dificuldades e todos os dias, da parte da manhã, esclarecia dúvidas percorrendo cada um dos grupos.

Maria Cecília Marques Paulino da Fonseca – iniciou-se como monitora da Telescola no ano letivo 1967/68 e permaneceu neste tipo de ensino até se reformar, no ano letivo 1995/96. Até sensivelmente ao 25 de abril esteve em regime de acumulação. De manhã tinha uma turma de 1º ciclo e à tarde tinha 1º e 2º ano na Telescola, apoiando os alunos nas disciplinas da área das “ciências”. Juntamente com o seu pai fundou a Telescola na sua aldeia, Salgueiro. O seu posto de receção, ainda em regime privado, passou por dois edifícios. Só mais tarde, já enquanto escola oficial, passou para o edifício da escola primária.

Maria de Fátima Marques Paulino da Fonseca – iniciou-se enquanto monitora em 1974/75 e manteve-se neste tipo de ensino até ao ano letivo 2000/01. Foi monitora no posto da Telescola do Salgueiro, concelho de Bombarral. Tinha a seu cargo as disciplinas da área das “letras”.

Maria da Natividade Marques Gregório Barata Perdigão – foi monitora da Telescola 28 anos até se reformar, em maio de 1993. Tirou o curso no Magistério Primário e iniciou a sua carreira enquanto professora primária. Quando começou a lecionar pela Telescola, tinha uma turma da primária de manhã e de tarde na Telescola. O seu percurso decorreu desde as emissões em direto até à época das videocassetes. Numa primeira fase apoiava os alunos em todas as disciplinas, mais tarde apoiava os alunos nas disciplinas que compunham a áreas das “ciências”. Lecionou o 1º e 2º anos no posto de receção da Moita dos Ferreiros, concelho da Lourinhã. Este posto começou por funcionar na casa paroquial, em regime privado, e na altura do 25 de abril foi então oficializado, passando para as instalações da escola primária.

Zita Maria da Silva Mateus Leal e Silva – Não se recorda, ao certo, de quando começou a lecionar na Telescola, mas esta ainda funcionava na casa paroquial, em regime privado. Esta professora substituiu as monitoras desse posto sempre que as mesmas não podiam comparecer. Só depois, já a Telescola era oficial e se encontrava nas instalações da escola primária, é que se tornou então monitora desta modalidade de ensino. Lembra-se de assistir à revolução do 25 de abril através da emissão. Tornou-se monitora da Telescola ainda lhe faltava completar uma disciplina do 7º ano, o Latim. Reforça a falta dessa disciplina ao “assistente”, como refere no seu testemunho, mas ele desvalorizou essa situação, dizendo que, com certeza, a iria fazer em outubro. Mais tarde licenciou-se em História e foi lecionar para o ciclo preparatório direto.

Maria Marques Amaro Vieira Veiga – Tinha o curso do Magistério Primário. Começou a lecionar na Telescola no ano letivo 1973/74 em S. Silvestre, a 12 Km de Coimbra. Manteve-se neste tipo de ensino até 1994, quando o seu posto encerrou e regressou ao ensino primário. Esta professora iniciou a sua carreira em 1969 no ensino primário, tendo trabalhado, no ano letivo 1973/74 em regime de acumulação (de manhã dava aulas na escola primária e à tarde na

Telescola). No ano letivo 1974/75 optou pelo ensino na Telescola. Esta antiga monitora refere na sua entrevista que foi a Telescola que a motivou para concluir, em 1999, uma licenciatura em Português/Francês. Mais tarde, foi formadora no Instituto de Emprego e Formação Profissional. Neste momento, encontra-se aposentada.

As nove monitoras entrevistadas apresentam características distintas: lecionaram em postos de receção diferentes, em localidades e concelhos diferentes, tendo três das entrevistadas participado neste tipo de ensino numa modalidade privada; uma das monitoras foi juntamente com o seu pai fundadora de um posto de receção (privado) na aldeia do Salgueiro, concelho do Bombarral, e foi mesmo distinguida pela Telescola pelo seu excelente desempenho, recebendo uma menção honrosa; pelas anteriores experiências como professoras ou até mesmo por terem exercido estas funções em diferentes períodos; por seis das entrevistadas terem desempenhado este tipo de funções durante largos anos, tendo presenciando as alterações que foram ocorrendo, neste tipo de ensino, ao longo dos anos da sua existência. Devido a todas estas diferenças, o estudo torna-se mais aliciante e apelativo.

No entanto, a amostra utilizada na realização deste trabalho, sendo restrita, não permite retirar conclusões generalizadas a todo o território nacional.

CAPÍTULO IV - CONTRIBUTO DOS MONITORES

As diversas experiências e opiniões apresentadas pelas nove monitoras entrevistadas serão apresentadas neste capítulo, nomeadamente sobre: a sua visão sobre a necessidade da implementação da Telescola, o início da sua carreira de monitoras e as suas funções, as orientações dadas aos monitores, a caracterização das aulas dadas pela televisão, a caracterização dos materiais fornecidos, o currículo seguido, as dificuldades encontradas na implementação deste método, o processo de avaliação aplicado aos alunos e, por fim, algumas opiniões sobre a Telescola em geral.

4.1. Necessidade da implementação da Telescola

No decorrer das entrevistas, as monitoras referiram a sua opinião sobre a necessidade da implementação da Telescola no nosso país. Pela forma como foi descrita, poderá dizer-se que foi muito útil, não só por a considerarem um ensino de muita qualidade, mas também, e sobretudo, porque proporcionou aos jovens portugueses o prosseguimento de estudos. Isabel referiu

Se assim não fosse, os alunos ficariam privados do prosseguimento de estudos. As aldeias ficavam longe da sede de concelho, não existiam grandes transportes na altura e, como tal, a escola era inacessível a muitas crianças. Mesmo assim ainda tinha alunos que se deslocavam cerca de 3 quilómetros a pé para poderem frequentar a Telescola. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Segundo Maria Carolina, relativamente à importância deste tipo de ensino “Importantíssimo, estava vedado aos alunos o ensino para além da quarta classe” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

De acordo com Maria Veiga

Foi precisamente para a maioria dos miúdos fazerem não apenas a 4ª classe e darem hipótese de terem um bocadinho mais, para alargarem o nível de escolaridade. A maioria dos pais não tinha condições económicas para mandarem os meninos para a cidade. Diziam, na altura, que os meninos ricos iam na mesma para a cidade. Mas eu conheço arquitetos, médicos,..., que fizeram o 1º e o 2º ano na Telescola e não lhes fez diferença nenhuma. Eles até vinham muito bem preparados. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

As monitoras foram unânimes em afirmar que este modelo de ensino foi muito importante por ter possibilitado a tantos jovens, essencialmente do meio rural, terminar a escolaridade

obrigatória e o prosseguir os estudos, o que, de outra forma, teria sido impensável. Segundo Maria Cecília

Era um meio agrícola, pobre, com carências económico-sociais. Quando soubemos da existência da Telescola, pensámos logo que seria um bom veículo para proporcionar às crianças da região o prosseguimento de estudos para além da 4ª classe. Não havia nada no concelho. Incutíamos nos alunos o interesse e o gosto pela cultura. Muitos dos nossos alunos continuaram os estudos graças à Telescola.

Mentalizávamos os pais, essencialmente os que tinham algum poder económico, para a importância dos seus filhos prosseguirem os estudos. Muitos dos nossos alunos tiraram cursos superiores. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria Veiga salientou

Era uma época diferente, as condições económicas não eram favoráveis e foi uma maneira de abrir os seus horizontes. Foi muito positivo para a maioria dos meios rurais. A vantagem maior da Telescola foi ter levado a escolaridade aos sítios mais distantes deste país. Para os miúdos das aldeias perdidas por todo o Portugal, foi mesmo abrirem os olhinhos para outra realidade. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Pelos testemunhos, existia uma grande procura do ensino através da TV pelas populações rurais, tendo salientado uma das entrevistadas que, a certa altura, tinha mais alunos, no seu posto de receção, do que o ciclo preparatório direto, da mesma área.

Segundo Maria Cecília “Chegámos a ter mais alunos na Telescola do Salgueiro, aldeia do concelho do Bombarral, do que o ciclo direto no Bombarral. Tínhamos alunos do concelho de Óbidos e das Caldas da Rainha também, oriundos das aldeias limite destes concelhos com o concelho do Bombarral” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Maria da Natividade referiu “Tínhamos muitos alunos, para além dos meninos da Moita dos Ferreiros, vinham também de aldeias vizinhas e até do Bom Sucesso. Chegámos a ter duas turmas de cada um dos anos” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

A generalidade dos monitores referiu que teria sido complicado para esta geração de jovens concluírem o 2º atual 6º ano de escolaridade. As razões apresentadas foram: a falta de condições financeiras para se deslocarem até às escolas, que muitas vezes eram distantes; a falta de condições económicas para sustentar os filhos, uma vez que tinham de se alimentar fora de suas casas e pelo receio dos pais de que os seus educandos passassem o dia fora e

enveredassem, assim, por caminhos menos bons. Tê-los junto de suas casas era uma forma de os manter controlados. Segundo Maria de Lurdes

Se não fosse a Telescola, praticamente ninguém tinha estudado. Os pais não deixavam as crianças deslocarem-se até à Lourinhã (sede de concelho) para irem estudar, uma vez que tinham receio do que os filhos andavam por lá a fazer nos furos da escola. Consideravam perigosa essa deslocação. Como a Telescola era ao pé de casa estavam descansados, tinham sempre aulas, pois caso alguma das professoras faltasse, a outra encarregava-se das duas turmas. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Segundo Maria da Natividade, acerca da procura deste tipo de ensino “Tivemos sempre muitos alunos, se não fosse a Telescola muitos deles não tinham continuado a estudar, não existiam, na época meios para se deslocarem para o Bombarral ou para a Lourinhã” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Também é salientado por uma das monitoras entrevistadas que a falta de professores no Ciclo Preparatório, aquando da implementação da Telescola, era extrema e a sua implementação era uma forma de fazer face a este problema.

Maria Carolina salientou “Na época havia muita falta de professores e a Telescola surgiu como forma de resolução do problema” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Pelas entrevistas realizadas percebe-se que inicialmente a Telescola surgiu numa modalidade privada, funcionava normalmente em paróquias e que, mais tarde, após 25 de abril de 1974, esses mesmos postos foram oficializados. As aulas desta modalidade de ensino passaram então a funcionar da parte da tarde em escolas primárias, uma vez que de manhã decorriam as aulas do ensino primário. De acordo com Maria Cecília

Primeiro era particular, eu e o meu pai fundámos a Telescola aqui no Salgueiro, no edifício da Cooperativa de Máquinas Agrícolas. Mais tarde, ainda privado, passou para outro edifício. Depois passou para a escola oficial e aí as aulas decorriam na escola primária. Os alunos pagavam uma mensalidade [modalidade privada], uma quantia simbólica, cerca de 100 escudos, e muitos tinham bolsas de estudo. Essa verba ajudava na compra dos materiais escolares e na remuneração dos professores, era para as despesas da escola. Comprámos à nossa custa os televisores e as bancadas de carpinteiros. Já as carteiras foi a Câmara Municipal que nos emprestou. Todas as Telescolas que existiam nos arredores eram privadas e mais tarde, pelo 25 de abril, foram então oficializadas. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Segundo Maria da Natividade

Estive 28 anos na Telescola, iniciei a Telescola aqui na Moita dos Ferreiros. Foi o padre que pediu o alvará, e perguntou-me a mim, assim como às minhas colegas da escola primária, quem queria participar neste projeto. Eu prontifiquei-me de imediato. As aulas ocorriam por baixo da casa paroquial, existia apenas uma sala, destinada ao 1º ano. No ano seguinte, o padre arranhou uma outra sala, do outro lado da rua, para o 2º ano. Os alunos pagavam uma quantia ao padre. Por conseguinte, o mesmo pagava-me a mim. Recebia muito pouco, o padre ficava com a maior parte. Mais tarde, o padre quis desistir deste projeto e então eu, com o seu conhecimento, pedi o alvará em meu nome, pois achei que não fazia sentido os alunos ficarem sem a Telescola. Um ano depois oficializaram a Telescola e aí passámos para as instalações da escola primária. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Zita explica “Inicialmente comecei, apenas, por fazer substituições da Natividade [outra monitora] e de outra colega, ainda a Telescola funcionava na Casa Paroquial. Não me recordo do ano em que comecei ” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Maria Veiga referindo-se à Telescola afirmou “Veio substituir a quinta e a sexta classe. Era normalmente dirigida por um padre. Existiam padres que davam aulas e estas funcionavam agregadas às paróquias ou funcionavam em escolas primárias. A partir do 25 de abril passaram a ser oficializadas as escolas” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

Foi salientado que inicialmente alguns monitores trabalhavam em regime de desdobramento. De manhã davam aulas ao ensino primário e de tarde lecionavam na Telescola. Pelo 25 de abril de 1974 terminou o regime de acumulação de funções a que os monitores estavam autorizados, tendo os mesmos de optar ou pelo ensino primário ou pelo da Telescola. Segundo Maria Cecília

Até sensivelmente ao ano de 1974 (25 de abril) tinha uma turma de 1º ciclo de manhã e estava com o 1º e 2º ano da parte da tarde, depois tive de optar por 1º ciclo ou 2º ciclo, uma vez que já não podíamos trabalhar em regime de desdobramento, regime duplo. Nesta altura terminou a possibilidade dos professores poderem acumular funções. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria da Natividade informou “Até às 13h trabalhava na escola primária e às 14h iniciava na Telescola. Quando se deu o 25 de abril, tivemos de optar. Ou ficávamos a lecionar na escola primária ou então optávamos pela Telescola. Eu optei pela Telescola por considerar que era um ensino de muita qualidade e onde eu gostava mais de lecionar” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Segundo Maria Veiga

Em 1969 comecei a lecionar no ensino primário. Depois, no ano letivo 73/74, trabalhei em acumulação de manhã na escola primária e à tarde na Telescola. No ano letivo 74/75 optei pelo ensino na Telescola. Depois do 25 de abril os lugares da Telescola passaram a ser postos a concurso e nessa altura optei pela Telescola por ser mais perto e pela garantia de trabalho e porque também gostei deste tipo de ensino. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Pelo 25 de abril de 1974, a qualidade a que estava associada esta modalidade de ensino veio a regredir, voltando à sua anterior normalidade algum tempo depois. Zita revelou

No dia 25 de abril, os professores da TV, que estavam sempre à vontade nas emissões, estavam acanhados, intimidados e aí começámos a ver outras pessoas, que não conhecíamos, na emissão. Neste dia os alunos acabaram por perder a emissão. Depois deste acontecimento, as emissões eram uma tragédia, faltava tudo, não tinha nada a ver com a qualidade a que nos habituámos em anos anteriores. As emissões deixaram de ter a qualidade que tinham anteriormente, diziam que Portugal não tinha História. Passado algum tempo, voltou tudo ao que era e aí o ensino pela Telescola tornou-se novamente um ensino de muita qualidade. (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Foi evidenciado que esta modalidade de ensino era mais económica quando comparada com os gastos que acarretava o ensino tradicional.

Segundo Maria Carolina “Com este tipo de ensino poupava-se muito dinheiro por comparação com o ensino direto, em que o número de professores no 1º e no 2º ano era muito mais avolumado” (M.C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Célia explicitou

No Externato tinham apenas um professor, a quem pagavam mal, pois eu apoiava todas as disciplinas porque era mais económico. Entrava às 9h30 e saía às 12h30; voltava a entrar às 14h00 (hora da emissão) e saía pelas 17h30, mas na realidade ficava sempre até mais tarde. A minha remuneração era de 4000 escudos. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Para a generalidade das monitoras entrevistadas, foi uma pena esta modalidade de ensino ter terminado, uma vez que os alunos terminavam o 6º ano bem preparados para o prosseguimento de estudos.

Todas afirmam que adoraram a sua passagem pela Telescola e que aprenderam muito com esta experiência. Segundo Isabel

Adorei, tinha dezassete anos, e nas turmas da Telescola integravam poucos alunos, cerca de doze; quando iniciei a carreira tinha uma aluna com catorze anos, com três de diferença de mim, que era maior e mais forte que eu.

Os alunos eram muito bons, tanto a nível de aproveitamento como de comportamento, fazíamos coisas que hoje seriam impensáveis. Por exemplo, se os alunos estavam doentes e tinham de realizar provas de avaliação, uma das professoras olhava pelas duas turmas e a outra ia a casa do aluno para ele poder realizar a prova. As salas ficavam frente a frente e a professora que ficava espreitava as duas salas. Hoje, com os problemas de comportamento que existem, isso era impensável. Cheguei mesmo a ir da parte da manhã aplicar a prova a casa de um aluno, visto que as aulas se realizavam da parte da tarde. Só quando começaram os videogramas é que as aulas começaram a realizar-se tanto de manhã como de tarde [quando possível]. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Maria Cecília referiu

Todos os anos realizávamos festas de Natal, peças de teatro. Já mais tarde, quando havia mais flexibilidade, fazíamos visitas de estudo, a câmara emprestava o autocarro, visitas de estudo que eram autênticas aulas, com guiões e fichas para os alunos preencherem.

Houve uma comemoração dos 25 anos da Telescola, e eu recebi uma medalha e uma menção honrosa por ser uma das professoras que mais anos lecionou na Telescola e, claro está, pelo profissionalismo no desempenho desta atividade. As comemorações decorreram em Vila Nova de Gaia e as medalhas foram entregues pelo Secretário de Estado da Educação.

Foi uma vida inteira, tinha muito amor à Telescola. Quando me reformei, senti um vazio muito grande. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

As monitoras entrevistadas focaram que muita gente criticava esta modalidade de ensino sem conhecimento de causa. Muitos inicialmente diziam que era um ensino de segunda, sem qualquer conhecimento de causa, mas, mais tarde, vieram reconhecer que não era como pensavam.

Segundo Natividade “Inicialmente as pessoas, por não conhecerem, diziam muito mal da Telescola, diziam que não tinha futuro” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de Junho, 2012).

Zita afirmou “Quando fui para a Preparatória, inicialmente, toda a gente dizia mal da Telescola. Depois, mais tarde, já se dizia maravilhas da Telescola. Falavam mal, porque não tinham

conhecimento de como funcionava a Telescola, falavam sem saber” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Algumas das entrevistadas salientaram a sua satisfação, caso este ensino voltasse a surgir.

Segundo Maria da Natividade, opinião também partilhada por Zita “Se me dissessem que a Telescola iria surgir novamente, eu ficava muito satisfeita, só isto diz tudo” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

4.2. Início da carreira enquanto monitor

Pela legislação atrás descrita, nomeadamente a Portaria n.º 21.113 de 1965, para a função de monitor era necessário o 3.º ciclo do ensino liceal ou um curso médio.

De acordo com Isabel “Os professores denominados por “Professores Monitores” tinham o curso necessário para desempenhar esta atividade, o curso do magistério primário, hoje a atual Escola Superior de Educação. Os que eram apelidados apenas de “monitores” possuíam apenas o 7ºano [dos liceus]” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Pelos testemunhos, para quem estava em início de carreira ou possuísse ainda pouco tempo de serviço, ter dado aulas na Telescola foi muito útil, já que aprendiam muito sobre a função docente. Mesmo para os que já tinham alguma experiência no ensino, esta passagem pela Telescola tornou-se muito gratificante e enriquecedora.

Segundo Maria Cecília “A emissão funcionava também como uma aula modelo, aprendíamos muito com os professores da televisão, no que diz respeito às metodologias utilizadas para fazer chegar as matérias aos alunos” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Uma das monitoras salientou a necessidade de frequentar um curso de Inglês, aquando da implementação desta disciplina na Telescola, como forma de enriquecimento pessoal. Isabel salientou

Mais tarde [2000/2001], com a implementação da disciplina de Inglês, tive de ter mais formação, uma vez que o meu Inglês estava ao nível do atual 9º ano. Tive, por minha conta, de fazer um curso intensivo de Inglês no verão. Pediram-me então para ir lecionar esta disciplina noutra posto para além do meu, pois a monitora desse posto não tinha formação suficiente [tinha apenas o 7ºano dos liceus] para lecionar esta disciplina. A proposta realizada pelo inspetor consistia em deslocar-me ao posto da Moita dos Ferreiros para lecionar a disciplina de Inglês, enquanto a monitora desse posto iria lecionar a disciplina de Educação

Moral e Religiosa Católica ao meu posto (Reguengo). Eu acabei por não aceitar a proposta porque as despesas inerentes teriam de ser suportadas por mim e achei, portanto, que não se justificava o stresse de andar de um lado para o outro. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

4.3. Orientação dos monitores

No decorrer das entrevistas, foram salientados os Boletins de Orientação de Monitores e o apoio prestado pelos Orientadores Pedagógicos. Foram atribuídas várias denominações a estes profissionais: inspetores, assistentes, inspetor orientador e orientadores pedagógicos. Pela forma como foram descritos, poderá afirmar-se que eram muito úteis, e como tal, proporcionavam também a qualidade do ensino pela Telescola, dado que essas orientações estavam muito bem elaboradas e os orientadores davam conselhos para a melhoria da prática pedagógica dos monitores.

Foi salientada a importância de serem seguidas à risca as diretrizes impostas pela Telescola, tendo sido evidenciado o papel dos orientadores pedagógicos. Estes circulavam pelos postos de receção para se certificarem de que tudo corria de acordo com o previsto. Muitas das vezes, sem serem esperados, os orientadores batiam à porta, entravam e assistiam à aula. No final elaboravam um relatório que davam a ler e a assinar aos monitores. Depois evidenciavam no seu discurso pontos a manter e a aperfeiçoar. Isabel refere

À parte de tudo isto, existia um inspetor que aparecia sem avisar. Assistia às aulas para averiguar se as planificações estipuladas para aquele dia estavam a ser cumpridas, elaborava um relatório e no final da aula dava-o a ler e a assinar ao monitor. Inicialmente denominava-se por inspetor. Mais tarde, passou a ser apelidado por inspetor orientador, embora as suas funções continuassem as mesmas. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Segundo Maria de Fátima

Os inspetores eram rígidos, queriam que seguissemos à risca as folhas de trabalho. Mais tarde, na altura dos videogramas [1988/89], tínhamos muito mais liberdade. nenhuns professores, na altura, tinham uma vigilância tão apertada como nós, quinzenalmente ou mensalmente tínhamos a visita do inspetor. Às vezes chegávamos à escola, estava já o inspetor no carro para verificar se éramos pontuais. (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

De acordo com Maria de Lurdes

Tínhamos visitas periódicas do inspetor. Como tal [eu] tinha de ter a matéria em dia. O inspetor batia à porta, entrava, sentava-se no fundo da sala e fazia o registo do que se dava na aula. Verificava se estávamos atrasados ou se tudo coincidia com o previsto. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Maria da Natividade referiu

Existiam os assistentes, assistiam às aulas, era este mesmo assistente que trazia as cassetes para as provas orais do exame final. Como lecionava o ensino primário de manhã e ensinava na Telescola à tarde, chegava normalmente um pouco atrasada. Um certo dia, estavam as crianças na rua à minha espera, chega o dito “assistente”, colocou os miúdos dentro da sala e começou a fazer perguntas do tipo: É normal a professora chegar atrasada? Ele esteve do início ao fim. No final, quando se foi embora, os alunos contaram-me que o mesmo tinha realizado perguntas, mas que se tinham portado muito bem e que responderam, quando questionados, que a professora nunca chegava atrasada, que devia ter acontecido alguma coisa. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Segundo Zita, sobre as funções do assistente “O assistente verificava se tudo decorria de acordo com o previsto. Penso que realizava um relatório” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Maria Veiga salientou

Os monitores tinham de estar atualizados, tínhamos um boletim informativo para cada disciplina, recebíamos estes boletins em cada um dos períodos com toda a programação para o referido período. Estes boletins eram exclusivamente para o monitor, para saber o que iria ser dado naquele período.

Os monitores não podiam fugir muito do assunto. De vez em quando, o inspetor batia à porta, entrava na sala e assistia à aula, não avisavam. No final faziam um relatório que nós assinávamos e víamos se estávamos de acordo com o que estava escrito. Davam sugestões de melhoria, faziam críticas. Era uma crítica à aula, salientavam o que estava bem e o que estava menos bem, sugeriam práticas de melhoria. Surgiam-nos por vezes dúvidas que colocávamos aos orientadores e tentávamos resolvê-las em conjunto. Aquela autonomia e independência do ensino direto não existiam na Telescola. Tínhamos de cumprir as regras todas. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Conforme os testemunhos recolhidos, esta vigilância constante era muito enriquecedora para os monitores, apesar da ansiedade que as visitas dos inspetores provocavam. Funcionava como que um estágio contínuo, como referiu uma das monitoras.

Segundo Maria de Fátima “Assistia às aulas e verificava se as indicações estavam a ser cumpridas, elaborava um relatório onde mencionava se os objetivos da aula tinham sido atingidos. No final trocava impressões com o monitor, onde salientava pontos fortes e pontos a melhorar. Era um estágio contínuo” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Segundo Isabel “Enquanto professora aprendi imenso por ter participado neste tipo de ensino. Adorei trabalhar na Telescola” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Foi feita referência, no decorrer de uma das entrevistas, que a continuação de um monitor na Telescola dependia das informações prestadas pelo orientador aos seus superiores.

Isabel informou “A recondução do professor dependia das informações transmitidas pelo inspetor” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Relativamente à formação recebida, as monitoras referiram que frequentavam formações no início de cada ano letivo. Mais tarde, passaram a ter reuniões com mais frequência, como foi testemunhado numa entrevista. Existiam formações marcadas pelos orientadores, onde se discutiam novas indicações e legislações, assim como recebiam formação através da televisão. Também foram salientadas as formações ministradas pelos professores através da TV.

De acordo com Isabel

À parte disso, tínhamos reuniões num local que abrangia vários postos. Cheguei a ter reuniões na Atouguia da Baleia, onde se reuniam monitores de postos do concelho da Lourinhã, Óbidos e Peniche. Estas reuniões eram marcadas pelo inspetor/orientador da parte da manhã, pois não existiam aulas neste período. Nestas reuniões eram exploradas, por exemplo, novas legislações e novas indicações.

Antes de me iniciar como monitora da Telescola, tive uma semana de formação em Leiria. Para mim, foi fácil inteirar-me das minhas funções enquanto monitora, pois já tinha frequentado a Telescola enquanto aluna.

Ninguém era monitor sem receber primeiro formação. No início de cada ano letivo tínhamos formação e no final tínhamos de elaborar relatórios.

Numa fase posterior, a formação passou a ser quinzenal e decorria enquanto os alunos estavam em intervalo. Esta formação incidia nas diversas disciplinas e tínhamos de realizar um relatório e enviar posteriormente para Vila Nova de Gaia. Mais concretamente, os professores reuniam-se numa sala de aula e ouviam a respetiva cassette. No final, elaboravam, então, os relatórios. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Maria de Lurdes referiu

No início tive dificuldades, por não ter preparação específica para algumas disciplinas. Fiz formações de vários dias em Vila Nova de Gaia, onde nos pagavam tanto as deslocações como a estadia. Tive também formação com os professores das emissões em Torres Vedras e, salvo erro, em Lisboa também. Tínhamos muitas formações e, conseqüentemente, muitos relatórios para fazer.

As formações eram tanto presenciais como através das cassetes. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Maria de Fátima informou

Os monitores tinham uma atualização constante. Às quartas-feiras, as aulas iam apenas até às 16h00; a partir desta hora, os monitores tinham formação através da televisão. Posteriormente eram elaborados relatórios com base no conteúdo abordado. O inspetor, quando vinha à escola, pedia os relatórios para poder proceder à avaliação dos monitores.

No início de cada ano letivo tínhamos sempre uma semana de formação com os professores da televisão, em Leiria, Vila Nova de Gaia e Lisboa. Estes cursos com os próprios professores da Telescola só se realizaram depois do 25 de abril. Os cursos eram ministrados por áreas, “letras” (Português, Francês, História e Educação Moral e Religiosa Católica) e “ciências” (Ciências Naturais, Matemática, Educação Visual, Trabalhos Manuais, Educação Musical e Educação Física), uma vez que eram dadas por professores diferentes. (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria Veiga relatou

Havia também para o monitor imensas ações de formação no início e ao longo de todo o ano letivo, nunca em período letivo, sempre no final das aulas ou nas interrupções letivas do Natal e da Páscoa. Os inspetores, que eles chamavam de orientadores pedagógicos, é que nos davam essas ações. Estas ações decorriam normalmente em Coimbra, durante todo o ano e chegámos a ir ao Porto também para receber formação. Os orientadores pedagógicos tinham coisas que a Telescola mandava e trabalhavam-nas connosco, esclarecíamos dúvidas também. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Para além das funções já mencionadas, o orientador pedagógico tinha também como função verificar o estado do televisor e, mais tarde, também do vídeo.

Segundo Célia, salientando o trabalho desempenhado pelos orientadores “O inspetor, quando vinha, preocupava-se em verificar o estado dos televisores, a sua imagem e som. Caso a TV estivesse avariada, mandavam de imediato outra para a substituir” (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Foi referido por uma das monitoras que, para além do manual do aluno, existia um destinado aos monitores, onde os conteúdos eram apresentados de forma mais aprofundada. Segundo a mesma, este grau de dificuldade não estava relacionado com o grau de dificuldade dos conteúdos a apresentar aos alunos, mas sim com a valorização pessoal dos próprios monitores. Segundo Maria Cecília

Andávamos sempre em cursos, estávamos constantemente em atualização. Este tipo de ensino exigia uma atualização constante. Existia, para além do manual do aluno, o manual do professor, onde constavam os conteúdos a abordar com os alunos, mas de uma forma muito aprofundada, para que os professores pudessem aperfeiçoar e aprofundar os seus conhecimentos, tinham muitos conhecimentos científicos. O aprofundamento dos conteúdos dos livros dos professores era mais para sua valorização pessoal e profissional. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Relativamente aos Boletins de Orientação/Manuais destinados aos monitores, os mesmos referiram que neles estavam, passo a passo, as normas que deveriam seguir. Tudo era previsto pela Telescola. Estes apenas tinham de seguir as indicações enviadas. Segundo Isabel

Os materiais eram todos fornecidos e elaborados pela Telescola, nós apenas nos limitávamos a aplicar os materiais indicados. Sim, tínhamos orientações rígidas sobre o que tínhamos de realizar em cada uma das aulas. Tínhamos um livro para o monitor de “letras” e outro para o monitor de “ciências”, onde constavam todas as orientações para cada uma das aulas, que fichas se faziam ou se faziam trabalho de grupo ou individual. Estava, portanto, tudo programado ao pormenor. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Maria de Lurdes explicou

Até determinada altura existiam as folhas de trabalho. Os alunos assistiam à emissão e posteriormente resolviam a respetiva folha de trabalho e procedia-se à exploração dos conteúdos abordados na emissão.

Esclarecia dúvidas, tinha sempre a preocupação de cumprir com rigor o programado e de ligar a televisão à hora devida. Tínhamos apenas de cumprir o que nos diziam, estava tudo programado.

Os professores da Telescola tinham o trabalho realizado, tinham apenas de rever as matérias. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Segundo Zita, referindo-se aos materiais cedidos pela Telescola “Tínhamos uma folha muito bem organizada que nos facilitava o trabalho. Os materiais eram ótimos, nenhum professor no ensino direto conseguiria elaborar coisa semelhante, pois não tinha recursos para tal” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Algumas das monitoras que se mantiveram até mais tarde na Telescola salientam que as videocassetes [1988/89] lhes vieram trazer mais liberdade quanto à forma como ministravam as aulas. Salientaram até que, quando necessário, paravam a emissão para efetuarem breves explicações e voltavam a retomá-la quando assim o entendessem. Podiam até explicar primeiro a matéria e utilizar o vídeo apenas para consolidação de conteúdos, ao contrário do

que acontecia inicialmente. Também nesta altura podiam já gerir, da forma que bem entendessem, o tempo que deveriam aplicar a cada uma das diferentes disciplinas. Referem que esta alteração lhes permitiu respeitar os diferentes ritmos dos alunos. Segundo Isabel

Mais tarde, com as cassetes, tínhamos mais flexibilidade, no entanto, não nos podíamos descuidar muito para termos tempo para a exploração das matérias. Na altura dos videogramas, já o professor tinha mais margem de manobra. Podia primeiro o monitor abordar a matéria e depois mostrar o videograma para consolidar, ou vice-versa; podia mostrar o videograma e depois então explorar a matéria ou, às vezes, até mostrava no início e depois no fim, depois de explorada a matéria. Já na época dos videogramas “roubávamos” tempo às disciplinas mais práticas, não menos importantes claro, como Educação Visual, Trabalhos Manuais e Educação Moral e Religiosa Católica para dedicarmos mais tempo às disciplinas que enunciei. Nesta fase, utilizava também manuais do ensino direto, de onde selecionava exercícios e fichas de trabalho, uma vez que na Moita dos Ferreiros já existia, nesta última fase, fotocopiadora. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Maria de Lurdes partilhou

Em tempos já das videocassetes roubávamos tempo à Educação Física, pois por vezes estava a chover, para aprofundar mais outras disciplinas onde os alunos apresentassem mais dificuldades. Também neste período, como as emissões já não eram em direto, parava a cassette, quando necessário, para chamar a atenção dos alunos para algum pormenor, ou voltava mesmo atrás para poderem ouvir de novo com mais atenção. Colocava-se a cassette, explorava-se, faziam-se paragens (parava a cassette) para explorar determinado assunto. Com a introdução das videocassetes, o ensino era já muito semelhante ao ensino atual. Se necessário, voltava a repetir tudo e depois os alunos elaboravam a ficha prevista para o dia. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Maria Cecília referiu

Mais tarde, os videogramas proporcionaram-nos muita liberdade de ação. Até então, tinha de seguir, passo a passo, as instruções que nos davam. Não éramos obrigados a apresentar os videogramas em todas as aulas. Nas aulas de revisão, por exemplo, não aplicávamos os videogramas, tínhamos mais tempo para ação direta sobre os alunos. Já tínhamos liberdade para elaborar os nossos próprios materiais. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Segundo Maria de Fátima “Adorámos a altura em que as emissões em direto foram substituídas pelas videocassetes, pois ofereceu-nos muito mais liberdade para gerir as aulas” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Pelos testemunhos registados, foi claro perceber que tudo estava muito bem organizado e que os materiais cedidos eram de grande qualidade. Algumas das antigas monitoras chegaram mesmo a referir que não havia necessidade de alterar o que quer que fosse, pela qualidade apresentada. Segundo Maria Carolina

O IMAVE dava a metodologia (Boletim informativo). Eram-nos dadas todas as orientações, estava tudo muito bem organizado e programado. Não havia qualquer necessidade de fugir à planificação, uma vez que estava tudo muito bem feito. Vinha tudo do IMAVE, as emissões eram realizadas em Vila Nova de Gaia. Mensalmente, recebíamos na escola um caixote onde vinham todos os materiais a serem utilizados no mês. Tínhamos acesso aos mesmos com muita antecedência. Os alunos realizavam fichas de trabalho que vinham no boletim e eu tinha de as passar no quadro para eles as poderem realizar. (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria de Fátima explicitou

O Boletim era um livro (mensal). Este livro começava com um horário idêntico ao atual com as disciplinas e os respetivos horários. Nele constava, por dia, tudo o que ia ser abordado nas emissões e as orientações para os monitores relativas à exploração dos conteúdos. Este boletim estava muito bem organizado e estruturado. (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria da Natividade referiu, relativamente aos materiais “Eram bons, estavam muito bem estruturados e organizados. Os materiais enviados pela Telescola eram suficientes, não havia necessidade de preparar outro tipo de coisas” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

4.4. Aulas através da televisão

Uma das monitoras entrevistadas que lecionava num colégio privado, o Externato Académico do Bombarral, salientou, no seu testemunho, que trabalhava o dia todo. No período da tarde, os alunos ouviam as emissões e trabalhavam, posteriormente, os conteúdos abordados em cada uma das disciplinas, resolvendo as folhas de trabalho destinadas para aquele dia. No dia seguinte, era utilizado o período da manhã para terminar trabalhos inacabados ou para consolidar matérias onde os alunos apresentassem mais dificuldades. Segundo Célia, que participou nesta modalidade de ensino no seu período inicial

Eu dava aulas o dia todo. Da parte da tarde os alunos assistiam à emissão (cerca de 20 minutos) e depois eram aplicadas as folhas de trabalho, para aquele dia, e explorava com os alunos a matéria abordada. No dia a seguir, na parte da manhã, explorava conteúdos passados, agrupava os alunos por disciplinas consoante as suas dificuldades para trabalhar conteúdos onde os mesmos estavam menos bem preparados. Também aproveitava a manhã para terminar trabalhos referentes à disciplina de Trabalhos Manuais. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Pelas informações recolhidas, as aulas decorriam no período da tarde. Primeiramente, os alunos visionavam a emissão através da TV e depois decorria o período da exploração. Repetiam este procedimento tantas vezes quantas as disciplinas programadas para esse dia. Os alunos tinham normalmente dois professores, um destinado às disciplinas relacionadas com a área das “letras” e outro para as disciplinas da área das “ciências”. Os alunos mantinham-se sempre na mesma sala, quem trocava eram os monitores que, na mesma tarde, se encontravam tanto com o 1º ano como com o 2º ano. Enquanto uma turma estava com o professor das “ciências”, a outra turma encontrava-se a trabalhar as disciplinas da área das “letras”. De acordo com os testemunhos, esta situação assemelhava, em parte, este tipo de ensino ao ensino primário. Um único professor, no máximo dois, uma única sala e um único intervalo. Isabel refere

As aulas tinham início às 13h30 e iam até às 15h30/15h45, não me recordo muito bem. Neste período encontrava-me com o 1º ano e depois às 16h05 iniciava as aulas com o 2º ano. Os professores de “letras” e de “ciências” trocavam de sala, os alunos mantinham-se na mesma sala. Enquanto o professor de “letras” estava com o 1º ano, o professor de “ciências” encontrava-se com o 2º ano e vice-versa. Durante as aulas assistia-se à emissão, nesta altura em direto, e após o visionamento da mesma procedia-se à exploração das matérias abordadas na respetiva emissão. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Segundo Maria Carolina, referindo-se aos anos iniciais da Telescola “Eu lecionava Matemática Ciências e História. Nós éramos três professoras e então dividimos as disciplinas pelas três. Uma das minhas colegas dava a disciplinas relacionadas com as artes e a outra Português e Francês” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Segundo Maria Cecília, ainda sobre os primeiros tempos da Telescola

Iniciávamos as aulas pelas 13h15, tínhamos de cumprir o horário com muita rigidez, pois as emissões eram em direto. Existia um livro de ponto para registarmos os sumários, igual ao que hoje se faz. Após a emissão vinha a exploração, colocávamos questões aos alunos, esclarecíamos dúvidas e realizávamos as fichas de trabalho. Tínhamos um pequeno laboratório com os materiais necessários para realizarmos as experiências previstas.

Na disciplina de Educação Visual, os alunos assistiam também à respetiva emissão e posteriormente realizavam os trabalhos propostos.

Em Trabalhos Manuais, tínhamos várias opções de escolha dentro de uma determinada área.

As aulas tinham duas partes, a emissão com cerca de 15 ou 20 minutos e uma exploração onde se elabora um resumo da aula, existia um interrogatório para aferir a aquisição de conhecimentos e realizava-se uma ficha de trabalho.

Os alunos não mudavam de sala, quem mudava eram os professores das diferentes áreas. Enquanto o professor de “letras” estava com o 1º ano, estava o de “ciências” com o 2º ano e vice-versa. Às 16h00 tinham um intervalo para poderem lanchar e brincar. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria de Lurdes disse, relativamente ao dia a dia na Telescola “Era intenso, tínhamos apenas um intervalo. O horário era das 13h30 às 18h15. O professor tinha que estar sempre presente, uma vez que não existiam auxiliares de educação” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Segundo Maria Veiga

Os horários eram escrupulosamente cumpridos, pois era transmitido em direto de Vila Nova de Gaia, Monte da Virgem. Os meninos assistiam à emissão, de seguida tinham exercícios relacionados com os temas abordados e depois explorávamos as aulas, era assim que se dizia na altura, tiravam as dúvidas fazíamos o trabalho quase igual aos professores do ensino direto. Durante a emissão, os professores da TV faziam perguntas e o monitor apontava com o dedo, pois não se podia falar durante a emissão, para determinado menino e esse menino respondia. Os alunos participavam na aula. No início tinham folhas de trabalho que eram compiladas em dossiês e mais tarde vieram os manuais. Os alunos da Telescola nunca trocavam de sala, quem trocava eram os monitores, o das “ciências” com os das “letras”. Estes alunos apenas tinham dois monitores, era como que a continuação da escola primária, a filosofia do professor único. Enquanto eu estava com as “letras” no 1º ano estava a colega com o 2º ano com a área das “ciências”, e vice-versa. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Uma das monitoras salienta relativamente à disciplina de Francês que, depois da respetiva emissão, os alunos procediam às explorações das matérias através de uma cassete que era colocada num gravador. Foi referido também, por várias antigas monitoras, que os professores desta disciplina eram de nacionalidade francesa e, como tal, tinham uma ótima pronúncia. Segundo Célia, que foi monitora numa fase inicial da Telescola

Em Francês tínhamos um gravador. Depois de os alunos assistirem à emissão, procedíamos à exploração através de uma cassete que eu colocava no gravador. Os professores da emissão faziam perguntas e aguardavam pelas respostas, tal e qual como se estivessem dentro da sala. Depois davam a resposta correta ao fim de algum tempo. Os professores eram franceses e apenas falavam nessa língua. No primeiro ano praticava-se apenas a oralidade, só no final do 1º ano é que treinavam a escrita.

Os alunos realizavam provas orais nesta disciplina. O inspetor vinha à escola para ele próprio as realizar e outras vezes trazia com ele alguém para o fazer. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria da Natividade, referindo-se às aulas de língua estrangeira “O professor de Francês tinha essa mesma nacionalidade e, como tal, uma ótima dicção, primeiro uma professora e depois um professor” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Segundo Maria Veiga “Os professores de Francês eram fantásticos, não falavam uma palavrinha em Português, pelo menos durante as emissões. As aulas eram sempre acompanhadas de imagens, eram muito motivadoras” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

De acordo com as monitores entrevistadas, as aulas estavam todas muito bem programadas. Os professores da TV eram muito bons, tinham uma ótima dicção e apresentavam a matéria de forma clara, utilizando materiais didáticos muito apelativos, a que os professores do ensino direto não tinham acesso. O recurso às novas tecnologias motivava os alunos que frequentavam este tipo de ensino, pois muitos nem sequer tinham televisão em casa. Os alunos também gostavam muito destas emissões, uma vez que lhes permitiam ver coisas (o mar, aviões, monumentos, ...) que, de outra forma, dificilmente iriam conseguir ver.

Segundo Isabel

Os professores da emissão eram muito bons, tinham uma ótima dicção, comunicavam muito bem com os alunos, tal e qual como se estivessem com eles dentro da sala de aula. Faziam perguntas, aguardavam pela resposta (o monitor selecionava o aluno que dava a resposta) e após a pequena espera, davam a resposta correta.

Os professores da emissão formavam uma equipa que funcionava muito bem, eram pessoas dotadas de muitos conhecimentos, com amor à camisola. Mantiveram-se em direto para todo país por muitos anos. Seguido das emissões, procedia-se à exploração da matéria onde os alunos de todo o país realizavam as mesmas atividades. As emissões tinham muita qualidade, tanto as emissões em direto, como os videogramas. As emissões em direto eram a preto e branco. Nesta

altura ainda não existiam televisões a cores. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Sobre a qualidade do ensino pela Telescola, Maria de Lurdes explica “O ensino tradicional ainda não usava projetor e já nós na Telescola tínhamos emissões através da TV. Por exemplo, o sistema reprodutivo estava muito bem feito e explicado, através de imagens. Tínhamos na Telescola mais tecnologia, portanto mais motivação” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Segundo Maria Carolina

Sabíamos com antecedência o que iria ser tratado pelos professores da televisão e as perguntas que iam ser realizadas aos alunos por esses professores, embora só visualizássemos a emissão aquando dos alunos. As emissões tinham cerca de 20 minutos e de seguida procedia-se à exploração, que tinha a duração de 20 ou 25 minutos. Só mesmo se existisse um aluno doente, posteriormente pedíamos ao IMAVE a cassette com a respetiva gravação. Só em caso de força maior nos cediam as cassetes.

Naquela altura, a Telescola foi como uma “pedrada no charco”, muito inovadora. As emissões de muita qualidade, os professores eram muito bons, tinham muito conhecimento, eram os melhores dos melhores, topo de gama mesmo. As emissões eram muito ativas, nada monótonas. Era muito engraçado e lúdico, eram utilizados materiais muito inovadores e apelativos que nós não tínhamos nas escolas. Ainda tínhamos cerca de 30 minutos para explorar o que era explicado pelo professor da televisão. (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de Novembro, 2011)

Segundo Célia

Gostei muita da experiência, os professores eram muito bons e muito modernos. Encontravam-se muito bem preparados, tinham muita experiência, eram “topo de gama”. Os professores eram escolhidos a dedo nas faculdades, apresentavam todos uma boa imagem. As emissões eram em direto, através do canal 2, e eram muito boas. As emissões tinham muita qualidade, eram aulas muito bem preparadas pelos professores que as apresentavam. Eram professores universitários escolhidos a dedo. Os professores da televisão utilizavam recursos que eram essenciais à aprendizagem dos alunos e os do ensino direto não tinham. Os professores eram muito bons, muito comunicativos, “saltavam do ecrã”. Os professores da televisão faziam parte do todo, eles, eu e os alunos. Os professores eram escolhidos a dedo.

Os meios audiovisuais são ainda hoje muito úteis no ensino. Na disciplina de Ciências, as experiências eram realizadas pelos professores da televisão e apresentadas aos alunos; eles apenas assistiam. Os laboratórios onde eram

realizadas estavam muito bem apetrechados. As experiências eram apresentadas de forma muito detalhada, tudo era muito sistematizado. Os alunos não manipulavam os materiais, mas a forma como eram apresentadas as experiências permitia-lhes perceber muito bem as conclusões.

A geometria era dada de uma forma muito engraçada. O ensino da Telescola era muito variado, “agarrava-os mais”, pois muitos deles não tinham televisão em casa e, como tal, tudo eram novidade para os alunos. Os meios audiovisuais cativavam-nos. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria Cecília partilhou “A Telescola foi muito boa para os alunos, mas também para os professores monitores. As aulas estavam muito bem preparadas, foi material deitado à rua. Gastou-se tanto dinheiro para nada, não podíamos levar as cassetes para fazer cópias” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de Novembro, 2011).

Segundo Maria de Fátima “Muitos dos professores do direto nem preparação pedagógica tinham. Este era um ensino de vanguarda. Mesmo as pessoas que não estavam relacionadas com o ensino gostavam de assistir às emissões, quando estas eram em direto e diziam que aprendiam muito com as aulas da Telescola” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

De acordo com Zita

Boas, ótimas, os professores explicavam muito bem, tinham acesso a materiais que nós no ensino direto não tínhamos. Os professores da TV apresentavam muita qualidade, não iam colocar, é claro, na televisão um professor qualquer, pois muita gente tinha acesso a estas emissões. Eram docentes com muita vocação, escolhidos a dedo, sabemos que nem todos têm vocação para serem professores. Por exemplo, no ensino direto, era professor quem tinha formação para tal, não eram escolhidos por serem bons professores ou não. Enquanto professora de História, tenho noção que as aulas que eu dava no ciclo preparatório direto não tinham nada a ver com as dadas na TV, que eram aulas brilhantes, pois tinham recursos que nós nas escolas não tínhamos. (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Maria Veiga, relativamente às emissões

Normalmente eram boas, mesmo boas. Tiveram professores fantásticos, tiveram uma professora que tinha sido vereadora da Câmara Municipal do Porto, falava com as mãos e com os olhos, eles motivavam os alunos.

A Telescola foi vanguardista no que respeita aos materiais de apoio em sala de aula, relacionados com as novas tecnologias. Nessa época, a maioria das escolas do direto nem sequer um televisor tinha. As crianças daquela faixa etária são

muito estimuladas pela imagem, o ensino pela Telescola não era monótono, não estavam sempre a ler ou a escrever como acontecia no direto. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Também foi mencionado que muitos alunos tiveram o primeiro contacto com a televisão na Telescola. Uma das monitoras referiu mesmo que os discentes faziam escalas, entre eles, de quem manuseava os aparelhos, TV, gravador e, mais tarde, o vídeo.

Isabel, dando o seu testemunho enquanto antiga aluna da Telescola “Quando eu era aluna da Telescola, muitos de nós nem televisão em casa tínhamos; apenas na escola tínhamos acesso a ela” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Maria de Fátima, relatando o entusiasmo que os alunos tinham perante as novas tecnologias da época “Eu colocava os meus alunos a manusear os aparelhos, uma vez que muitos em casa não tinham acesso aos mesmos. Eles adoravam. Até faziam escalas para saber quem é que naquele dia ia ligar a televisão ou manusear o gravador.” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Algumas das monitoras referiram até que a emissão servia para elas próprias reverem os conteúdos a abordar com os alunos, logo após o visionamento da aula através da TV. Segundo Célia

Eu própria gravava as emissões (na altura em direto), por termos material para isso no Externato, para posteriormente mostrar aos alunos.

Os professores tinham uma ótima pronúncia e explicavam-se muito bem, eram muito bons comunicadores. Como tal, tinha a preocupação de gravar a emissão para voltar a mostrar aos alunos, caso houvesse essa necessidade. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Segundo Isabel “Ouvia a emissão com muita atenção, tirava apontamentos durante o decorrer da mesma, porque sabia o conteúdo das fichas a realizar pelos alunos. Como tal, utilizava eu própria a emissão para me recordar de conteúdos já esquecidos e assim conseguir explicá-los posteriormente aos alunos” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Maria Carolina afirmou, relativamente à utilidade das emissões “As emissões eram muito úteis, até para os monitores” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Por, inicialmente, as emissões serem em direto, existia uma grande preocupação por parte dos professores, de nunca faltarem, para que os alunos não perdessem nenhuma emissão, com o intuito de não os prejudicar e também para não sobrecarregarem o outro colega de posto, pois teria assim de olhar pelas duas turmas e prestar apoio em duas áreas distintas, a de “letras” e a de “ciências”. O que contribuía, segundo os monitores, para que este

ensino fosse muito eficiente, uma vez que os programas eram sempre cumpridos na sua totalidade. Por esta e outras razões, as monitoras informaram que este tipo de ensino estava organizado para que existissem poucas reprovações. Os conteúdos eram expostos de forma aliciante e sistematizada até que os alunos os conseguissem entender. Mesmo o facto de os alunos terem sempre aulas servia para o seu bom aproveitamento. Segundo Isabel

Também no ensino da Telescola os professores só podiam faltar por motivo de força maior, dado que as emissões eram em direto e, como tal, se o professor faltasse, os alunos perdiam a matéria prevista para aquele dia. Lembro-me de ir afónica para a aula e falava com eles por gestos, só para não faltar. Quando as emissões eram em direto, não se realizavam visitas de estudo, só mais tarde, já na época do videograma, os alunos tiveram acesso a este tipo de atividades. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Maria Carolina referiu

As escolas tradicionais não eram detentoras dos recursos utilizados na abordagem das matérias pelos docentes da emissão. Como tal, era mais fácil para os alunos da Telescola adquirirem os conteúdos previstos, existiam poucos chumbos. Os conteúdos eram abordados pelos professores da televisão de uma forma tão aliciante que compensava estas possíveis lacunas. Os conteúdos eram repetidos sistematicamente, os professores não faltavam. Mesmo que o monitor faltasse, os alunos assistiam à emissão, pois ia sempre alguém substituí-lo, caso houvesse necessidade disso. (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Segundo Célia

Os alunos ficavam muito bem preparados, os conteúdos eram muito bem trabalhados com os discentes, tanto pelos professores da emissão como por mim, tinha muito tempo para a exploração dos conteúdos. Os conteúdos eram repetidos sistematicamente, os professores não faltavam, mesmo que o monitor faltasse os discentes assistiam à aula, ia sempre alguém substituir o monitor, caso houvesse necessidade disso.

As emissões eram em direto e a preto e branco, decorriam no período na tarde. Estas emissões não paravam. Como tal, apenas no final podíamos esclarecer dúvidas. No seu final, procedia à exploração dos conteúdos abordados. O ensino era tão sistematizado ao nível da televisão que estava feito de forma a não existirem chumbos. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria Cecília, relativamente à preparação dos alunos pela Telescola “O programa era sempre cumprido e levavam uma grande bagagem para ingressarem no terceiro ano” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Natividade salientou a assiduidade dos monitores “Quando o monitor estava doente ia sempre alguém substituí-lo, o programa era sempre cumprido, os alunos tinham sempre aulas ao contrário do que acontecia no ensino direto. Os alunos não podiam ficar sem assistir às emissões, como tal era muito importante que tivessem sempre aulas.” (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Maria Veiga exemplificou

Tínhamos de cumprir com rigor os horários, se chegássemos 15 minutos atrasados os alunos perdiam esse tempo da emissão. Se algum monitor tinha de faltar, os meninos ficavam juntos a cargo do monitor que estava presente, ficava o colega sobrecarregado com a área das “ciências” e das “letras”, era uma forma de faltarmos apenas só em casos extremos. Os meninos nunca podiam ficar sem aulas. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Algumas monitoras referem que a elevada qualidade das emissões/videocassetes as levou mesmo a utilizarem-nas mais tarde no ensino direto e, mesmo durante a sua participação na Telescola, a emprestarem-nas a outros colegas que se encontravam no ensino direto.

De acordo com Maria de Lurdes

As emissões eram de muita qualidade. Usei-as posteriormente no ensino direto. As emissões das cassetes tinham entre 10 a 15 minutos, enquanto as emissões em direto tinham maior duração. Muito boas, emprestei a muitos colegas do ensino direto cassetes para gravar para poderem utilizar nas suas aulas. Eu própria, já no ensino direto, utilizei muitos materiais da Telescola. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Segundo a Portaria n.º 21.113 de 1965, o currículo a seguir no CUT seria igual ao do ensino direto, mas era composto pela disciplina de Francês. Todos os entrevistados revelaram que os programas eram iguais aos do ensino direto, embora os alunos na Telescola tivessem apenas a opção da disciplina de Francês, enquanto no direto tinham também a possibilidade de frequentar a disciplina de Inglês. Segundo as entrevistadas, uma das desvantagens da Telescola era não ter como opção o Inglês, por considerarem esta disciplina também importante ou até mais proveitosa que a de Francês, pelo menos a partir de determinada altura. Alguns alunos, quando ingressavam no 3º ano (o atual 7º ano), apresentavam algumas dificuldades de integração, por serem colocados em turmas que já possuíam dois anos de Inglês. Foi mencionado nas entrevistas que, nos últimos anos da Telescola, a disciplina de Francês foi substituída, em alguns postos de receção, pela de Inglês, pois existiam pressões nesse sentido, uma vez que a segunda era considerada mais importante para a formação dos alunos.

Segundo Isabel, “Nos últimos anos da Telescola foi substituída [quando possível] a disciplina de Francês pela de Inglês, uma vez que existiram pressões exteriores neste sentido, por se considerar o Inglês uma disciplina mais útil e proveitosa.” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Segundo Maria Cecília

As matérias eram iguais às do ciclo direto. A diferença era que no direto os alunos podiam optar pelo Inglês em vez do Francês e a Telescola apenas oferecia a última disciplina. Os monitores da Telescola tinham mais anos de Francês no seu percurso escolar, daí apenas terem esta disciplina. Tinham frequentado a disciplina de Francês durante 5 anos, enquanto a de Inglês por apenas 3 anos. O ensino direto aliciava os alunos utilizando o pretexto de também oferecerem o Inglês.

Não haver a possibilidade de opção de língua, uma vez que o Inglês mais recentemente era uma língua mais essencial, se comesçassem logo com o Inglês seria mais proveitoso para eles. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria Veiga disse, comparando os dois programas “Os programas eram iguais ao do ensino direto” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

Maria de Fátima considerou o seguinte sobre a integração dos alunos da Telescola no ensino direto “Os alunos eram integrados no 7º ano, no ensino direto, em turmas que já tinham 2 anos de Inglês, o que era muito injusto para os nossos alunos” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Relativamente ao cumprimento dos programas, como referido e documentado acima, todas manifestam a mesma opinião: os programas eram cumpridos na sua totalidade, ao contrário do que acontecia, muitas vezes, no ensino direto.

Isabel salientou as vantagens da Telescola “O cumprimento dos programas na sua totalidade, conhecíamos melhor os alunos, tínhamos um melhor relacionamento com os mesmos, era quase uma família” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Segundo Maria Carolina, em relação ao programa da Telescola “Eram bastante mais bem apresentados e aprofundados” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

4.5. Materiais

Segundo as entrevistadas, para a altura em questão, os materiais eram de muita qualidade e todos gostavam de os aplicar. Referiram que, de início, os “manuais escolares” dos alunos eram as folhas de trabalho, que lhes eram entregues diariamente pelo monitor. Mais

tarde, talvez pelo ano de 1968/69 (devido às datas de todos os manuais por mim reunidos), a Telescola criou os manuais escolares em substituição das folhas de trabalho.

No entanto, alguns deles salientaram o facto dos manuais utilizados pela Telescola se tornarem menos atrativos para os alunos, quando comparados com os do ensino direto por serem a preto e branco. Alguns monitores justificam este facto na medida em que, por serem mais pobres a nível de ilustrações, eram também mais baratos.

Maria Carolina referiu, relativamente aos materiais enviados pela Telescola “Muito bons. Vinha mensalmente uma “espécie de fichas” que os alunos arquivavam em dossiês, não tinham manuais” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Segundo Maria Cecília, sobre a questão dos materiais “Estavam muito bem elaborados” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Isabel informou “Os professores/monitores reclamavam devido aos livros serem a preto e branco e, como tal, tornavam-se pouco cativantes para os alunos. Mais tarde, colocaram então umas cores, mas nada de muito significativo. Eram, portanto, manuais menos apelativos em comparação com os do ensino direto” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Segundo Maria de Lurdes, sobre os manuais do aluno “Não tinham cores, eram pouco atrativos, tinham poucas imagens. Eram maçudos, não motivavam muito os alunos para o estudo” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Maria de Fátima referiu

Os manuais da Telescola eram mais profundos, em comparação com os do ensino direto; estes, em contrapartida, eram mais sugestivos e coloridos. Os livros da Telescola eram a preto e branco, como tal eram mais baratos. Os materiais eram gratuitos, à exceção dos manuais que eram pagos pelos alunos, embora fosse um valor simbólico comparado com os manuais do ensino direto. As folhas de trabalho eram os livros dos alunos; para além de fichas de trabalho, tinham matéria e mais tarde foram então chamados de manuais escolares.

De início, as folhas de trabalho não tinham matéria/conteúdos de estudo, eram distribuídas diariamente e os alunos arquivavam-nas em dossiês. Mais tarde, criaram os manuais escolares porque os alunos muitas vezes não tinham os materiais organizados e até os perdiam. Íamos buscar os materiais a postos de trabalho. (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Algumas monitoras também salientaram pela positiva os materiais a que os alunos da Telescola tinham acesso, em sala de aula, nas disciplinas mais práticas, como Educação Visual, Trabalhos Manuais e Ciências. Referem também que, quando os materiais se danificavam, por alguma razão, eram de imediato substituídos pela Telescola. Uma das

monitoras afirma mesmo que os alunos da Telescola eram mesmo uns privilegiados por terem acesso a materiais de tanta qualidade. Segundo Isabel

Adorei lecionar as disciplinas de Educação Visual e Trabalhos Manuais. As salas de aulas estavam apetrechadas de todos os materiais necessários a estas duas disciplinas, até tínhamos na sala uma bancada de carpinteiros com torno e tudo. Tínhamos tesouras que cortavam metais, fazíamos assim brinquedos com metais, que cortávamos e montávamos com solda. Também na disciplina de Ciências, onde eram realizadas muitas experiências, as salas estavam dotadas de todos os materiais necessários.

Os alunos tinham acesso a todos estes materiais, incluindo manuais escolares, sem nada terem que pagar. Mais tarde, já tinham que contribuir com uma quantia simbólica para a compra dos manuais escolares. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Segundo Maria Veiga

A Telescola fornecia todo o tipo de materiais, desde as bancadas de carpinteiro, o material de ciências era uma coisa admirável, eles tinham tudo. Quando informávamos que os materiais estavam danificados, eles substituíam-nos de imediato. Estes alunos foram uns privilegiados, não pagavam nada e tinham tudo. Foi um desperdício! Quando as escolas foram fechadas, empacotámos e rotulámos tudo, vieram carrinhas que levaram esses materiais, não sei bem para onde, talvez para escolas do ensino direto. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Maria de Lurdes disse, depois de apontar como falha da Telescola, a falta de condições para a prática de Educação Física “Já para a disciplina de Trabalhos Manuais e Ciências tínhamos muitos materiais para podermos elaborar as atividades propostas” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Através das informações recolhidas, quem fazia os materiais seria uma equipa multidisciplinar que trabalhava durante todo o ano, assegurando os melhoramentos considerados aconselháveis para o ano seguinte. Estas mesmas equipas reuniam com os monitores de cada zona, para assim receberem sugestões de melhoramento.

Segundo Isabel “Os materiais eram todos fornecidos e elaborados pela Telescola, nós apenas nos limitávamos a aplicar os materiais indicados” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Quando questionadas sobre a possibilidade de serem eles próprios a fazerem os seus materiais, ao invés dos que lhes eram fornecidos, preferiam os que lhes eram dados, afirmando

que não fariam melhor, e referindo até que os usaram posteriormente já no ensino direto, por os considerarem muito eficazes e apelativos. Alguns monitores salientaram o facto de emprestarem os materiais da Telescola a colegas do ensino direto para estes os utilizarem na preparação das suas aulas.

Isabel salientou “Os materiais eram tão bons, que antigos monitores da Telescola utilizaram-nos mais tarde no ensino direto. Utilizaram, posteriormente à extinção do ensino da Telescola, videogramas e outros materiais relativos a estes tempos” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

4.6. Dificuldades de implementação deste método de ensino

Sobre a possibilidade de os alunos saírem penalizados neste tipo de ensino, todas disseram que não. Bem pelo contrário, afirmaram que estes alunos ingressavam no 3º ano/7º ano mais bem preparados que os do ensino direto, apresentando como justificação o facto de as turmas serem compostas por um número reduzido de alunos, pelas metodologias aplicadas serem de muita qualidade e inovadoras, pelos programas serem cumpridos na sua totalidade, pelos professores das emissões serem ótimos profissionais, pela escola se encontrar junto a suas casas e, como tal, os alunos terem mais tempo para se dedicar ao estudo.

Quando abriu o Ciclo Preparatório do ensino direto no Bombarral, segundo as entrevistadas, estas escolas não estavam apetrechadas com os equipamentos utilizados, na altura, no ensino pela Telescola, nem os professores do direto tinham a vigilância apertada aplicada aos monitores da Telescola.

Segundo as monitoras, a qualidade deste tipo de ensino e, consequente, boa preparação dos alunos, levou a que vários discentes tivessem frequentado cursos superiores. De acordo com Maria Carolina

Fizemos a transição da Telescola para o Ciclo Preparatório, onde existiam professores muito mal preparados e com pouca formação; notámos muita diferença, o ensino era muito mais fraco que o da Telescola. O IMAVE estava muito bem apetrechado, em termos tecnológicos estavam muito bem desenvolvidos. Estava tudo cronometrado, tudo muito bem planificado.

Os meninos da Telescola do Salgueiro, aldeia do concelho do Bombarral, vinham muito mais bem preparados, isto já eu lecionava no Ciclo Preparatório Direto. As turmas eram mais reduzidas e, como tal, os alunos vinham mais bem preparados. O programa era todo dado, tinha um ambiente mais protegido para crianças com o nível etário tão baixo, a parte audiovisual era muito apelativa, muito inovadora e mais lúdica que no ensino direto. Sinceramente, acho que aquele modelo era fabuloso, na época foi uma coisa em grande.” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Célia referiu

A Telescola proporcionava um ensino mais variado: televisão, exploração oral, realização de atividades. Como tal, o tempo “passava mais rápido” e era menos maçadora para os alunos. Depois de terminar a Telescola, abriu o Ciclo Direto [CPES], no Palácio Gorjão, e era tudo “meia bola e força”. Abriram escolas de ensino direto sem recursos físicos, não tinham quaisquer condições. O ensino piorou com esta mudança, nós tínhamos o “background” da Telescola e sentíamos muito essa mudança. O ciclo direto encontrava-se muito aquém do da Telescola.

O diretor do Externato Académico [Bombarral], o padre Alberto Teixeira Dias, que estava muito reticente no início da implementação da Telescola no Colégio, dizia aos inspetores, quando estes se deslocavam ao Externato, para verificar se tudo estava conforme o previsto, que os alunos iam muito mais bem preparados pela Telescola para o 3º ano, do que anteriormente quando tinham o ensino direto no 1º e 2º anos.

Posteriormente, já eu me encontrava no Ciclo Preparatório Direto, pude confirmar que os alunos que provinham da Telescola do Salgueiro vinham muito mais bem preparados em relação aos que provinham do ensino direto. A metodologia era muito boa. Em relação aos meus alunos que frequentaram a Telescola no colégio, e que tive a oportunidade de acompanhar no seu percurso escolar, muitos tiveram sucesso no prosseguimento de estudos, posteriormente à sua frequência na Telescola. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

De acordo com Maria de Fátima

Era um ensino de muita qualidade. A Telescola foi a vanguarda no estudo da utilização do computador no ensino. Era um ensino muito exigente, não havia espaço para conversas com os alunos. Aproveitávamos as aulas de Educação Visual e Trabalhos Manuais para termos outro tipo de relacionamento com os alunos, uma relação mais profunda entre professor/aluno e aluno/professor. Passaram pelo nosso posto perto de 1000 alunos.” (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Segundo Isabel

Era um ensino de muita qualidade, os professores mantinham-se anos a fio neste tipo de ensino; os que não gostavam, caso raro, saíam logo no ano a seguir, não se mantendo portanto muito tempo na Telescola. Em relação às informações que me chegaram de quando os alunos ingressavam no ensino direto, estes alunos apresentavam uma preparação superior, em comparação com os que tinham

frequentado o ensino direto. Iam mais bem preparados, uma vez que os programas eram sempre cumpridos na sua totalidade.

Hoje em dia estamos noutra era, mas tive muita pena que este tipo de ensino tivesse terminado. As turmas eram mais pequenas, conseguíamos, portanto, dar outro tipo de atenção aos alunos. Este tipo de ensino permitia que os alunos efetuassem a sua escolaridade (1º e 2º ciclo) no mesmo local. As turmas eram mais pequenas, era portanto um ensino mais individualizado, conhecíamos melhor os alunos e a professora estava mais acessível a todos.” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Maria de Lurdes considerou

Bom e eficaz. Alguns foram posteriormente para o Técnico e continuaram a ser bons alunos. Muitos prosseguiram os estudos, tiraram licenciaturas e mestrados. Os alunos tinham mais contacto com as novas tecnologias, os programas eram sempre cumpridos, não existiam falhas, tínhamos muito tempo para rever as matérias, os dias eram muito bem aproveitados. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Maria da Natividade salientou

Os alunos iam muito bem preparados. Existiam professores na Lourinhã que diziam que os alunos que iam mais bem preparados para o 7º ano eram os da Telescola. Explicávamos muitas vezes as matérias para eles compreenderem os conteúdos da disciplina, ao passo que no liceu não era nada assim. Obrigávamos os alunos a estudar. Tínhamos a mesma postura com os alunos da Telescola que tínhamos com os da primária. Os professores do liceu não lidavam desta forma com os alunos. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Segundo Maria Veiga

Eles estavam mais bem preparados, havia um certo rigor até transitarem de ano, não se deixava transitar ninguém sem estarem devidamente preparados. Chegavam ao direto e acompanhavam perfeitamente. Ouvia-se comentar que os alunos da Telescola ficavam muito bem preparados. A maioria destes alunos ficava a trabalhar no campo, depois de realizarem o 1º e o 2º ano na Telescola, mas os que prosseguiram não tiveram dificuldades. Hoje são economistas, médicos, etc.

Os monitores não faltavam. No direto, quando ficavam sem aulas, não havia professor substituto. Os meninos da Telescola eram muito protegidos. Uma criança no ensino direto podia estar na rua a jogar à bola quando tinha algum furo, na Telescola estavam sempre ocupados. As turmas da Telescola também não eram muito grandes, os alunos tinham muito apoio, muita proteção, os pais

sabiam onde os filhos estavam, caso os mesmos não aparecessem ou chegassem atrasados, nós avisávamos imediatamente o encarregado de educação. Estes alunos tinham mais tempo para estudar, tinham as manhãs livres, ajudavam normalmente as famílias mas, ao mesmo tempo, tinham mais tempo para estudar. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

A boa preparação dos alunos, segundo os testemunhos, tinha também a ver com a preocupação dos professores em preparar da melhor forma os seus alunos para as fichas de avaliação enviadas pela Telescola. Os professores não tinham conhecimento do tipo de exercícios que as compunham, dado que vinham em envelope fechado e apenas as podiam abrir no dia da prova. Como tal, tinham de preparar os alunos para todo o tipo de exercícios. Segundo Isabel

O professor da Telescola tinha uma grande preocupação, no que diz respeito à preparação dos alunos para as provas, cujo conteúdo desconheciam, dado que os envelopes onde as mesmas vinham apenas eram abertos na hora. No ensino direto, as fichas de avaliação eram realizadas pelo professor da turma e, como tal, a tendência era de efetuar exercícios típicos aos que saíam no teste. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Foi também referido que o facto de existirem apenas dois monitores para cada turma, em alguns casos apenas um, seria um fator positivo para os alunos. Como os alunos eram de tenra idade, a mudança do ensino primário para este tipo de ensino não era tão brusca. Uma das monitoras apresentou pela negativa, relativamente ao Ciclo Preparatório do Ensino Direto, o seu elevado número de intervalos, de professores e, conseqüentemente, as mudanças constantes de sala de aula a que os alunos eram sujeitos. O alargado número de intervalos e de professores levava, segundo a mesma, à desconcentração dos alunos. A mudança constante de professores/pedagogia também era, na sua opinião, prejudicial para os discentes que frequentavam este tipo de ensino. Segundo Célia, comparando os dois tipos de ensino

Existiam mais intervalos. Na Telescola apenas tinham um a meio da tarde. Mais intervalos, mudanças de professor, alteração da pedagogia e como tal menos concentração por parte dos alunos, o que conseqüentemente levava a piores níveis de desempenho. Os alunos estavam integrados, dois anos, numa turma apenas com um professor; estavam mais protegidos para mais tarde então ingressarem numa escola onde tinham mais professores. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria da Natividade partilhou

Quando me iniciei na Telescola dava todas as disciplinas, cada turma tinha um único monitor. Mais tarde dividiram as “ciências” das “letras”. Eu fiquei com as disciplinas que integravam a área das “ciências”.

Era uma grande vantagem ter aqui a Telescola. Quando os alunos saíam daqui, já tinham outra idade, eram já mais maduros. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Segundo Zita, referindo-se ao ensino da Telescola “Era mais pessoal, pois tinham sempre o mesmo monitor, no máximo dois, enquanto no ensino tradicional mudava-se de professor de 50 em 50 minutos” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

Foi reconhecido por algumas das entrevistadas que, no caso da disciplina de Educação Física, os alunos poderiam ter sido prejudicados devido aos postos de receção não terem condições/materiais para a prática desta disciplina. Muitas vezes era dada apenas a teoria, sem que os alunos pudessem exercitar. Segundo Célia, referindo-se aos primeiros anos da Telescola

Os alunos da Telescola, na altura, não tinham a disciplina de Educação Física. Na disciplina de Trabalhos Manuais não ficariam tão bem preparados, uma vez que percebiam mais de certas atividades que eu. Os rapazes dedicavam-se à carpintaria, onde eram supervisionados por um auxiliar do Externato, e eu, normalmente, acompanhava as meninas na costura; muitas vezes levavam para casa e os próprios pais ajudavam na elaboração dos trabalhos. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria Cecília informou

Existiam determinados exercícios em Educação Física que os nossos alunos não podiam executar por não termos condições para tal. Não tínhamos pavilhão equipado com os materiais necessários à prática desta disciplina. O que dava para fazer na sala ou no recreio, nós fazíamos, caso contrário efetuávamos apenas a exploração teórica. Muitas vezes, quando estava a chover, arrastávamos mesas e cadeiras para junto das paredes para que os alunos pudessem realizar determinados exercícios. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Segundo Maria de Lurdes

Essencialmente na disciplina de Educação Física não tínhamos grandes recursos materiais, uma vez que os postos eram em espaços improvisados. Os alunos realizavam as balizas e os cestos de basquetebol com a ajuda dos pais em casa. Nós, por exemplo, iniciámos a Telescola na Escola Primária, mas posteriormente tivemos de sair, tendo o presidente da Junta de Freguesia cedido salas do edifício

da Junta para podermos continuar. (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011)

Relativamente à disciplina de Trabalhos Manuais, uma das monitoras considera, ao contrário das restantes, talvez por ter exercido o papel de monitora ainda nos primeiros anos da Telescola, que as escolas agregadas à Telescola não possuíam os materiais necessários à sua prática. Como tal, considerava que esta disciplina era mal explorada no ensino pela Telescola.

De acordo com as monitoras, a disciplina de Educação Musical também ficava muito aquém do previsto, por não existirem os recursos necessários.

Maria Carolina, relativamente aos primeiros anos da Telescola “Desvantagens, só mesmo em relação aos Trabalhos Manuais que eram francamente mal explorados e o facto de não terem Educação Musical e Educação Física. As artes estavam descuradas no programa” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Segundo Maria Cecília, “A disciplina de Educação Musical também não era muito forte, também devido à falta de condições” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Uma das monitoras aponta como ponto negativo, ao contrário do referido anteriormente, o facto dos alunos da Telescola não poderem vivenciar as experiências proporcionadas por um conselho de turma mais alargado. Outra salienta que os alunos da Telescola poderiam ter mais dificuldade em adaptar-se ao 3º ano, pois não estavam habituados a tantos professores e intervalos.

Segundo Maria de Lurdes “Os alunos não tinham as vivências em relação aos que tinham um maior número de professores, assim como os espaços físicos eram mais fracos e improvisados” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Maria Veiga, referindo-se aos alunos da Telescola “Poderiam, no entanto, ter mais algumas dificuldades em ingressarem no ensino direto, no 3º ano, por este ter mais intervalos” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

Relativamente ao nível de preparação dos discentes, no que respeita à disciplina de Matemática, pode concluir-se, pelas entrevistas, que ficavam muito bem preparados, dada a boa qualidade das explicações dos professores da televisão e dos materiais didáticos utilizados pelos mesmos. Também foi referido que a Telescola foi pioneira em Portugal da Matemática Moderna. Maria Cecília disse, relativamente à disciplina de Matemática

Os alunos iam muito bem preparados, tinham a oportunidade de assistir à exposição da matéria de duas formas, tanto pela TV como com uma ajuda presencial, o monitor. Tinha sempre informações que os alunos da Telescola iam

muito bem preparados na Matemática. A Telescola foi a pioneira na Matemática Moderna, a Matemática dos conjuntos. A palavra “conjuntos” não era anteriormente referida. Era feita a representação simbólica do conjunto, fazia-se a interseção e reunião de conjuntos. A Telescola esteve assim na vanguarda da Matemática Moderna. No ensino direto ainda não se falava em conjuntos já nós os ensinávamos aos nossos alunos. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria de Lurdes considerou, em relação à aquisição dos conteúdos da disciplina de Matemática por parte dos alunos que frequentavam a Telescola “Muito esclarecidos, muito bem preparados, trabalhavam muito, por não perderem muito tempo com as deslocações para a escola. Uma vez que era ao pé de casa, tinham mais tempo para se dedicar ao estudo” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

Algumas entrevistadas referem a união que existia por parte dos monitores que integravam este tipo de ensino. Salientaram que foi importante terem feito parte deste projeto e que com ele criaram muitas amizades.

Segundo Maria Cecília, “Todos os professores gostavam muito da Telescola, criou-se uma amizade e unidade muito profunda na Telescola, sentíamo-nos numa classe à parte” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

O importante papel que tinham os monitores no ensino pela Telescola foi reforçado, tendo sido evidenciado que, para além das emissões, era necessário ser realizada uma exploração detalhada dos conteúdos e, para tal, era determinante o profissionalismo do monitor. Existiam alunos que não entendiam a linguagem dos professores da TV. Deste modo, teriam de ser os monitores a desvendar as ideias expressas. O trabalho do professor e do monitor complementava-se. De acordo com Maria Cecília

Também era necessário que, à frente da turma, na Telescola, estivesse um professor competente, senão a preparação não era a mesma. Só a emissão não chegava, tínhamos de trocar impressões com os alunos, esclarecer dúvidas. Alguns alunos não entendiam o esclarecimento do professor da televisão. Eu tinha muitas vezes de decodificar ou repetir a linguagem do professor da televisão, para que os alunos entendessem. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Segundo Maria da Natividade

As aulas eram dadas através da TV, cada disciplina tinha um professor. Depois da emissão, todo o trabalho era realizado por nós. Só com a emissão, os alunos não ficavam completamente esclarecidos e nós procedíamos às explorações das

matérias e esclarecíamos dúvidas aos alunos. Alguns não entendiam a emissão, pois não tomavam a devida atenção, ou então por apresentarem mais dificuldades de aprendizagem. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Zita, sobre o papel do monitor, explicitou “Assistíamos à emissão, depois dava-se o período da exploração das matérias abordadas pelo professor da TV e depois tínhamos ainda um tempo extra no final, para trabalhar conteúdos onde os alunos apresentassem mais dificuldades” (Z. Silva, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012).

4.7. Avaliação dos alunos

Através das monitoras entrevistadas, eram aplicados periodicamente testes de avaliação de escolha múltipla, elaborados pelos professores da TV.

Segundo Isabel, referindo-se às fichas de avaliação sumativas “Cada questão tinha cinco hipóteses de resposta (escolha múltipla) A, B, C, D e E. Na última hipótese dizia que nenhuma das respostas anteriores estava correta” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Numa primeira fase, os testes eram de escolha múltipla, tendo como opção de escolha, respostas muito idênticas. Apresentando esta razão como justificação, os monitores consideraram o grau de dificuldade destas provas elevado.

Maria Cecília referiu “Os testes eram de escolha múltipla, exigiam muita concentração e atenção por parte dos alunos, muito raciocínio, visto que nas opções de resposta mudava uma “palavrinha”, o que era suficiente para os alunos errarem” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Maria Carolina disse “Foi nesta altura [1968/69] que surgiu o “Teste Americano”, de escolha múltipla. As questões eram constituídas por três respostas. Estes testes eram constituídos por perguntas básicas no início e iam aumentando o grau de dificuldade.” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Segundo Isabel “O grau de dificuldade das provas era elevado, tendo respostas muito idênticas mudando, por exemplo, um “e” para um “ou”. Os alunos tinham de saber muito bem as matérias para acertarem nas respostas” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Estes testes, inicialmente, vinham em envelope fechado só podendo ser abertos na hora da prova. Para se certificarem deste cumprimento, os inspetores circulavam por todo o país.

Segundo Maria Carolina e Célia, “As fichas de avaliação vinham lacradas em envelope e provinham de Vila Nova de Gaia [sede da Telescola]. Havia uma preocupação muito grande em preparar os alunos para os testes, bem como para o exame final. Estes não eram corrigidos pelos monitores.” (M. C. Perdigão & C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Isabel referiu “Em A-dos-Negros, na fase inicial [CPTV], os testes vinham em envelope fechado e apenas eram abertos na hora da sua realização. Os inspetores, com a sua circulação, também se certificavam se os envelopes eram abertos apenas na hora indicada” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Maria Veiga disse “Só abríamos os testes na hora. Vinham em envelope fechado e só tínhamos conhecimento do teste no momento. Nunca saíam temas que não tinham abordado, as perguntas eram relacionadas com os conteúdos dados” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

Os testes eram realizados pelos alunos, a lápis, número dois, em folhas de respostas facultadas para o efeito. A opção de resposta selecionada era marcada, pelos alunos, com uma bolinha pequena. De acordo com Isabel

A folha de resposta era preenchida com lápis, número dois, e marcava-se a opção selecionada com uma bolinha pequena. Os testes eram corrigidos por uma máquina. Não éramos nós, monitores, que corrigíamos as provas, nem tão pouco tinha conhecimento das questões que as compunham, apenas na hora da sua realização tínhamos acesso à mesma. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

As folhas de respostas eram novamente enviadas para Vila Nova de Gaia, para então serem posteriormente corrigidas. Segundo os testemunhos recolhidos, as provas eram corrigidas por máquinas (computadores), e os resultados eram depois enviados para os respetivos postos de receção.

Segundo Maria Cecília “Mensalmente, procedia-se à realização de testes de aproveitamento, que eram elaborados pelos professores da Televisão. Nós enviávamos novamente os testes para Vila Nova de Gaia e, mais tarde, informavam-nos dos resultados obtidos pelos nossos alunos” (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011).

Segundo Maria Carolina e Célia “Os testes eram corrigidos pela Telescola e nós dávamos a nossa avaliação, dependendo das notas obtidas pelos alunos e do seu desempenho em sala de aula. Quem propunha a nota éramos nós e a Telescola aceitava ou não a nossa proposta” (M. C. Perdigão & C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Isabel, referindo-se ao dia da realização da ficha de avaliação “Nesse mesmo dia, as respostas eram enviadas, em envelope, para Vila Nova de Gaia” (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011).

Uma das monitoras referiu que mais tarde (EBM), ao contrário do que acontecia anteriormente, os testes eram enviados, pela Telescola, para os postos de receção, com mais antecedência, tendo os monitores acesso ao seu conteúdo. Revelou que, nesta fase, já haveria tendência para preparar os alunos de acordo com o tipo de exercícios que constavam na prova, assemelhando este tipo de ensino ao ensino direto.

Também nesta mesma fase, já eram os monitores que realizavam as correções das provas preenchendo os respetivos mapas de avaliação, que enviavam depois para a Telescola.
Segundo Maria Cecília

Posteriormente corrigíamos nós, monitores, os testes dos nossos próprios alunos e elaborávamos os mapas com as cotações de cada pergunta e enviávamos para lá os respetivos mapas.

Em dada altura, a telescola é que seleccionava, ao acaso, as escolas que tinham de enviar os mapas, por exemplo, os postos de Telescola cujo número terminava em 9. Isto já ultimamente, porque, de início, tínhamos de mandar todos os mapas.
(M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Isabel explicou

Mais tarde, os professores tinham acesso aos testes com mais antecedência e tinham, por isso, a tendência para preparar os alunos para as referidas provas, fazendo exercícios idênticos aos que nela constavam. Nesta fase, já eram os próprios professores monitores que corrigiam os testes e preenchiam os respetivos mapas. A avaliação, nesta última fase, dependia única e exclusivamente do professor.

As respostas já não eram de escolha múltipla e, como eram os próprios professores monitores que corrigiam, os alunos arquivavam as suas provas no dossiê. (I. Cardoso, comunicação pessoal, 29 de outubro, 2011)

Segundo Maria de Lurdes “Os testes também não eram elaborados por nós, professores monitores, eram enviados uns dias antes junto com a correção e respetivas cotações; nós apenas corrigíamos os testes. Se o teste era em determinado dia, tínhamos de ter a matéria dada até lá” (M. Filipe, comunicação pessoal, 5 de novembro, 2011).

De acordo com Maria Veiga

Tudo era fornecido e enviado pela Telescola, os testes eram enviados por eles com as grelhas para preenchermos com as respetivas avaliações dos alunos. Nós

corrigíamos segundo os critérios que eles mandavam. Essas grelhas eram novamente enviadas para a Telescola com as pontuações de cada questão. Os testes tinham perguntas de desenvolvimento pelo menos nas disciplinas das “letras”. Os testes vinham pouco tempo antes, cerca de dois três dias antes ou uma semana, e vinham pelo correio. (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012)

Algumas monitoras referiram o facto dos testes constituídos por questões de escolha múltipla, utilizados pela Telescola, terem sido alvo de muitas críticas, por alguns acharem que não desenvolviam a escrita dos discentes. Desvalorizaram tais críticas, uma vez que desenvolviam, na sua opinião, o raciocínio dos alunos, pois muitas das opções de resposta eram apresentadas de forma muito semelhante. Segundo Célia

Embora criticassem o facto de os alunos escreverem pouco, por lhes serem aplicados testes constituídos por questões de escolha múltipla, eu não achava que os alunos escrevessem mal em comparação com os do ensino direto. As questões de escolha múltipla exigem e exigiam bastante raciocínio, pois as opções de resposta eram muito semelhantes, os alunos tinham de dominar muito bem as matérias, tinham de criar mecanismos de alternativa. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Maria Carolina considerou que “Era um ensino muito bom, embora se ouvissem muitas críticas relativamente ao facto de os alunos escreverem muito pouco, devido aos testes serem constituídos por questões de escolha múltipla. Os críticos diziam que os alunos neste tipo de ensino desenvolviam muito pouco a escrita” (M. C. Perdigão, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011).

Segundo Maria Cecília

Mais tarde os testes deixaram de ser de escolha múltipla. Dizia-se que não proporcionava o desenvolvimento da escrita dos alunos, e porque no ensino direto o tipo de questões aplicadas nos testes não eram de escolha múltipla, deu-se esta mudança, na tentativa de assemelhar os dois tipos de ensino. Assim, pensou-se que a transição do ensino da Telescola para o ensino direto não era tão brusca. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

No final do 2º ano, os alunos eram submetidos a um exame, onde eram avaliados os conteúdos abordados nos dois anos do curso. Os alunos de vários postos de receção eram agrupados por zonas para então realizarem o exame final. Os monitores não podiam vigiar nem corrigir o exame dos seus próprios alunos. Ao que parece, estes exames inicialmente também eram corrigidos pela Telescola, tal como acontecia com as fichas de avaliação realizadas ao longo do ano; mais tarde, já eram os próprios monitores que os corrigiam, mas nunca os dos seus próprios alunos. Acerca dos exames que corrigiam, os monitores apenas

tinham conhecimento do posto de receção a que pertenciam, não tinham acesso à identidade dos alunos que os tinham realizado.

As provas orais eram gravadas em cassetes e levadas para Vila Nova de Gaia. Segundo Cecília

No final do 2º ano havia um exame que abrangia toda a matéria, dos dois anos. Se o aluno não tivesse aproveitamento positivo nesta prova, tinha de a repetir. As provas dos nossos alunos não eram corrigidas por nós.

Mais tarde, os exames já eram corrigidos por nós, monitores. Cheguei a corrigir exames de escolas muito distantes da nossa. Não sabíamos qual a identidade dos alunos que tinham realizado as provas que corrigíamos, apenas sabíamos a escola de onde provinham os exames.

Os testes eram realizados pela Telescola e, depois de executados, voltávamos a enviá-los; posteriormente, a Telescola distribuía então os testes pelos diferentes monitores. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria Carolina e Célia afirmaram

No final do 2º ano os alunos elaboravam o exame final, na Lourinhã, para além de realizarem cerca de dois testes por período. Tudo era corrigido por uma equipa destacada para o efeito.

Os professores eram destacados para procederem à aplicação das provas, na Lourinhã, e não vigiavam as provas dos seus próprios alunos. A Telescola desta região era centralizada na Lourinhã." (M. C. Perdigão & C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Segundo Maria da Natividade

Faziam exame no final do 2º ano. O primeiro exame do 2º ano foi feito em Torres Vedras. Veio um professor de Vila Nova de Gaia e eu fui convidada para fazer parte da equipa. A prova tinha uma parte escrita e outra oral. O referido professor trazia a gravação com as perguntas a realizar aos alunos, na prova oral, e gravava as respostas dadas pelos mesmos e levava as gravações novamente para Vila Nova de Gaia. (M.N. Perdigão, comunicação pessoal, 21 de junho, 2012)

Uma das monitoras referiu que as avaliações atribuídas pelos monitores eram depois apreciadas pela Telescola e que, algumas vezes, as avaliações propostas pelos monitores sofriam alterações, normalmente para inflacionar notas. De acordo com Célia

O lema da Telescola era não existirem reprovações. Tive apenas uma reprovação em 4 anos de ensino na Telescola. Duas das avaliações por mim propostas foram alteradas pela Telescola, sempre para valores superiores. Aproveitava provas de

outros anos para realizar com os alunos como forma de prepará-los para testes e exames. (C. Patuleia, comunicação pessoal, 11 de novembro, 2011)

Relativamente à avaliação, destacou-se que inicialmente apenas eram contempladas as notas obtidas nos testes, mas numa fase posterior, a avaliação passou a ser realizada de forma contínua. Aqui já eram considerados outros parâmetros, tais como o desempenho dos alunos em contexto de sala de aula e a realização dos trabalhos extra aula. Segundo Maria Cecília

A avaliação de início não era contínua, contavam apenas os testes para a nota de cada período, mas mais tarde isso mudou. A Telescola foi também a vanguarda da avaliação contínua. De início apenas se contava na avaliação do aluno a nota dos testes, mais tarde levava-se também em conta o seu desempenho nas aulas e se realizavam ou não os trabalhos de casa, tal e qual como na atualidade. (M.C. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Maria de Fátima recordou

Lembro-me que, numa ação de formação, houve uma discussão entre os intervenientes por alguns, os mais velhos, acharem que apenas os testes deveriam ser contemplados na avaliação dos alunos e outros acharem que o esforço dos alunos também deveria ser levado em conta.

Nós, os mais novos, concordávamos com esta mudança na avaliação, os professores mais antigos é que não estavam de acordo com ela. No ensino direto, ainda nem se pensava em avaliação contínua e já nós a aplicávamos nas avaliações dos nossos alunos. (M.F. Fonseca, comunicação pessoal, 12 de novembro, 2011)

Segundo Maria Veiga, referindo-se à avaliação dos alunos na Telescola “Avaliávamos a participação nas aulas, se estava atento, se respondia às questões e também juntávamos com as notas dos testes, era uma avaliação sumativa com “u” e não com “o”. Os orientadores pedagógicos diziam que era uma súmula de conhecimentos e não uma soma” (M. Veiga, comunicação pessoal, 5 de julho, 2012).

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES

Estando já por dentro da funcionalidade deste tipo de ensino, quer pelas entrevistas realizadas às nove antigas monitoras, quer pelo material recolhido, quer pela análise de diversa documentação, pretendeu-se estudar práticas escolares na Telescola através das vivências testemunhadas por algumas monitoras. Pretendeu-se, em particular:

1) recolher e analisar aspetos específicos relacionados com estas práticas e responder às seguintes questões:

- a) Qual a opinião sobre a necessidade da implementação da Telescola?
- b) Como foi o início da carreira enquanto monitor?
- c) Como decorreram as ações de orientação dos monitores?
- d) De que forma se processaram as emissões, os materiais, o currículo e a avaliação?
- e) Quais as dificuldades de implementação do método de ensino?

2) inventariar material fornecido por estas participantes.

A realização deste trabalho foi composta por várias fases. Inicialmente recorreu-se à recolha de informação por forma a perceber o contexto histórico, social e legal em que o ensino pela TV surgiu.

Para compreender o funcionamento e a evolução deste sistema de ensino, realizou-se uma pesquisa acerca da sua estrutura e modo de funcionamento. Após uma análise de métodos de investigação, a metodologia utilizada nesta investigação é de natureza qualitativa, uma vez que na sua elaboração se procedeu à análise de documentos diversificados e à recolha de informação por meio de entrevistas a antigas monitoras.

Depois do descrito, procedeu-se à seleção/procura dos antigos monitores que iriam ser entrevistados. Uma vez escolhidos os intervenientes participantes nesta investigação, e estando os mesmos dispostos a colaborar, procedeu-se à realização das entrevistas. Foi necessário entrevistar um número considerável de monitores, para se poderem cruzar dados, uma vez que já deixaram este sistema de ensino há alguns anos e, como tal, poderiam confundir-se, até porque alguns ingressaram no ensino direto posteriormente. É de salientar que a maioria das opiniões cedidas pelas entrevistadas foi coincidente.

De acordo com a informação analisada, conclui-se que este tipo de ensino surgiu em 1964, com o objetivo de proporcionar a escolaridade obrigatória a um maior número de jovens portugueses, assim como de colmatar a falta de professores credenciados e de estabelecimentos de ensino. Em 1965, surge então o Curso Unificado da Telescola, com um currículo muito semelhante ao seguido no ensino direto, acrescido da disciplina de Francês.

Em 1968, a denominação do CUT foi substituída pela designação de Ciclo Preparatório TV (CPTV). Mais tarde, no ano letivo 1988/89, as emissões transmitidas pela televisão, em direto, deram lugar às videocassetes, proporcionando mais autonomia e flexibilidade aos monitores.

Nos anos 80, com o surgimento das videocassetes, deixou de fazer sentido a denominação de CPTV passando, assim, a denominar-se de Ensino Básico Mediatizado (EBM - 1991).

O objetivo desta modalidade era que todos os alunos, em todos os postos de receção, estivessem à mesma hora a realizar o mesmo tipo de atividades. Como tal, foram elaborados diversos documentos de orientação, que explicavam que procedimentos os monitores deveriam seguir. Segundo as entrevistadas, estes documentos eram de muita qualidade e muito úteis em diversos aspetos, nomeadamente como orientadores da ação educativa. Tal era a qualidade dos materiais/orientações fornecidos, que muitos dos monitores afirmam terem utilizado estas diretrizes, mais tarde, no ensino direto e/ou terem facultado estas orientações/materiais aos seus colegas do ensino direto.

No Boletim de Orientação de Monitores estavam descritas ao pormenor as diretrizes a seguir no decorrer nas aulas. Mensalmente eram emitidas e enviadas para os postos de receção as fichas de trabalho que serviam de base para a exploração dos conteúdos abordados, fase seguinte à emissão da aula através da televisão. Pretendia-se que todos os alunos fizessem os mesmos exercícios, seguidos da mesma explicação da matéria, uma vez que a aula dada pela televisão era a mesma em todo o país. Para tal, circulavam pelos postos de receção orientadores pedagógicos, que assistiam às aulas para verificarem se tudo corria de acordo com o previsto e também como forma de orientar o trabalho dos monitores. Estes orientadores assistiam às aulas e elaboravam relatórios, que determinavam também a recondução dos monitores. No final da aula observada, os referidos orientadores reuniam com os monitores, a fim de salientarem pontos fortes e pontos a melhorar.

Para todas as monitoras entrevistadas, esta modalidade de ensino foi de extrema importância, pois permitiu o prosseguimento de estudos, para além da 4ª classe, a muitos jovens e também porque proporcionava aos discentes um ensino de muita qualidade.

Segundo as entrevistadas, este sistema de ensino estava muito bem estruturado, muito bem organizado e os monitores eram bastante apoiados. Foi referido que os alunos gostavam das aulas através da TV, quer fosse porque era diferente e os motivava, ou mesmo porque viam coisas que de outra forma não teriam possibilidade de ver. A televisão era apelativa para as crianças, dado que muitas nunca tinham tido antes acesso a ela, por os seus pais não terem capacidade financeira para as adquirirem. Uma das monitoras entrevistadas refere até que os próprios alunos elaboravam escalas, de forma a distribuírem diariamente o manuseamento dos aparelhos, vídeo e televisão. Pelos testemunhos recolhidos, foi na Telescola que muitos tiveram o primeiro contacto com este tipo de tecnologias.

Quanto às dificuldades que sentiram na implementação desta modalidade, que foram poucas, repare-se, alguns salientam o facto de terem pouca autonomia durante o período em que as emissões foram transmitidas em direto pela televisão. Referiram dificuldades sentidas no que diz respeito ao ritmo de aprendizagem dos alunos, ou seja, mesmo que existissem alunos na sala com dificuldades na matéria, o monitor tinha que avançar, porque de seguida iniciava-se outra emissão, em direto, referente a outra disciplina. Esta dificuldade, segundo as

entrevistadas, foi ultrapassada quando as emissões chegaram aos postos de recepção através de videocassetes (1988/89).

Uma outra dificuldade mencionada relacionou-se com o facto de, nos postos de recepção onde lecionaram, não existirem as infraestruturas necessárias para uma prática adequada da disciplina de Educação Física. Salientaram que, por vezes, “roubavam” tempo às disciplinas mais práticas para se dedicarem a outras onde os alunos tinham mais dificuldades, dado que a margem de manobra era pouca por estar tudo muito programado.

Segundo as monitoras, os alunos da Telescola em nada ficavam prejudicados em relação aos do ensino direto, afirmando todas elas que, pelo contrário, ficavam muito mais bem preparados quando comparados com os desse ensino. Como razões apontam:

- o cumprimento dos programas na sua totalidade, dado que neste tipo de ensino os alunos não poderiam ficar sem aulas, senão perdiam as emissões correspondentes, o que muitas vezes não acontecia no ensino tradicional, em que os alunos poderiam estar sem professor durante algum tempo;
- ser um ensino muito sistematizado, estando organizado para que existissem poucas reprovações;
- a boa formação e preparação dos monitores, ao contrário do que acontecia por vezes com os professores do ensino do direto;
- o grande acompanhamento/orientação prestado aos monitores em todas as tarefas que lhes competia realizar;
- o facto dos professores da TV serem excelentes profissionais e utilizarem metodologias inovadoras, às quais os docentes do ensino direto não tinham acesso;
- a qualidade dos materiais aplicados;
- o ambiente protegido ao qual estavam sujeitos os alunos;
- o número reduzido de alunos que normalmente compunham as turmas da Telescola;
- o facto de terem apenas dois monitores, assim poupava-os de mudanças de pedagogia;
- o reduzido número de intervalos, o que levava a uma menor dispersão/desconcentração dos alunos.

As monitoras revelaram que a generalidade dos alunos que terminavam o 2º/6º ano de escolaridade pela Telescola tinha melhores resultados no 3º/7º ano de escolaridade, quando comparados com os discentes que tinham frequentado o ensino tradicional. Puderam confirmar esta realidade quando, mais tarde, já se encontravam no ensino direto e recebiam alunos provenientes das duas modalidades de ensino. Os outros que continuaram na Telescola até ao final da sua carreira recebiam este “feedback” através dos seus colegas do direto. Outra das diferenças apontadas pelas entrevistadas prende-se com o facto dos alunos da Telescola terem apenas como opção a disciplina de Francês, enquanto os que frequentavam o ensino direto tinham como opções tanto a disciplina de Francês como a de Inglês. Segundo uma das testemunhas, já o Inglês era considerado uma língua muito importante, ainda os alunos da Telescola tinham obrigatoriamente a disciplina de Francês, sem a opção da outra língua. Uma das monitoras referiu até que alguns dos seus alunos da Telescola, quando ingressaram no

ensino direto no 7º ano de escolaridade, foram integrados em turmas em que os alunos já tinham frequentado dois anos da disciplina de Inglês, o 5º e 6º ano de escolaridade, o que afirmou ser muito injusto para os referidos discentes. Algumas das monitoras apontaram também como diferença o facto dos materiais da Telescola, a preto e branco, serem pouco apelativos, quando comparados com os do ensino direto que eram a cores. Segundo uma das monitoras, mais tarde, tentaram contornar esta questão, colocando algumas cores nos manuais dos alunos, mas ainda assim, segundo a mesma, ficavam aquém dos do ensino direto, justificando que tal acontecia para que os materiais ficassem mais baratos.

Desde o primeiro instante, o ensino pela Telescola foi caracterizado por uma atualização permanente, como referido anteriormente. Como exemplos, temos a introdução da Matemática Moderna em Portugal, bem como o ensino de uma língua estrangeira, a disciplina de Francês, por professores dessa nacionalidade. Neste tipo de ensino foram também adotados rigorosos mecanismos de verificação, apoio e controlo da qualidade de aprendizagem e da avaliação do aproveitamento dos discentes, assim como se verificou uma rigorosa seleção no que diz respeito aos professores que integravam este tipo de ensino, o que contribuiu para o seu elevado grau de eficácia.

Tendo em conta os testemunhos recolhidos através das entrevistas, e debruçando-nos sobre as diferenças salientadas entre as duas modalidades de ensino, surgem novas questões que podem ser o ponto de partida para novas investigações, tais como:

- 1) Quais as razões para que os alunos que frequentaram a Telescola tenham tido melhores resultados no 7º ano de escolaridade do que os que provinham do ensino direto?
- 2) Quais as diferenças de preparação/habilitação entre os monitores da Telescola e os professores do ensino direto?

Era também interessante, na minha opinião, fazer-se um tipo de estudo semelhante a este aqui apresentado, mas entrevistando alunos que tenham frequentado o ensino através da TV para confrontar as opiniões dos antigos monitores entrevistados com as dos discentes desta modalidade de ensino. Poderiam ser esclarecidas questões, tais como:

- 1) Como era a aula gerida pelo monitor?
- 2) Como é que o monitor se relacionava com a televisão?
- 3) De que modo é que os monitores acompanhavam os alunos nas diferentes disciplinas?
- 4) Quais as principais dificuldades/facilidades de integração que sentiu quando ingressou no ensino tradicional?
- 5) Compare o tipo de preparação que a Telescola lhe proporcionou a si e aos seus colegas da mesma modalidade de ensino, em relação aos restantes alunos da turma que não frequentaram este tipo de ensino?
- 6) Sentia diferença na sua preparação e na dos seus colegas em relação aos alunos que provinham do ensino tradicional?

Estas e outras questões, acerca desta modalidade de ensino, poderão servir de ponto de partida para novas investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. e Matos, J. (2001). *Modelando um novo currículo – a Matemática Moderna no início da Telescola*. Actas do 1.º Congresso Ibero-Americano de história da Educação Matemática (pp. 69-84). Universidade da Beira Interior, Covilhã. Lisboa, UIED.
- Chervel, A. (1988/1990). *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, 2, 177-229.
- Costa, A. R. (2010). *Experiências na Telescola: perspectivas de monitores*. Tese Mestrado, Universidade Nova de Lisboa
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. C. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, R. d. (2001). *História do Ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Domingos, A. M. D. (2003). *Compreensão de conceitos matemáticos avançados - a Matemática no início do ensino superior*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes – uma estratégia de formação de professores*. 3.ª Edição, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Faria Filho, L. M., Gonçalves, I. A., Vidal, D. G., e Paulilo, A. L. (2004). *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Educação e Pesquisa, 30(1), 139-159.
- Flores, J. (1994). *Análisis de datos cualitativos – Aplicaciones a la investigación educativa*. Barcelona: PPU.
- A cultura escolar como objeto histórico*
- Igea, D.; Augustin, J.; Beltrán, A.; Martin, A. (1995), *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Dykinson.
- Julia, D. (2001).. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1, 9-44.
- Lessard-H´erbert, M., Goyette, G., e Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e práticas*. Stória Editores, Lda, Lisboa.
- Matos, J. M. (1989). *Cronologia recente do ensino da Matemática*. Lisboa: APM.
- Matos, J. M. (2009). *Changing representations and practices in school mathematics: the case of Modern Math in Portugal*.
- Metodologias de investigação em educação /09. (2009). Obtido em 9 de Outubro, 2009, de <http://rfmcemmie09.blogs.sapo.pt/6304.html>
- Plano Tecnológico da Educação: Diário da República, 1ª série, N.º 180 - 18/09/2007, p.6564)
- Santos, R. F. d. (2003). *A telescola: Um contributo para a história do ensino em Portugal*. Tese de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto.
- Teodoro, A. N. D. (1999). *A construção social das políticas educativas. Estado, educação e mudança social no Portugal contemporâneo*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Viñao Frago, A. (2007). *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Mangualde: Edições Pedagogo.

LEGISLAÇÃO:

Decreto-Lei nº 40.964, de 31 de dezembro de 1956.
Despacho Ministerial, de 21 de novembro de 1959.
Despacho Ministerial, de 21 de outubro de 1960.
Decreto-Lei nº 45.418, de 9 de dezembro de 1963.
Decreto-Lei nº 45.810, de 9 de julho de 1964.
Decreto-Lei nº 46.135, de 31 de dezembro de 1964.
Portaria nº 21.113, de 17 de fevereiro de 1965.
Despacho Ministerial, de 19 de maio de 1965.
Portaria nº 21.358, de 26 de junho de 1965.
Portaria nº 22.113, de 12 de julho de 1966.
Portaria nº 22.643, de 21 de abril de 1967.
Portaria nº 23.217, de 10 de fevereiro de 1968.
Decreto-Lei nº 23.529, de 9 de agosto de 1968.
Portaria nº 48.963, de 14 de abril de 1969.
Lei nº 5/73, 25 de julho de 1971.
Decreto-Lei nº 523/71, de 24 de novembro de 1971.
Decreto-Lei nº 408/71, de 1971.
Despacho Ministerial, de 29 de agosto de 1973.
Decreto-Lei nº 759/76, de 22 de outubro de 1976.
Decreto-Lei nº 909/76, de 31 de dezembro de 1976
Decreto-Lei nº 540/79, de 31 de dezembro de 1979
Despacho, de 10 de março de 1981
Despacho nº 36/EAE, de 1983
Despacho Conjunto 48/SEAM/SERE/91, de 20 de abril de 1991
Despacho Conjunto nº 598/2001, de 10 de julho de 2001
Despacho nº 14263/2002, de 25 de junho de 2002
Despacho nº 22549/2002, de 21 de outubro de 2002
Despacho nº 16407/2003, de 22 de agosto de 2003

FONTES PRIMÁRIAS:

Introdução ao Curso Unificado (1965). *Boletim IMAVE, Outubro-Novembro*, 12-13.
OCDE. (1977). *Uma revisão para avaliação da Telescola com recomendações*. Paris: OCDE.

FONTES ELETRÓNICAS:

www.portugalape.blogspot.com
www.agendalx.pt

ANEXO 1

GUIÃO DA ENTREVISTA

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual o seu nome?
- 3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?
- 4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?
- 5) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?
- 6) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?
- 7) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?
- 8) Conte-me um dia seu enquanto monitor (a) da **Telescola**?
- 9) Como se sentiu a dar as aulas?
- 10) Como era o ensino na **Telescola**?
- 11) Qual a qualidade das emissões?
- 12) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?
- 13) Quem fornecia e elaborava esses materiais?
- 14) Quem pagava esses materiais?
- 15) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

- 16) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?
- 17) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**? Ficariam os alunos mais bem preparados ou, pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto?
- 18) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?
- 19) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?
- 20) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?
- 21) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?
- 22) Como era realizada a avaliação dos alunos?
- 23) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registado?

Data ____/____/____

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 2

TESTEMUNHO 1

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

1) Qual a sua idade?

R: 52 anos.

2) Qual o seu nome?

R: Isabel Cardoso.

3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R: De 76/77 a 81/82 no posto de A-dos-Negros no concelho de Óbidos. Lecionava a área de Ciências, mais concretamente as disciplinas de Matemática, Ciências da Natureza, Educação visual, Trabalhos Manuais e Educação Musical. As emissões eram em direto. Mais tarde, entre os anos letivos de 86/87 a 01/02, lecionei na Moita dos Ferreiros, concelho da Lourinhã. Nesta segunda fase, lecionava a área de Letras ao 1º e 2º anos. Lecionava as disciplinas de Língua Portuguesa, Francês, História e Educação Moral e Religiosa Católica. As emissões já não eram em direto.

Nos últimos anos da Telescola foi substituída a disciplina de Francês pela de Inglês, uma vez que existiram pressões exteriores neste sentido, por se considerar o inglês uma disciplina mais útil e proveitosa.

4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R: 1º e 2º anos, que corresponde ao atual 2º ciclo.

5) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R: Se assim não fosse, os alunos ficariam privados do prosseguimento de estudos. As aldeias ficavam longe da sede de concelho, não existiam grandes transportes na altura e, como tal, a escola era inacessível a muitas crianças.

Mesmo assim ainda tinha alunos que se deslocavam cerca de 3 quilómetros a pé para poderem frequentar a telescola.

6) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?

R: Os professores denominados por “Professores Monitores” tinham o curso necessário para desempenhar esta atividade. Os apelidados apenas por “monitores” possuíam apenas o 7ºano de escolaridade. Os denominados por professores monitores, tinham o curso do magistério primário, hoje a atual Escola Superior da Educação.

Mais tarde, com a implementação do Inglês, tive de ter mais formação, uma vez que o meu Inglês estava ao nível do atual 9º ano. Tive, por minha conta, de fazer um curso intensivo de Inglês no verão.

Pediram-me, então, para ir lecionar esta disciplina noutra posto para além do meu, pois a monitora desse posto não tinha formação suficiente (tinha apenas o 7ºano). A proposta realizada pelo inspetor consistia em deslocar-me ao posto da Moita dos Ferreiros para lecionar a disciplina de Inglês, enquanto a monitora desse posto iria lecionar a disciplina de Educação Moral e Religiosa católica ao meu posto (Reguengo). Eu acabei por não aceitar a proposta porque as despesas inerentes teriam de ser por minha conta. Achei, portanto, que não se justifica o stress de andar de um lado para o outro.

Os alunos assistiam às emissões, possuíam manuais e cada dia realizavam fichas do manual que eram corrigidas pelo professor monitor.

À parte disso, tínhamos reuniões, onde os monitores de cada uma das áreas, num local que abrangia vários postos/escolas. Cheguei a ter reuniões na Atouguia-da-Baleia, onde se reuniam monitores de postos do concelho da Lourinhã, Óbidos e Peniche. Estas reuniões eram marcadas pelo inspetor/orientador da parte da manhã, pois não existiam aulas neste período. Nestas reuniões eram exploradas, por exemplo, novas legislações e novas indicações.

Antes de me iniciar como monitora da Telescola tive uma semana de formação em Leiria. Para mim foi fácil inteirar-me das minhas funções enquanto monitora, pois já tinha frequentado a Telescola enquanto aluna.

Ninguém era monitor sem receber primeiro formação. No início de cada ano letivo tínhamos formação e no final desta tínhamos de elaborar relatórios.

Numa fase posterior, a formação passou a ser quinzenal, decorria enquanto os alunos estavam em intervalo. Esta formação incidia nas diversas disciplinas e tínhamos de enviar o relatório, por nós elaborado, para Vila Nova de Gaia. Mais concretamente, os professores reuniam-se numa sala de aula e ouviam a respetiva cassete, no final elaboravam então o relatório.

Enquanto professora aprendi imenso por ter participado neste tipo de ensino, adorei trabalhar na Telescola.

7) Conte-me um dia seu enquanto monitor (a) da **Telescola**?

R: Ouvia a emissão com muita atenção, tirava apontamentos durante o decorrer da mesma, porque sabia o conteúdo das fichas a realizar pelos alunos. Como tal, utilizava eu própria a emissão para me recordar de conteúdos, já esquecidos, e assim conseguir explicá-los, posteriormente, aos alunos.

Os professores da emissão eram muito bons, tinham uma ótima dicção, comunicavam muito bem com os alunos, tal e qual como se estivessem com eles dentro da sala de aula. Faziam perguntas, aguardavam pela resposta (o monitor seleccionava o aluno que dava a resposta) e após uma pequena espera davam a resposta correta.

Os professores da emissão formavam uma equipa que funcionava muito bem, pessoas dotadas de muitos conhecimentos, com amor à camisola. Mantiveram-se em direto para todo país por muitos anos. Seguido das emissões, procedia-se à exploração da matéria onde os alunos, de todo o país, realizavam as mesmas atividades.

As aulas tinham início às 13h30 e iam até às 15h30/15h45, não me recordo muito bem. Neste período encontrava-me com o 1º ano e depois às 16h05 iniciava as aulas com o 2º ano. Os professores de “letras” e de “ciências” trocavam de sala, os alunos mantinham-se na mesma sala. Enquanto o professor de Letras estava com o 1º ano, o professor de Ciências encontrava-se com o 2º ano e vice-versa.

Durante as aulas assistia-se à emissão, nesta altura em direto, e após o visionamento da mesma procedia-se à exploração das matérias abordadas na respetiva emissão.

Mais tarde, com as cassetes, tínhamos mais flexibilidade, no entanto não nos podíamos descuidar muito para termos tempo para a exploração das matérias.

À parte de tudo isto, existia um inspetor que aparecia sem avisar. Assistia às aulas para averiguar se as planificações estipuladas para aquele dia estavam a ser cumpridas, elaborava um relatório no final da aula que nos dava a ler e a assinar. A recondução do professor dependia das informações transmitidas pelo inspetor. Inicialmente denominava-se por inspetor, mais tarde passou a ser apelidado por inspetor orientador, embora as suas funções continuassem as mesmas.

8) Como se sentiu a dar as aulas?

R: Adorei, tinha dezassete anos, nas turmas da Telescola integravam poucos alunos, cerca de doze. Quando iniciei a carreira tinha uma aluna com catorze anos, com três de diferença de mim, que era maior e mais forte que eu.

Os alunos eram muito bons, tanto a nível de aproveitamento, como de comportamento, fazíamos coisas que hoje seriam impensáveis. Por exemplo, se os alunos estavam doentes e tinham de realizar provas de avaliação, uma das professoras olhava pelas duas turmas e a outra ia a casa do aluno para ele poder realizar a prova. As salas ficavam frente a frente e a professora que ficava espreitava as duas salas. Hoje, com os problemas de comportamento que existem, isso era impensável. Cheguei mesmo a ir da parte da manhã aplicar a prova a casa do aluno, visto que as aulas se realizavam da parte da tarde. Só quando começaram os videogramas é que as aulas começaram a realizar-se tanto de manhã como de tarde.

Adorei lecionar as disciplinas de Educação Visual e Trabalhos Manuais. As salas de aulas estavam apetrechadas de todos os materiais necessários a estas duas disciplinas, até tínhamos na sala uma bancada de carpinteiros com torno e tudo. Tínhamos tesouras que cortavam metais, fazíamos assim brinquedos com metais, que cortávamos e montávamos com solda. Também na disciplina de ciências, onde eram realizadas muitas experiências, as salas estavam dotadas de todos os materiais necessários. Os alunos tinham acesso a todos estes materiais, incluindo manuais

escolares, sem nada terem que pagar. Mais tarde já tinham que contribuir com uma quantia simbólica para a compra dos manuais escolares.

9) Como era o ensino na **Telescola**?

R: Era um ensino de muita qualidade, os professores mantinham-se anos a fio neste tipo de ensino, os que não gostavam, caso raro, saíam logo no ano a seguir, não se mantendo, portanto, muito tempo na Telescola.

10) Qual a qualidade das emissões?

R: As emissões tinham muita qualidade, tanto nas emissões em direto, como os videogramas. As emissões em direto eram a preto e branco. Nesta altura ainda não existiam televisões a cores. Quando eu era aluna da Telescola, muitos de nós nem televisão em casa tínhamos, apenas na escola tínhamos acesso a ela.

11) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?

R: Os professores/monitores reclamavam devido aos livros serem a preto e branco e, como tal, tornavam-se pouco cativantes para os alunos. Mais tarde, colocaram então umas cores, mas nada de muito significativo. Eram, portanto, manuais menos apelativos em comparação com os do ensino direto.

12) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R: Eram todos fornecidos e elaborados pela Telescola, nós apenas nos limitávamos a aplicar os materiais indicados.

13) Quem pagava esses materiais?

R: Os materiais eram totalmente pagos pela Telescola.

14) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R: Sim, tínhamos orientações rígidas sobre o que tínhamos de realizar em cada uma das aulas. Tínhamos um livro para o professor de “letras” e outro para o de monitor “ciências”, onde constavam todas as orientações para cada uma das aulas, que fichas faziam ou se faziam trabalho de grupo ou individual. Estava, portanto, tudo programado ao pormenor.

Na altura dos videogramas, já o professor tinha mais margem de manobra. Podia primeiro o monitor abordar a matéria e depois mostrar o videograma para consolidar, ou vice-versa, podia mostrar o videograma e depois então explorar a matéria ou às vezes até mostrava no início e depois no fim, depois de explorada a matéria.

Nesta fase utilizava também manuais do ensino direto, onde selecionava exercícios e fichas de trabalho, uma vez que na Moita dos Ferreiros já existia, nesta última fase, fotocopiadora.

15) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R: Dependia de aluno para aluno, embora os alunos da altura tivessem uma preparação diferente dos atuais, tinham menos dificuldades nesta disciplina, também por apresentarem uma postura diferente em sala de aula, claro. Como tal, adquiriam melhor os conteúdos abordados.

16) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**? Ficariam os alunos mais bem preparados ou, pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto?

R: Em relação às informações que me chegaram de quando os meus alunos da Telescola ingressaram no ensino direto, os mesmos apresentavam uma preparação superior por comparação aos que tinham frequentado anteriormente o ensino direto. Eram mais bem preparados, uma vez que os programas eram sempre cumpridos na sua totalidade. O professor da Telescola tinha uma grande preocupação no que diz respeito à preparação dos alunos para as provas, das quais desconheciam o seu conteúdo, dado que os envelopes onde as mesmas vinham apenas eram abertos na hora. No ensino direto, as fichas de avaliação eram realizadas pelo professor da turma e, como tal, a tendência era de efetuar exercícios típicos aos que saíam no teste.

Também no ensino da Telescola os professores só podiam faltar por motivo de força maior, dado que as emissões eram em direto e, como tal, se o professor faltasse, os alunos perdiam a matéria prevista para aquele dia. Lembro-me de ir afónica para a aula e falava com eles por gestos, só para não faltar.

17) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

R: Na Matemática, nas Ciências, em Língua Portuguesa, História e Francês.

Já na época dos videogramas “roubávamos” tempo às disciplinas mais práticas, não menos importantes, claro, como Educação Visual, Trabalhos Manuais e Educação Moral e Religiosa Católica, para dedicarmos mais tempo às disciplinas que enunciei. Como tal, a sua preparação era superior nestas disciplinas por lhes dedicarmos mais tempo.

18) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?

R: Hoje em dia estamos noutra era, mas tive muita pena que este tipo de ensino tivesse terminado. As turmas eram mais pequenas, conseguíamos, portanto, dar outro tipo de atenção aos alunos. Este tipo de ensino permitia que os alunos efetuassem a sua escolaridade (1º e 2º ciclo) no mesmo local.

19) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R: O cumprimento dos programas na sua totalidade; conhecíamos melhor os alunos, tínhamos um melhor relacionamento com os mesmos, era quase uma família. As turmas eram mais pequenas. Era, portanto, um ensino mais individualizado, conhecíamos melhor os alunos e a professora estava mais acessível a todos.

20) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R: Eram os mesmos.

21) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R: Em A-dos-Negros (fase inicial) os testes vinham em envelope fechado e apenas eram abertos na hora da sua realização. Os inspetores, com a sua circulação, também se certificavam se os envelopes eram abertos apenas na hora indicada.

Cada questão tinha cinco hipóteses de resposta (escolha múltipla) A, B, C, D e E. Na última resposta dizia que nenhuma das respostas anteriores estava correta.

Nesse mesmo dia as respostas eram enviadas, em envelope, para Vila Nova de Gaia.

A folha de resposta era preenchida com lápis número dois e marcava-se a opção selecionada com uma bolinha pequena. Os testes eram corrigidos por uma máquina. Não éramos nós, monitores, que corrigíamos as provas, nem tão pouco tinha conhecimento das questões que as compunham, apenas na hora da sua realização tínhamos acesso às mesmas.

O grau de dificuldade das provas era elevado, tendo respostas muito idênticas mudando, por exemplo, um “e” para um “ou”. Os alunos tinham de saber muito bem as matérias para responderem corretamente às questões.

Mais tarde, os professores tinham acesso aos testes com mais antecedência e tinham, por isso, a tendência para preparar os alunos para as referidas provas fazendo exercícios idênticos aos que nela constavam. Nesta fase já eram os próprios professores monitores que corrigiam os testes e preenchiam os respetivos mapas. A avaliação, nesta última fase, dependia única e exclusivamente do professor.

As respostas já não eram de escolha múltipla e, como eram os próprios professores monitores que corrigiam, os alunos arquivavam as suas provas no dossiê.

22) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

R: Tive muita pena que este tipo de ensino acabasse.

Hoje talvez já não fosse viável, não sei.

Os materiais eram tão bons, que antigos monitores da Telescola utilizaram-nos mais tarde no ensino direto. Utilizaram também, posteriormente à extinção do ensino pela Telescola, videogramas e outros materiais relativos a estes tempos.

Quando as emissões eram em direto não se realizavam visitas de estudo. Só mais tarde, já na época do videograma, os alunos tiveram acesso a este tipo de atividades.

Data 29/10/2011

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 3

TESTEMUNHO 2

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema "**A Telescola**".

1) Qual a sua idade?

R: 54 anos

2) Qual o seu nome?

R: Maria de Lurdes Venâncio de Carvalho Filipe.

3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R: de 1980 a 2002

4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R: 1º e 2º ano.

5) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?

R: Reguengo Grande e Moita dos Ferreiros.

6) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R: Se não fosse a Telescola, praticamente ninguém tinha estudado. Os pais não deixavam as crianças deslocarem-se até à Lourinhã (sede de concelho) para irem estudar, uma vez que tinham receio do que os filhos andavam por lá a fazer nos furos da escola (horas de almoço e quando os professores faltavam), consideravam perigosa essa deslocação. Como a Telescola era ao pé de casa, estavam descansados, tinham sempre aulas, pois caso alguma das professoras falta-se, a outra encarregava-se das duas turmas.

7) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?

R: Até determinada altura existiam as folhas de trabalho. Os alunos assistiam à emissão e posteriormente resolviam a respetiva folha de trabalho e procedia-se à exploração dos conteúdos abordados na emissão.

Esclarecia dúvidas, tinha sempre a preocupação de cumprir com rigor o programado e de ligar a televisão à hora devida.

Em tempos já das videocassetes roubávamos tempo à Educação Física, pois por vezes estava a chover, para dedicar a outras disciplinas onde os alunos tinham mais dificuldades. Também neste período, como as emissões já não eram em direto, por vezes parava a cassete para chamar os alunos à atenção de algum pormenor, ou voltava para trás para poderem ouvir de novo com mais atenção.

As emissões eram de muita qualidade, usei-as posteriormente no ensino direto.

As emissões das cassetes tinham entre 10 a 15 minutos, enquanto as emissões em direto tinham maior duração.

8) Conte-me um dia seu enquanto monitor (a) da **Telescola**?

R: Era intenso, tínhamos apenas um intervalo. O horário era das 13h30 minutos às 18h15 minutos.

O professor tinha que estar sempre presente, uma vez que não existiam auxiliares de educação. Não tínhamos grandes recursos materiais, uma vez que os postos eram em espaços improvisados. Essencialmente, na disciplina de Educação Física, os alunos realizavam as balizas e os cestos de basquetebol com a ajuda dos pais em casa. Já para a disciplina de Trabalhos Manuais e Ciências tínhamos muitos materiais para podermos elaborar as atividades propostas.

Fizemos muitas exposições na localidade (Reguengo Grande), no dia 20 de maio, na Feira Anual. A Telescola estava sempre presente nesta feira. Lá mostrávamos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos ao longo do ano letivo.

9) Como se sentiu a dar as aulas?

R: No início tive dificuldades, por não ter preparação específica para algumas disciplinas. Fiz formações de vários dias em Vila Nova de Gaia, onde nos pagavam tanto as deslocações como a estadia. Tive também formação com os professores das emissões em Torres Vedras e, salvo erro, em Lisboa também.

10) Como era o ensino na **Telescola**?

R: Colocava-se a cassette explorava-se, fazia paragens (parava a cassette) para explorar determinado assunto. Com a introdução das videocassetes era já muito semelhante ao ensino atual. Se necessário, voltava a repetir tudo e depois elaborava-se a ficha prevista para o dia. Tínhamos apenas de cumprir o que nos diziam, estava tudo programado.

Os testes também não eram elaborados por nós, professores monitores, eram enviados uns dias antes, junto com a correção e respetivas cotações. Nós apenas corrigíamos os testes. Se o teste era em determinado dia, tínhamos de ter a matéria dada até lá.

Os professores da Telescola tinham o trabalho realizado, tinham apenas de rever as matérias.

Tínhamos muitas formações e, consequentemente, muitos relatórios para fazer. As formações eram tanto presenciais como através das cassetes.

11) Qual a qualidade das emissões?

R: Muito boas. Emprestei a muitos colegas do ensino direto cassetes para poderem gravar, para poderem utilizar nas suas aulas. Eu própria, já no ensino direto, utilizei muitos materiais da Telescola.

12) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?

R: Não tinham cores, eram pouco atrativos, tinham poucas imagens. Eram maçudos, não motivavam muito os alunos para o estudo.

13) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R: O ministério da Educação.

14) Quem pagava esses materiais?

R: Sim, pagavam os materiais.

15) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R: Mais ou menos. Nos últimos anos já não era tão rigoroso, as videocassetes davam-nos alguma margem de manobra. Tínhamos visitas periódicas do inspetor, como tal tinha de ter a matéria em dia. O inspetor batia à porta entrava, sentava-se no fundo da sala e fazia o registo do que se dava na aula. Verificava se estávamos atrasados ou se tudo coincidia com o previsto. Elaborava o respetivo relatório e dava uma cópia ao professor monitor.

16) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R: Muito esclarecidos, muito bem preparados, trabalhavam muito, os alunos. Por não perderem muito tempo com as deslocações para a escola, uma vez que era ao pé de casa, tinham mais tempo para se dedicar ao estudo.

17) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**? Ficariam os alunos mais bem preparados ou, pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto?

R: Bom e eficaz. Alguns foram posteriormente para o Técnico e continuaram a ser bons alunos. Muitos prosseguiram os estudos, tiraram licenciaturas e mestrados.

18) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

R: Matemática e Ciências, pois era a área onde eu tinha mais formação.

19) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?

R: Era o da Telescola, o tradicional ainda não usava projetor já nós na Telescola tínhamos emissões. Por exemplo, o sistema reprodutivo estava muito bem feito e explicado, através de imagens. Tínhamos na Telescola mais tecnologia, portanto mais motivação.

Fazíamos muitas visitas de estudo com os alunos, o que era muito gratificante para eles, pois nunca saíam das respetivas aldeias. Programávamos encontros com outros postos de Telescola.

20) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R: Os alunos não tinham as vivências de ter um número maior de professores; os espaços físicos eram mais fracos e improvisados. Nós, por exemplo, iniciámos a Telescola na escola primária mas, posteriormente, tivemos de sair, tendo o presidente da Junta de Freguesia cedido salas do edifício da Junta para podermos continuar.

Em contra partida, os alunos tinham mais contacto com as novas tecnologias, os programas eram sempre cumpridos, não existiam falhas, tínhamos muito tempo para rever as matérias, os dias eram muito bem aproveitados.

21) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R: Não, eram iguais.

22) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R: Aplicávamos testes e fichas de trabalho.

23) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

R: Tinha uma aluna com trissomia 21. Periodicamente vinha ao posto uma professora de educação especial. A esta aluna aplicava materiais diferentes elaborados por mim ou pela professora de educação especial.

A Telescola terminou em 2003 e eu saí deste tipo de ensino em 2002.

Já no tempo das videocassetes existiam aulas sem emissão. Também nas aulas de revisões não existiam cassetes.

Data 05/11/2011

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 4

TESTEMUNHO 3

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

- 1) Qual o seu nome?

R: Maria Carolina Martinho Colaço Jesus Perdigão e Célia Maria dos Santos Pina Patuleia.

- 2) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R: 1º e 2º anos.

- 3) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R (Célia): Do ano letivo 68/69 até ao ano letivo 71/72, lecionei na Telescola durante 4 anos.

R (M. Carolina): Desde o ano letivo 66/67 ao ano letivo 71/72. Em 72/73 abriu o Ciclo Preparatório no Palácio Gorjão, no Bombarral, e terminou a Telescola.

- 4) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?

R (Célia): Em Bombarral, no Externato Académico (Ensino Privado). Este externato era dirigido por um Padre. Eu dava aulas o dia todo, da parte da tarde os alunos assistiam à emissão (cerca de 20 minutos) e depois eram aplicadas as folhas de trabalho, para aquele dia, eu explorava com os alunos a matéria abordada. No dia a seguir, na parte da manhã, explorava conteúdos passados, agrupava os alunos por disciplinas consoante as suas dificuldades para trabalhar conteúdos onde os mesmos estavam menos bem preparados. Também aproveitava a manhã para terminar trabalhos referentes à disciplina de Trabalhos Manuais. Os alunos ficavam muito bem preparados, os conteúdos eram muito bem trabalhados com os discentes, tanto pelos professores da emissão como por mim, tinha muito tempo para a exploração dos conteúdos.

R (M. Carolina): Em Vale Covo, aldeia do concelho do Bombarral. A Telescola funcionava na escola primária. Da parte da manhã dava aulas a uma turma do ensino primário e na parte da tarde na Telescola. É nesta fase que começam os desdobramentos do horário, aulas só de manhã e/ou só de tarde.

Julgo que funcionava em regime de acumulação, como se estivesse a acumular outra turma, pois na altura havia muita carência de professores.

- 5) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R (M. Carolina): Importantíssimo, estava vedado aos alunos o ensino para além da quarta classe. Este ensino era gratuito, também na época havia muita falta de

professores e também com este tipo de ensino poupava-se muito dinheiro por comparação com o ensino direto, em que o número de professores no 1º e no 2º ano era muito avolumado.

R (Célia): No Externato tinham apenas um professor, pois eu apoiava em todas as disciplinas, por isso ser mais económico, a quem pagavam mal. Entrava às 9h30 minutos saía às 12h30 minutos, voltava a entrar às 14h00 (hora da emissão) e saía pelas 17h30 minutos, mas na realidade ficava sempre até mais tarde. A minha remuneração era de 4000 escudos.

6) Conte-me um dia seu enquanto monitor (a) da **Telescola**?

R(duas): O IMAVE dava a metodologia (Boletim informativo). Sabíamos com antecedência o que iria ser tratado pelos professores da televisão e as perguntas que iam ser realizadas aos alunos, por esses professores. Embora só visualizássemos a emissão aquando dos alunos. As emissões tinham cerca de 20 minutos e de seguida procedia-se à exploração que tinha a duração de 20 ou 25 minutos.

R (M. Carolina): Só mesmo se existisse um aluno doente, posteriormente, pedíamos ao IMAVE a cassette com a respetiva gravação. Só mesmo em caso de força maior nos cediam as cassetes.

R (Célia): Eu própria gravava as emissões, por termos material para isso no Externato, para posteriormente mostrar aos alunos.

Os professores tinham uma ótima pronúncia e explicavam-se muito bem, eram muito bons comunicadores, como tal tinha a preocupação de gravar a emissão para voltar a mostrar aos alunos, caso houvesse essa necessidade.

Em Francês tínhamos um gravador. Depois de os alunos assistirem à emissão, procedíamos à exploração através de uma cassette que eu colocava no gravador. Os professores da emissão faziam perguntas e aguardavam pelas respostas, tal e qual como se tivessem dentro da sala, depois davam a resposta correta ao fim de algum tempo. Os professores eram franceses, apenas falavam nessa língua. No primeiro ano praticava-se apenas a oralidade, só no final do 1º ano é que treinavam a escrita.

Os alunos realizavam provas orais nesta disciplina. O inspetor vinha à escola para ele próprio as realizar e outras vezes trazia com ele alguém para o fazer.

7) Como se sentiu a dar as aulas?

R (M. Carolina): Eu lecionava Matemática, Ciências e História. Nós éramos três professoras e então dividimos as disciplinas pelas três. Uma das minhas colegas dava as disciplinas relacionadas com as artes e a outra Português e Francês. As emissões eram muito úteis até para os monitores.

Naquela altura, a Telescola foi como uma “pedrada no charco”, muito inovadora.

8) Como era o ensino na **Telescola**?

R(duas): Muito bom, o Boletim era muito bem feito. O Boletim era um livro (mensal), este livro começava com um horário idêntico ao atual, com as disciplinas e os respectivos horários das mesmas. Nele constava, por dia, tudo o que ia ser abordado nas emissões e as orientações para os monitores relativas à exploração dos conteúdos. Este boletim estava muito bem organizado, estruturado e organizado.

R(Célia): As emissões eram em direto e a preto e branco, decorriam no período da tarde. Estas emissões não paravam. Como tal, apenas no final podíamos esclarecer dúvidas. No seu final, procedia à exploração dos conteúdos abordados. Por estar no externato, ensino particular, também tinha aulas com os alunos de manhã e, como tal, utilizava esse tempo para prepará-los melhor e debater conteúdos onde os mesmos apresentavam mais dificuldades.

R (M. Carolina): Os alunos realizavam fichas de trabalho, que vinham no boletim e eu tinha de as passar no quadro, para eles as poderem realizar.

Célia - No externato tirávamos cópia das fichas para as podermos entregar aos alunos.

9) Qual a qualidade das emissões?

R (M. Carolina): Eram de muita qualidade, os professores eram muito bons, tinham muito conhecimento, eram os melhores dos melhores, topo de gama mesmo.

As emissões eram muito ativas, nada monótonas.

10) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?

R: Muito bons. Vinha mensalmente uma “espécie de fichas” que os alunos arquivavam em dossiês, não tinham manuais escolares.

11) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R (M. Carolina): Vinha tudo do IMAVE, as emissões eram realizadas em Vila Nova de Gaia. Mensalmente recebíamos na escola um caixote onde vinham todos os materiais a serem utilizados no mês. Tínhamos acesso aos mesmos com muita antecedência, estava tudo muito bem organizado.

12) Quem pagava esses materiais?

R(duas): O Ministério.

13) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R(duas): Eram-nos dadas todas as orientações, estava tudo muito bem organizado e programado. Não havia qualquer necessidade de fugir à planificação, uma vez que estava tudo muito bem feito.

14) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R(duas): Era muito engraçado, muito lúdico. Eram utilizados materiais muito inovadores, muito apelativos que nós não tínhamos nas escolas. Ainda tínhamos cerca de 30 minutos para explorar o explicado pelo professor da televisão.

R(Célia): A geometria era dada de uma forma muito engraçada.

- 15) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**? Ficariam os alunos mais bem preparados ou, pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto?

R(duas): Muito bom, embora se ouvissem muitas críticas relativamente ao facto de os alunos escreverem muito pouco, devido aos testes serem constituídos por questões de escolha múltipla.

Os conteúdos eram abordados, pelos professores, de uma forma tão aliciante que compensava estas possíveis lacunas.

As escolas tradicionais não eram detentoras dos recursos utilizados na abordagem das matérias pelos docentes da emissão. Como tal, era mais fácil para os alunos da Telescola adquirirem os conteúdos previstos, existiam poucos chumbos. Os conteúdos eram repetidos sistematicamente, os professores não faltavam, mesmo que o monitor faltasse, os alunos assistiam à aula, ia sempre alguém substituir o monitor, caso houvesse necessidade disso.

O ensino era tão sistematizado ao nível da televisão que estava feito por forma a não existirem chumbos.

R(M. Carolina): Os meninos da Telescola vinham muito mais bem preparados, isto já eu lecionava no Ciclo Preparatório Direto, uma vez que a Telescola ainda continuou no Salgueiro, aldeia do concelho do Bombarral. As turmas eram mais reduzidas e, como tal, os alunos vinham mais bem preparados.

R(Célia): Embora criticassem o facto de os alunos escreverem pouco, por lhes serem aplicados testes constituídos por questões de escolha múltipla, eu não achava que os alunos escrevessem mal por comparação com os do ensino direto. As questões de escolha múltipla exigem e exigiam bastante raciocínio, pois as opções de resposta eram muito semelhantes, os alunos tinham de dominar muito bem as matérias, tinham de criar mecanismos de alternativa.

O diretor do Externato Académico, o padre Alberto Teixeira Dias, que estava muito reticente no início da implementação da Telescola no colégio, dizia aos inspetores, quando estes se deslocavam ao Externato para verificar se tudo estava conforme o previsto, que os alunos iam muito mais bem preparados pela Telescola para o 3º ano, do que anteriormente quando tinham o ensino direto no 1º e 2º anos.

Posteriormente, já eu me encontrava no Ciclo Preparatório Direto, pude confirmar que os alunos que provinham da Telescola, do Salgueiro, vinham muito mais bem preparados em relação aos que provinham do Ensino Direto.

A metodologia era muito boa. Em relação aos meus alunos que frequentaram a Telescola no colégio, e que tive a oportunidade de acompanhar o seu percurso escolar, tiveram sucesso, pois poucos reprovaram, no prosseguimento de estudos, posteriormente à sua frequência na Telescola.

16) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

R (Célia): Dependia das tendências de cada um dos alunos e das disciplinas onde tinham mais apetências. Os alunos da Telescola, na altura, não tinham a disciplina de Educação Física. Nos trabalhos manuais não ficariam tão bem preparados, uma vez que percebiam mais de certas atividades que eu. Os rapazes dedicavam-se à carpintaria, onde eram supervisionados por um auxiliar do externato e eu, normalmente, acompanhava as meninas na costura. Muitas vezes levavam para casa e os próprios pais ajudavam na elaboração dos trabalhos.

17) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?

R (M. Carolina): Sinceramente, acho que aquele modelo era fabuloso. Na época foi uma coisa em grande.

R (Célia): Os alunos estavam integrados dois anos numa turma apenas com um professor, estavam mais protegidos para mais tarde então ingressarem numa escola com onde tinham mais professores.

18) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R(duas): Vantagens:

- o programa era todo dado;
- ambiente mais protegido para crianças com o nível etário tão baixo;
- parte audiovisual muito apelativa, muito inovadora e mais lúdica que no ensino direto;

R(Célia): os professores eram muito bons, topo de gama, muito comunicativos, “saltavam do ecrã”. Os professores da televisão faziam parte do todo, eles, eu e os alunos. Os professores eram escolhidos a dedo.

As desvantagens só mesmo em relação aos trabalhos manuais que eram francamente mal explorados e o facto de não terem Educação Musical e Educação Física. As artes estavam descuradas do programa.

Os alunos que frequentavam a Telescola apenas tinham Inglês no 3º ano. Era uma das lacunas da Telescola não dar como opção aos alunos o Inglês ou o Francês. Na altura estávamos mais ligados aos Franceses.

19) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R(duas): Eram bastante mais bem apresentados e aprofundados.

Fizemos a transição da Telescola para o Ciclo Preparatório, onde existiam professores muito mal preparados com pouca formação, notamos muita diferença, o ensino era muito mais fraco que o da Telescola.

R(Célia): Existiam mais intervalos, enquanto na Telescola apenas tinham um a meio da tarde. Mais intervalos, mudanças de professor, alteração da pedagogia e, como tal, menos concentração por parte dos alunos, o que consequentemente levava a piores níveis de desempenho.

A Telescola proporcionava um ensino mais variado: televisão, exploração oral, realização de atividades. Passava mais rápido era menos maçadora para os alunos.

20) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R (duas): As fichas de avaliação vinham lacradas em envelope e provinham de Vila Nova de Gaia. Havia uma preocupação muito grande em preparar os alunos para os testes, bem como para o exame final. Estes não eram corrigidos pelos monitores.

Os testes eram corrigidos pela Telescola e nós dávamos a nossa avaliação dependendo das notas obtidas pelos alunos e do seu desempenho em sala de aula. Quem propunha a nota éramos nós e a Telescola aceitava ou não a nossa proposta.

No final do 2º ano os alunos elaboravam o exame final, na Lourinhã, para além de realizarem cerca de dois testes por períodos, tudo era corrigido por uma equipa destacada para o efeito.

Os professores eram destacados para procederem à aplicação das provas. Na Lourinhã, não vigiavam as provas dos seus próprios alunos. A Telescola desta região era centralizada na Lourinhã.

R (Célia): O lema da Telescola era não existirem reprovações, tive apenas uma reprovação em 4 anos de ensino na Telescola.

Duas das avaliações por mim propostas foram alteradas pela Telescola, sempre para valores superiores. Aproveitava provas de outros anos para realizar com os alunos, como forma de prepará-los para testes e exames.

R (Carolina): Foi nesta altura que surgiu o “Teste Americano”, de escolha múltipla. As questões eram constituídas por três respostas. Estes testes eram constituídos por perguntas básicas, no início, e iam aumentando o grau de dificuldade.

21) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

R (M. Carolina): Foi muito importante, foi a forma de cobrir este país pela escolaridade obrigatória.

Presumo que primeiro a Telescola esteve em regime experimental em Lisboa e no Porto e só depois se estendeu a todo o país.

O IMAVE estava muito bem apetrechado, em termos tecnológicos estavam muito bem desenvolvidos.

Estava tudo cronometrado, tudo muito bem planificado.

R (Célia): Depois de terminar a Telescola abriu o Ciclo Direto, no Palácio Gorjão, e era tudo “meia bola e força”. Não existiam condições, abriram escolas de ensino direto sem recursos físicos. Como tal, o ensino com esta mudança piorou, nós tínhamos o “back ground” da Telescola e sentíamos muito essa mudança, o ciclo direto encontrava-se muito aquém do da Telescola.

Mais tarde, as coisas melhoraram muito, já com laboratórios bem equipados, retroprojetores, etc.

Fui também a uma formação de Francês que decorreu no IMAVE.

Os críticos diziam que os alunos neste tipo de ensino desenvolviam muito pouco a escrita.

Na disciplina de ciências, as experiências eram realizadas pelos professores da televisão e apresentadas aos alunos. Eles apenas assistiam. Os laboratórios onde eram realizadas estavam muito bem apetrechados. As experiências eram apresentadas de forma muito detalhada, tudo era muito sistematizado. Os alunos não manipulavam os materiais, mas a forma como eram apresentadas as experiências permitia-lhes perceber muito bem as conclusões.

Os alunos iam para o 3º ano muito bem preparados. O ensino da Telescola era muito variado, “agarrava-os mais”, pois muitos deles não tinham televisão em casa e, como tal, tudo era novidade para os alunos. Os meios audiovisuais cativavam-nos.

Gostei muita da experiência, os professores eram muito bons e muito modernos. Encontravam-se muito bem preparados, tinham muita experiência, eram mesmo topo de gama. Os professores eram escolhidos a dedo nas faculdades, apresentavam todos uma boa imagem.

Muitas vezes aparecia o inspetor, que assistia às aulas. No final conversava com os professores e com os alunos.

Data 11/11/2011

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 5

TESTEMUNHO 4

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

1) Qual a sua idade?

2) Qual o seu nome?

R: Maria Cecília Marques Paulino da Fonseca e Maria de Fátima Marques Paulino da Fonseca.

3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R(M. Cecília): Comecei no ano letivo 67/68 e foi até me reformar. Estive 28 anos na Telescola e comecei quando tinha 25 anos de idade.

Até sensivelmente ao ano de 1974 (25 de abril) tinha uma turma de 1º ciclo de manhã e estava com o 1º e 2º ano da parte da tarde, depois tive de optar por 1º ciclo ou 2º ciclo, uma vez que já não podíamos trabalhar em regime de desdobramento, regime duplo. Nesta altura terminou a possibilidade dos professores poderem acumular funções.

Enquanto acumulava o 1º ciclo e o 2º ciclo recebia o ordenado enquanto funcionária pública e recebia a parte da acumulação pela Telescola.

Primeiro chamava-se Telescola e mais tarde foi denominada por CPTV.

Como havia falta de salas de aulas havia os desdobramentos, umas turmas tinham aulas de manhã e outras de tarde.

R(M. Fátima): Comecei em 74/75 e estive na Telescola até ao ano de 2001.

4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R(duas): 1º e 2º anos.

5) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?

R(duas): Salgueiro.

R(M. Cecília):- Primeiro era particular, eu e o meu pai fundámos a Telescola aqui no Salgueiro, no edifício da Cooperativa de Máquinas Agrícolas. Mais tarde, ainda privado, passou para outro edifício. Depois passou para a escola oficial e aí as aulas decorriam na escola primária.

Os alunos pagavam uma mensalidade, uma quantia simbólica, cerca de 100 escudos, e muitos tinham bolsas de estudo. Essa verba ajudava na compra dos materiais escolares e na remuneração dos professores. Era para as despesas da escola. Comprámos à nossa custa os televisores, as bancadas de carpinteiros, já as carteiras foi a Câmara Municipal que nos emprestou.

Todas as Telescolas que existiam nos arredores eram privadas e mais tarde, pelo 25 de abril, foram então oficializadas.

6) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R(M. Cecília): Era um meio agrícola, pobre, com carências económico-sociais. Quando soubemos da existência da Telescola pensámos logo que seria um bom veículo para proporcionar às crianças da região o prosseguimento de estudos para além da 4ª classe. Não havia nada no concelho, incutíamos nos alunos o interesse e o gosto pela cultura. Muitos dos nossos alunos continuaram os estudos graças à Telescola. Mentalizámos os pais, essencialmente os que tinham algum poder económico, para a importância dos seus filhos prosseguirem os estudos, muitos dos nossos alunos tiraram cursos superiores.

Chegámos a ter mais alunos na Telescola do Salgueiro, aldeia do concelho do Bombarral, do que o ciclo direto no Bombarral. Tínhamos alunos do concelho de Óbidos e das Caldas da Rainha também, das aldeias limite destes concelhos com o concelho do Bombarral.

7) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?

R(M. Cecília): Iniciávamos as aulas pelas 13h15, tínhamos de cumprir o horário com muita rigidez, pois as emissões eram em direto, existia um livro de ponto para registarmos os sumários, igual ao que hoje se faz. Após a emissão vinha a exploração, colocávamos questões aos alunos, esclarecíamos dúvidas e realizávamos as fichas de trabalho. Tínhamos um pequeno laboratório com os materiais necessários para realizarmos as experiências previstas.

Na disciplina de Educação Visual, os alunos assistiam também à respetiva exploração e posteriormente realizavam os trabalhos propostos.

Em Trabalhos Manuais, tínhamos várias opções escolha dentro de uma determinada área.

8) Conte-me um dia seu enquanto monitor (a) da **Telescola**?

R(M. Cecília): As aulas tinham duas partes, a emissão com cerca de 15 ou 20 minutos e uma exploração onde se elabora um resumo da aula. Existia um interrogatório para aferir a aquisição de conhecimentos e realizava-se uma ficha de trabalho.

Os alunos não mudavam de sala, quem mudava eram os professores das diferentes áreas, enquanto o professor de Letras estava com o 1º ano estava o de Ciências com o 2º ano e vice-versa. Às 16h00 tinham um intervalo para poderem lanchar e brincar.

Mais tarde, os videogramas proporcionaram-nos muita liberdade de ação, até então tinha de seguir passo a passo as instruções que nos davam. Não éramos obrigados a apresentar os videogramas em todas as aulas. Nas aulas de revisão, por exemplo, não aplicávamos os videogramas, tínhamos mais tempo para ação direta sobre os alunos.

9) Como se sentiu a dar as aulas?

R(M. Cecília): Exigia uma atualização constante. Existia, para além do manual do aluno, o manual do professor, onde constavam os conteúdos a abordar com os alunos, mas de uma forma muito aprofundada, para que os professores pudessem aperfeiçoar e aprofundar os seus conhecimentos.

A Telescola iniciou a Matemática Moderna, dos conjuntos. Foi a vanguarda das novas tecnologias.

10) Como era o ensino na **Telescola**?

R(M. Fátima): De muita qualidade. Na disciplina De Educação Física, assistia-se à emissão e depois, caso fosse possível, realizavam-se os exercícios no recreio ou mesmo dentro da sala de aula, arredavam-se mesas e cadeiras. Em Educação Musical davam-se as noções musicais da música, canções, ritmos, notas, etc.

A Telescola foi a vanguarda no estudo da utilização do computador no ensino.

R(M. Cecília): Eram aulas muito bem preparadas, foi material deitado à rua. Gastou-se tanto dinheiro para nada, não podíamos levar as cassetes para fazer cópias.

11) Qual a qualidade das emissões?

R(M. Cecília): As emissões eram em direto através do canal 2, eram muito boas. O inspetor, quando vinha, preocupava-se em verificar o estado dos televisores, a sua imagem e som. Caso a T.V. estivesse avariada, mandavam de imediato outra para a substituir.

As emissões tinham muita qualidade, eram aulas muito bem preparadas pelos professores que as apresentavam. Eram professores universitários escolhidos a dedo. O livro destinado aos monitores tinha muitos conhecimentos científicos, os conteúdos estavam muito aprofundados. A Telescola foi muito boa para os alunos, mas também para os professores monitores.

Andávamos sempre em curso, estávamos constantemente em atualização. O aprofundamento dos conteúdos dos livros dos professores era mais para sua valorização pessoal e profissional.

A emissão funcionava também como uma aula modelo, aprendíamos muito com os professores da televisão, no que diz respeito às metodologias utilizadas para fazer chegar as matérias aos alunos.

12) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?

R(M. Cecília): Estavam muito bem elaborados. Mais tarde, nós também adaptávamos o grau de dificuldade perante os alunos que compunham as turmas.

R(M. Fátima) Não gostávamos da palavra monitor, adorámos a altura em que as emissões em direto foram substituídas pelas videocassetes, pois ofereceu-nos muito mais liberdade para gerir a aula.

Os manuais da Telescola eram mais profundos, por comparação com os do ciclo direto. Estes, por conseguinte, eram mais sugestivos e coloridos. Os livros da Telescola eram a preto e branco, como tal eram mais baratos.

13) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R(M. Cecília): Mais tarde já tínhamos liberdade para elaborar os nossos próprios materiais.

14) Quem pagava esses materiais?

R(M. Cecília): Eram gratuitos, à exceção dos manuais que eram pagos pelos alunos, embora fosse um valor simbólico comparado com os manuais do ensino direto.

15) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R (M. Fátima) - Os inspetores eram rígidos, queriam que seguissemos à risca as folhas de trabalho. Mais tarde, na altura dos videogramas, tínhamos muito mais liberdade. nenhuns professores, na altura, tinham uma vigilância tão apertada como nós, quinzenalmente ou mensalmente tínhamos a visita do inspetor. Às vezes chegávamos à escola, estava já o inspetor no carro para verificar se éramos pontuais.

Assistia às aulas e verificava se as indicações estavam a ser cumpridas, elaborava um relatório onde mencionava se os objetivos da aula tinham sido atingidos. No final trocava impressões com o monitor, onde salientava pontos fortes e pontos a melhorar, era um estágio contínuo.

R(M. Cecília): Todos os professores gostavam muito da Telescola, criou-se uma amizade e unidade muito profunda na Telescola, sentíamos-nos numa classe à parte.

16) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R(M. Cecília): Tinha sempre informações de que os alunos da Telescola iam muito bem preparados a Matemática. A Telescola foi a pioneira da Matemática Moderna, a Matemática dos conjuntos, a palavra “conjuntos” não era anteriormente referida. Era feita a representação simbólica do conjunto, fazia-se a interseção e reunião de conjuntos.

A Telescola veio na vanguarda da Matemática Moderna, no ensino direto ainda não se falava em conjuntos já nós ensinávamos aos nossos alunos.

17) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**?
Ficariam os alunos mais bem preparados ou pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto.

R (M. Cecília): Em nada eram inferiores ao do ensino direto. Os professores da televisão utilizavam recursos que eram essenciais à aprendizagem dos alunos e os do ensino direto não tinham. Os meios audiovisuais são ainda muito úteis no ensino e os do direto não tinham, na altura, acesso aos mesmos.

R (M. Fátima): Eu colocava os meus alunos a manusear os aparelhos, uma vez que muitos em casa não tinham acesso aos mesmos. Eles adoravam, até faziam escalas para saber quem é que naquele dia ia ligar a televisão ou manusear o gravador.

Muitos dos professores do direto nem preparação pedagógica tinham. Este era um ensino de vanguarda. Mesmo as pessoas que não estavam relacionadas com o ensino gostavam de assistir às emissões, quando estas eram em direto, e diziam que aprendiam muito com as aulas da Telescola.

18) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

19) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?

R(M. Fátima): Os alunos iam muito bem preparados, tinham a oportunidade de assistirem à exposição dos conteúdos tanto pela TV como pelas explicações do monitor. Os monitores tinham uma atualização constante. Às quartas-feiras as aulas iam apenas até às 16h00. A partir desta hora, os monitores tinham formação através da televisão. Posteriormente elaborávamos relatórios com base nos conteúdos abordados. O inspetor quando vinha à escola, pedia os relatórios para poderem proceder à avaliação dos monitores.

No início de cada ano letivo tínhamos sempre uma semana de formação com os professores da televisão, em Leiria, Vila Nova de Gaia e Lisboa. Estes cursos com os próprios professores da Telescola só se realizaram depois do 25 de abril. Os cursos eram ministrados por áreas, Letras (Português, Francês, História e Educação Moral e Religiosa Católica) e Ciências (Ciências Naturais, Matemática, Educação Visual, Trabalhos Manuais, Educação musical e Educação Física), uma vez que eram dadas por professores diferentes.

R(M. Cecília): Também era necessário que à frente da turma, na Telescola, estivesse um professor competente, claro, se não a preparação não era a mesma. Só a emissão não chegava, tínhamos de trocar impressões com os alunos, esclarecer dúvidas. Alguns alunos não entendiam o esclarecimento do professor da televisão, eu tinha muitas vezes de descodificar a linguagem do professor da televisão, para que os alunos entendessem.

20) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R (M. Cecília):

Desvantagens:

- Não haver a possibilidade de opção de língua, uma vez que o Inglês mais recentemente era uma língua mais essencial. Se começassem logo com o Inglês seria mais proveitoso para eles.
- Existiam determinados exercícios em Educação Física que os nossos alunos não podiam executar por não termos condições para tal. Não tínhamos pavilhão equipado com os materiais necessários à prática desta disciplina. O que dava para fazer na sala ou no recreio, nós fazíamos, caso contrário efetuávamos apenas a exploração teórica. Muitas vezes, quando estava a chover, arrastávamos para junto das paredes, mesas e cadeiras, para que os alunos pudessem realizar determinados exercícios. A disciplina de educação Musical também não era muito forte, também devido à falta de condições.

Vantagens:

- O programa era sempre cumprido e levavam uma grande bagagem para ingressarem no terceiro ano.

R(M. Fátima): Era um ensino muito exigente, não havia espaço para conversas com os alunos. Aproveitávamos as aulas de Educação Visual e Trabalhos Manuais para termos outro tipo de relacionamento com os alunos, uma relação mais profunda entre professor/aluno e aluno/professor. Passaram pelo nosso posto perto de 1000 alunos.

21) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R(M. Cecília): As matérias eram iguais às do ciclo direto. A diferença era que no direto os alunos podiam optar pelo Inglês em vez do Francês e a Telescola apenas oferecia a última disciplina. Os monitores da Telescola tinham mais anos de Francês no seu percurso escolar, por isso apenas terem esta disciplina. Tinham frequentado a disciplina de Francês durante 5 anos, enquanto a de Inglês por apenas 3 anos.

O ensino direto aliciava os alunos utilizando o pretexto de também oferecerem o Inglês.

R(M. Fátima): Os alunos eram integrados no 7º ano, depois no direto, em turmas que já tinham 2 anos de Inglês, o que era muito injusto para os nossos alunos.

22) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R (M. Cecília): Mensalmente procedia-se à realização de testes de aproveitamento, que eram elaborados pelos professores da Televisão. Nós enviávamos novamente os testes para Vila Nova de Gaia e mais tarde informavam-nos dos resultados obtidos pelos nossos alunos.

Os testes eram de escolha múltipla, exigiam muita concentração e atenção por parte dos alunos, muito raciocínio, visto que nas opções de resposta mudava uma “palavrinha” e era suficiente para os alunos errarem.

Mais tarde os testes deixaram de ser de escolha múltipla diziam que não proporcionava o desenvolvimento da escrita dos alunos e porque no ensino direto o tipo de questões aplicadas nos testes não eram de escolha múltipla, deu-se esta mudança na tentativa de assemelhar os dois tipos de ensino. Assim achavam que a transição do ensino da Telescola para o ensino direto não era tão brusca.

A avaliação, de início, não era contínua, levava em conta apenas as classificações obtidas nos testes pelos alunos. No final do 2º ano havia um exame que abrangia toda a matéria, dos dois anos. Se o aluno não tivesse aproveitamento positivo nesta prova tinha de a repetir. As provas dos nossos alunos não eram corrigidas por nós.

Cheguei a corrigir exames de escolas muito distantes da nossa, não sabíamos qual a identidade dos alunos que tinham realizado as provas que corrigíamos, apenas sabíamos a escola de onde provinham os exames.

Os testes eram realizados pela Telescola e, depois de executados, voltávamos a enviá-los. A Telescola distribuía, então, os testes pelos diferentes monitores.

Posteriormente corrigíamos nós os testes dos nossos próprios alunos e elaborávamos os mapas com as cotações de cada pergunta e enviávamos para lá os respetivos mapas.

Em dada altura a Telescola é que selecionava, ao acaso, as escolas que tinham de enviar os mapas. Por exemplo, diziam que quem tinha de enviar eram os postos de Telescola cujo número terminava em 9, isto já ultimamente, porque de início tínhamos de mandar todos os mapas.

A Telescola foi também a vanguarda da avaliação contínua. De início apenas se contava na avaliação do aluno a nota dos testes, mais tarde levava-se também em conta o seu desempenho nas aulas e se realizavam ou não os trabalhos de casa, tal e qual como na atualidade.

Lembro-me que numa ação de formação houve uma discussão entre os intervenientes por alguns, os mais velhos, acharem que apenas os testes deveriam ser contemplados na avaliação dos alunos e outros acharem que o esforço dos alunos também deveria ser levado em conta.

R (M. Fátima): Nós, os mais novos, concordávamos com esta mudança na avaliação, os professores mais antigos é que não estavam de acordo com ela. No ensino direto ainda nem se pensava em avaliação contínua já nós a aplicávamos nas avaliações dos nossos alunos.

23) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

R(M. Cecília): As folhas de trabalho eram os livros dos alunos, para além de fichas de trabalho tinham matéria e mais tarde foram então chamados de materiais escolares.

De início, as folhas de trabalho não tinham matéria/conteúdos de estudo.

Íamos buscar os materiais a postos de trabalho.

No início as folhas de trabalho eram distribuídas diariamente e os alunos arquivavam-nas em dossiês. Mais tarde criaram os manuais escolares porque os alunos muitas vezes não tinham os materiais organizados e até os perdiam.

Todos os anos realizávamos festas de Natal, peças de teatro. Já mais tarde, quando havia mais flexibilidade, fazíamos visitas de estudo, a Câmara emprestava o autocarro. Visitas de estudo que eram autênticas aulas, com guiões e fichas para os alunos preencherem.

Houve uma comemoração dos 25 anos da Telescola e eu recebi uma medalha e uma menção honrosa por ser uma das professoras que mais anos lecionou na Telescola e, claro está, pelo profissionalismo no desempenho desta atividade. As comemorações decorreram em Vila Nova de Gaia e as medalhas foram entregues pelo Secretario de Estado da Educação.

Foi uma vida inteira, tinha muito amor à Telescola. Quando me reformei, senti um vazio muito grande.

Data 12/11/2011

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 6

TESTEMUNHO 5

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

1) Qual a sua idade?

2) Qual o seu nome?

R: Maria da Natividade Marques Gregório Barata Perdigão e Zita Maria da Silva Mateus Leal e Silva.

3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R (M. Natividade): Estive 28 anos na Telescola, iniciei a Telescola aqui na Moita dos Ferreiros. Foi o padre que pediu o alvará e perguntou-me a mim, assim como às minhas colegas, da escola primária, quem queria participar neste projeto. Eu prontifiquei-me de imediato. As aulas ocorriam por baixo da casa paroquial, existia apenas uma sala, destinada ao 1º ano. No ano seguinte, o padre arranjou uma outra sala, do outro lado da rua, para o 2º ano. Os alunos pagavam uma quantia ao padre, por conseguinte o mesmo pagava-me a mim. Recebia muito pouco, o padre ficava com a maior parte. Mais tarde, o padre quis desistir deste projeto e então eu, com o seu conhecimento, pedi o alvará em meu nome, pois achei que não fazia sentido os alunos ficarem sem a Telescola. Tínhamos muitos alunos, para além dos meninos da Moita dos Ferreiros, vinham também de aldeias vizinhas e até do Bom Sucesso. Um ano depois oficializaram a Telescola e aí passámos para as instalações da escola primária. Deixei a Telescola quando me reformei, em maio de 93.

R (Zita): Inicialmente comecei, apenas, por fazer substituições da Natividade e de outra colega, ainda a Telescola funcionava na casa paroquial. Não me recordo do ano em que comecei.

4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R(duas): 1º e 2º ano.

5) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?

R(duas): Moita dos Ferreiros.

6) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R(duas): Se assim não fosse, muitos jovens não tinham prosseguido os estudos para além da quarta classe.

7) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?

R (M. Natividade): As aulas eram dadas através da TV, cada disciplina tinha um professor, o professor de Francês tinha essa mesma nacionalidade e, como tal uma ótima dicção, primeiro uma professora e depois um professor. Depois da emissão todo o trabalho era realizado por nós. Só com a emissão os alunos não ficavam completamente esclarecidos e nós procedíamos às explorações das matérias e esclarecíamos dúvidas aos alunos. Alguns não entendiam a emissão, pois não tomavam a devida atenção ou então por apresentarem mais dificuldades de aprendizagem.

Quando me iniciei na Telescola dava todas as disciplinas, cada turma tinha um único monitor. Mais tarde dividiram as “Ciências ” das “Letras”, eu fiquei com as disciplinas que integravam a área das “Ciências”.

8) Conte-me um dia seu enquanto monitor(a) da **Telescola**?

R (M. Natividade): Até às 13h trabalhava na escola primária e às 14h iniciava na Telescola. Quando se deu o 25 de abril, tivemos de optar: ou ficávamos a lecionar na escola primária ou então optávamos pela Telescola. Eu optei pela Telescola por considerar que era um ensino de muita qualidade e onde eu gostava mais de lecionar.

R (Zita): Assistíamos à emissão, depois dava-se o período da exploração das matérias abordadas pelo professor da TV e depois tínhamos ainda um tempo extra no final, para trabalhar conteúdos onde os alunos apresentassem mais dificuldades.

9) Qual a qualidade das emissões?

R (Zita): Boas, ótimas, os professores explicavam muito bem, tinham acesso a materiais que nós no ensino direto não tínhamos. Os professores da TV apresentavam muita qualidade, não iam colocar, é claro, na televisão um professor qualquer, pois muita gente tinha acesso a estas emissões. Eram docentes com muita vocação, escolhidos a dedo, sabemos que nem todos têm vocação para serem professores. Por exemplo no ensino direto, era professor quem tinha formação para tal, não eram escolhidos por serem bons professores ou não. Enquanto professora de História, tenho noção que as aulas que eu dava no ciclo preparatório direto não tinham nada a ver com as dadas na TV, que eram aulas brilhantes, pois tinham recursos que nós nas escolas não tínhamos.

R (M. Natividade): Eu gostava mais das emissões em direto, do que em videocassete. A pronúncia do professor de Francês era ótima.

10) Qual a qualidade de materiais destinados aos alunos?

R (M. Natividade): Eram bons estavam muito bem estruturados e organizados. Os materiais enviados pela Telescola eram suficientes, não havia necessidade de preparar outro tipo de coisas.

R (Zita): Tínhamos uma folha muito bem organizada que nos facilitava o trabalho. Os materiais eram ótimos, nenhum professor no ensino direto conseguiria elaborar coisa semelhante, pois não tinha recursos para tal. As aulas de História eram uma maravilha, eles tinham todo o material à mão. Os alunos da Telescola, com a emissão, tinham acesso a material que os alunos do direto não tinham, era esta a grande vantagem da Telescola. Na preparatória não tínhamos acesso a estes materiais, sobressaía a qualidade no ensino pela Telescola. Inicialmente eram enviadas folhas de trabalho, que ajudavam à compreensão das matérias abordadas pelo professor da TV.

11) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R(duas): A Telescola.

12) Quem pagava esses materiais?

R(duas): Os alunos

13) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R (M. Natividade): Existiam os “assistentes”, não me recordo bem como se designavam, assistiam às aulas, era este mesmo assistente que trazia as cassetes para as provas orais do exame final. Como lecionava o ensino primário de manhã e ensinava na Telescola à tarde, chegava normalmente um pouco atrasada. Um certo dia, estavam as crianças na rua à minha espera, chega o dito “assistente”. Colocou os miúdos dentro da sala e começou a fazer perguntas do tipo: É normal a professora chegar atrasada? Ele esteve do início ao fim. No final, quando se foi embora, os alunos contaram-me que o mesmo tinha realizado perguntas, mas que se tinham portado muito bem e que responderam, quando questionados, que a professora nunca chegava atrasada, que devia ter acontecido alguma coisa para tal ter acontecido.

R (Zita): O assistente verificava se tudo decorria de acordo com o previsto. Penso que realizava um relatório.

14) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R(M. Natividade): A Matemática era a disciplina que eu tinha de tomar mais atenção porque na altura mudou um bocadinho.

15) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**? Ficariam os alunos mais bem preparados ou pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto?

R(M. Natividade): Os alunos iam muito bem preparados. Existiam professores na Lourinhã que diziam que os alunos que iam mais bem preparados para o 7º ano eram os da Telescola. Explicávamos muitas vezes as matérias para eles compreenderem os conteúdos da disciplina, ao passo que no liceu não era nada assim. Obrigávamos os alunos a estudar. Tínhamos a mesma postura com os alunos da Telescola que tínhamos com os da primária, os professores do liceu não lidavam desta forma com os alunos.

16) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

17) Qual o tipo de ensino que, na sua opinião, será mais eficiente, o tradicional ou o da **Telescola**?

R (M. Natividade): O da Telescola, pois obrigávamos os miúdos a estudar. Os alunos eram mais protegidos na Telescola.

R (Zita): Era mais pessoal, pois tinham sempre o mesmo monitor, no máximo dois, enquanto no ensino tradicional mudava-se de professor de 50 em 50 minutos.

18) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R (M. Natividade): Era uma grande vantagem ter aqui a Telescola. Quando saíam daqui, já tinham outra idade, eram já mais maduros. Tivemos sempre muitos alunos, se não fosse a Telescola muitos deles não tinham continuado a estudar. Não existiam, na época, meios para se deslocarem para o Bombarral ou para a Lourinhã. Chegámos a ter duas turmas de cada um dos anos.

Quando o monitor estava doente ia sempre alguém substituí-lo, o programa era sempre cumprido, os alunos tinham sempre aulas, ao contrário do que acontecia no ensino direto. Os alunos não podiam ficar sem assistir às emissões, como tal era muito importante que tivessem sempre aulas.

R (Zita): Lembro-me perfeitamente dum aluno que foi trabalhar, depois da 4ª classe, com o pai no campo. Depois o ensino tornou-se obrigatório até ao 6º ano, para alunos até aos 14 anos, e o aluno teve de regressar à escola, por se encontrar na escolaridade obrigatória. O pai, contra a sua vontade, pois o filho ajudava-o nos trabalhos do campo, inscreveu-o na Telescola. Esse menino tornou-se num excelente aluno e mais tarde licenciou-se em engenharia. A Telescola permitiu que muitos alunos continuassem os seus estudos e tirassem, mesmo, cursos superiores. Valeu a pena a existência deste tipo de ensino, para proporcionar a escolaridade obrigatória a muitos meninos.

19) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R (M. Natividade): Só a Matemática é que era diferente, tinha uma parte do programa diferente, o resto era igual.

20) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R: Eles mandavam os testes e nós corrigíamos, mandavam também as soluções. Faziam exame no final do 2º ano. O primeiro exame do 2º ano foi feito em Torres Vedras. Veio um professor de Vila Nova de Gaia e eu fui convidada para fazer parte da equipa. A prova tinha uma parte escrita e outra oral. O referido professor trazia a gravação com as perguntas a realizar aos alunos, na prova oral, e gravava as respostas dadas pelos mesmos e levava as gravações novamente para Vila Nova de Gaia. Neste exame todas as disciplinas eram alvo de avaliação oral e escrita.

21) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

R (M. Natividade): Inicialmente as pessoas, por não conhecerem, diziam muito mal da Telescola, diziam que não tinha futuro.

R (Zita): Quando fui para a Preparatória, inicialmente, toda a gente dizia mal da Telescola, depois mais tarde já se dizia maravilhas da Telescola. Falavam mal, porque não tinham conhecimento de como funcionava a Telescola, falavam sem saber.

R (M. Natividade): Se me dissessem que a Telescola iria surgir novamente eu ficava muito satisfeita, só isto diz tudo.

Nota: A professora Zita partilhou a mesma satisfação.

R (Zita): No dia 25 de abril, os professores da TV, que estavam sempre à vontade nas emissões, estavam acanhados, intimidados e aí começámos a ver outras pessoas, que não conhecíamos, na emissão. Neste dia, os alunos acabaram por perder a emissão. Depois deste acontecimento, as emissões eram uma tragédia, faltava tudo, não tinha nada a ver com a qualidade a que nos habituámos em anos anteriores. As emissões deixaram de ter a qualidade que tinham anteriormente, diziam que Portugal não tinha História. Passado algum tempo, voltou tudo ao que era e aí o ensino pela Telescola tornou-se novamente um ensino de muita qualidade.

Data 21/06/2012

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 7

TESTEMUNHO 6

Esta entrevista tem como fim ser utilizada na minha **Tese de Mestrado** que incide sobre o tema “**A Telescola**”.

1) Qual a sua idade?

2) Qual o seu nome?

R: Maria Marques Amaro Vieira Veiga

3) Quais o(s) ano(s) letivo(s) que lecionou na **Telescola**?

R: Tinha o curso do Magistério Primário. Comecei no ano letivo 73/74 e estive até 1994, pois a escola fechou e voltei ao ensino primário. Em 1969 comecei a lecionar no ensino primário. Depois, no ano letivo 73/74, trabalhei em acumulação de manhã na escola primária e à tarde na Telescola. No ano letivo 74/75 optei pelo ensino na Telescola. Depois do 25 de abril os lugares da Telescola passaram a ser postos a concurso e nessa altura optei pela Telescola por ser mais perto e pela garantia de trabalho e porque também gostei deste tipo de ensino. Depois regressei ao ensino primário, quando fechou aqui a Telescola. Foi a Telescola que me motivou para tirar uma licenciatura em Português/Francês, a qual concluí em 1999.

Mais tarde fui formadora no Instituto de Emprego e Formação Profissional. Neste momento, estou aposentada.

4) Quais os níveis de escolaridade que lecionou na **Telescola**?

R: O 1º e 2º ano, dava a parte das “letras”, as disciplinas de Português, Francês, Estudos Sociais e História. Enquanto eu estava com as “letras” no 1º ano estava a colega com o 2º ano com a área das “ciências”, com as disciplinas de Trabalhos Manuais, Educação Visual, Matemática e Ciências Naturais.

5) Em que localidade é que lecionou este tipo de ensino?

R: S. Silvestre, que é uma povoação que dista 12 quilómetros de Coimbra. Foi uma cobertura nacional para os miúdos terem o 1º e o 2º ano. Veio substituir a quinta e a sexta classe. Era normalmente dirigido por um padre. Existiam padres que davam aulas e estas funcionavam agregadas às paróquias ou funcionavam em escolas primárias. A partir do 25 de abril passaram a ser oficializadas as escolas.

6) Qual a necessidade da criação deste tipo de ensino nessa localidade?

R: Foi precisamente para a maioria dos miúdos fazerem não apenas a 4ª classe e darem hipótese de terem um bocadinho mais, para alargarem o nível de escolaridade. A maioria dos pais não tinha condições económicas para mandarem os meninos para a cidade. Diziam, na altura, que os meninos ricos iam na mesma para a cidade. Mas eu conheço arquitetos, médicos,..., que fizeram o 1º e o 2º ano na Telescola e não lhes fez diferença nenhuma, eles até vinham muito bem preparados. Os alunos, da Telescola, não aprendiam, no entanto, o Inglês. Não era importante, na altura.

7) Descreva as suas funções enquanto monitor da **Telescola**?

R: Os horários eram escrupulosamente cumpridos, pois era transmitido em direto de Vila Nova de Gaia, Monte da Virgem. Os meninos assistiam à emissão, de seguida tinham exercícios relacionados com os temas abordados e depois explorávamos as aulas (era assim que se dizia na altura), tiravam as dúvidas, fazíamos o trabalho quase igual aos professores do ensino direto. Durante a emissão, os professores da TV faziam perguntas e o monitor apontava com o dedo, pois não se podia falar durante a emissão, para determinado menino e esse menino respondia. Os alunos participavam na aula. No início tinham folhas de trabalho que eram compiladas em dossiês e mais tarde vieram os manuais. Havia também para o monitor imensas ações de formação no início e ao longo de todo o ano letivo, nunca em período letivo, sempre no final das aulas ou nas interrupções letivas do Natal e da Páscoa. Os inspetores, que eles chamavam de orientadores pedagógicos, é que nos davam essas ações. Estas ações decorriam normalmente em Coimbra, durante todo o ano e chegámos a ir ao Porto também para receber formação. Os orientadores pedagógicos tinham coisas que a Telescola mandava e trabalhavam-nas connosco, esclarecíamos dúvidas também.

8) Como se sentiu a dar as aulas?

R: Gostei, apesar do que as pessoas diziam. Diziam que aquilo não interessava nada. Os monitores tinham de estar atualizados, tínhamos um boletim informativo para cada disciplina, recebíamos estes boletins em cada um dos períodos com toda a programação para o referido período. Estes boletins eram exclusivamente para o monitor, para saber o que iria ser dado naquele período.

9) Qual a qualidade das emissões?

R: Normalmente eram boas, mesmo boas. Tiveram professores fantásticos, tiveram uma professora que tinha sido vereadora da Câmara Municipal do Porto, falava com as mãos e com os olhos, eles motivavam os alunos. Os professores de Francês eram fantásticos, não falavam uma palavrinha em Português, pelo menos durante as emissões. As aulas eram sempre acompanhadas de imagens, eram muito motivadoras.

10) Quem fornecia e elaborava esses materiais?

R: Tudo era fornecido e enviado pela Telescola. Os testes eram enviados por eles com as grelhas para preenchermos com as respectivas avaliações dos alunos. Nós corrigíamos segundo os critérios que eles mandavam. Essas grelhas eram novamente enviadas para a Telescola com as pontuações de cada questão. Tudo era elaborado por eles. Normalmente, no início dos períodos letivos, já tínhamos os livros e as folhas de trabalho para distribuirmos.

Só abríamos os testes na hora, vinham em envelope fechado e só tínhamos conhecimento do teste no momento. Nunca saíam temas que não tinham abordado, as perguntas eram relacionadas com os conteúdos dados. Os testes tinham perguntas de desenvolvimento, pelo menos nas disciplinas das “letras”. Os testes vinham pouco tempo antes, cerca de dois três dias antes, ou uma semana, vinham pelo correio.

11) Quem pagava esses materiais?

R: Os alunos nunca pagavam nada, era tudo gratuito.

12) Tinha orientações rígidas sobre o que fazer em cada aula ou geria as aulas como queria?

R: Os monitores não podiam fugir muito do assunto. De vez em quando o inspetor batia à porta, entrava na sala e assistia à aula, não avisavam. No final, faziam um relatório que nós assinávamos e víamos se estávamos de acordo com o que estava escrito. Davam sugestões de melhoria, faziam críticas. Era uma crítica à aula. Salientavam o que estava bem e o que estava menos bem, sugeriam práticas de melhoria. Surgiam-nos por vezes dúvidas que colocávamos aos orientadores e tentávamos resolvê-las em conjunto. Aquela autonomia e independência do ensino direto não existia na Telescola, tínhamos de cumprir as regras todas. Tínhamos de cumprir com rigor os horários, se chegássemos 15 minutos atrasados, os alunos perdiam esse tempo da emissão. Se algum monitor tinha de faltar, os meninos ficavam juntos a cargo do monitor que estava presente, ficava o colega sobrecarregado com a área das “ciências” e das “letras”. Era uma forma de faltarmos apenas só em casos extremos. Os meninos nunca podiam ficar sem aulas.

13) Em particular, na disciplina de Matemática, ficariam os alunos totalmente esclarecidos acerca dos conteúdos abordados? Ou enquanto monitor, tinha de reforçar os conteúdos abordados na disciplina?

R: Quando os alunos tinham dúvidas, o monitor esclarecia-as. Estes alunos trabalhavam muito, levavam exercícios para casa para aperfeiçoarem os conteúdos.

14) Qual a sua opinião acerca da produtividade e eficácia do ensino da **Telescola**?
Ficariam os alunos mais bem preparados ou, pelo contrário, apresentavam mais lacunas em relação aos alunos do ensino direto.

R: Eles estavam mais bem preparados, havia um certo rigor até transitarem de ano, não se deixava transitar ninguém sem estarem devidamente preparados. Chegavam ao direto e acompanhavam perfeitamente. Ouvia-se comentar que os alunos da Telescola ficavam muito bem preparados. A maioria destes alunos ficava a trabalhar no campo, depois de realizarem o 1º e o 2º ano na Telescola, mas os que prosseguiram não tiveram dificuldades, hoje são economistas, médicos, etc. Era uma época diferente, as condições económicas não eram favoráveis e foi uma maneira de abrir os seus horizontes. Foi muito positivo para a maioria dos meios rurais.

15) Em que áreas ficariam os alunos mais bem preparados?

R: Na Matemática tinham mais dificuldades. A Telescola fornecia todo o tipo de materiais, desde as bancadas de carpinteiro, o material de Ciências era uma coisa admirável, eles tinham tudo. Quando informávamos que os materiais estavam danificados, eles substituíam-nos de imediato. Estes alunos foram uns privilegiados, não pagavam nada e tinham tudo. Foi um desperdício, quando as escolas foram fechadas, empacotámos e rotulámos tudo, vieram carrinhas que levaram esses materiais, não sei bem para onde, talvez para escolas do ensino direto.

16) Enumere vantagens e desvantagens dos dois tipos de ensino?

R: A vantagem maior da Telescola foi ter levado a escolaridade aos sítios mais distantes deste país. Proporcionava os estudos a muitos meninos que, se não fosse a Telescola, não tinham estudado, por falta de recursos económicos. Poderiam, no entanto, ter mais algumas dificuldades em ingressarem no ensino direto, no 3º ano, por este ter mais intervalos. Os alunos da Telescola nunca trocavam de sala, quem trocava eram os monitores, o das “ciências” com os das “letras”. Estes alunos apenas tinham dois monitores. Era como que a continuação da escola primária, a filosofia do professor único. Os monitores não faltavam. No direto, quando ficavam sem aulas, não havia professor substituto. Os meninos da Telescola eram muito protegidos. Uma criança no ensino direto podia estar na rua a jogar à bola, quando tinha algum furo. Na Telescola estavam sempre ocupados. As turmas da Telescola também não eram muito grandes, os alunos tinham muito apoio, muita proteção, os pais sabiam onde os filhos estavam, caso os mesmos não aparecessem ou chegassem atrasados, nós avisávamos imediatamente o encarregado de educação. Estes alunos tinham mais tempo para estudar, tinham as manhãs livres, ajudavam normalmente as famílias mas, ao mesmo tempo, tinham mais tempo para estudar.

Para os miúdos das aldeias perdidas por todo o Portugal, foi mesmo abrirem os olhos para outra realidade.

17) Relativamente aos programas, eram diferentes dos do ensino tradicional?

R: Os programas eram iguais ao do ensino direto.

18) Como era realizada a avaliação dos alunos?

R: Avaliávamos a participação nas aulas, se estava atento, se respondia às questões e também juntávamos com as notas dos testes, era uma avaliação sumativa com “u” e não com “o”. Os orientadores pedagógicos diziam que era uma súmula de conhecimentos e não uma soma.

A Telescola foi vanguardista no que respeita aos materiais de apoio em sala de aula, relacionados com as novas tecnologias. Nessa época a maioria das escolas, do direto, nem sequer um televisor tinha. As crianças daquela faixa etária são muito estimuladas pela imagem, o ensino pela Telescola não era monótono, não estavam sempre a ler ou a escrever, como acontecia no direto.

19) Tem mais alguma consideração a fazer relativamente a este tema que gostasse que ficasse registada?

Data ____/____/____

Obrigada pela sua colaboração.

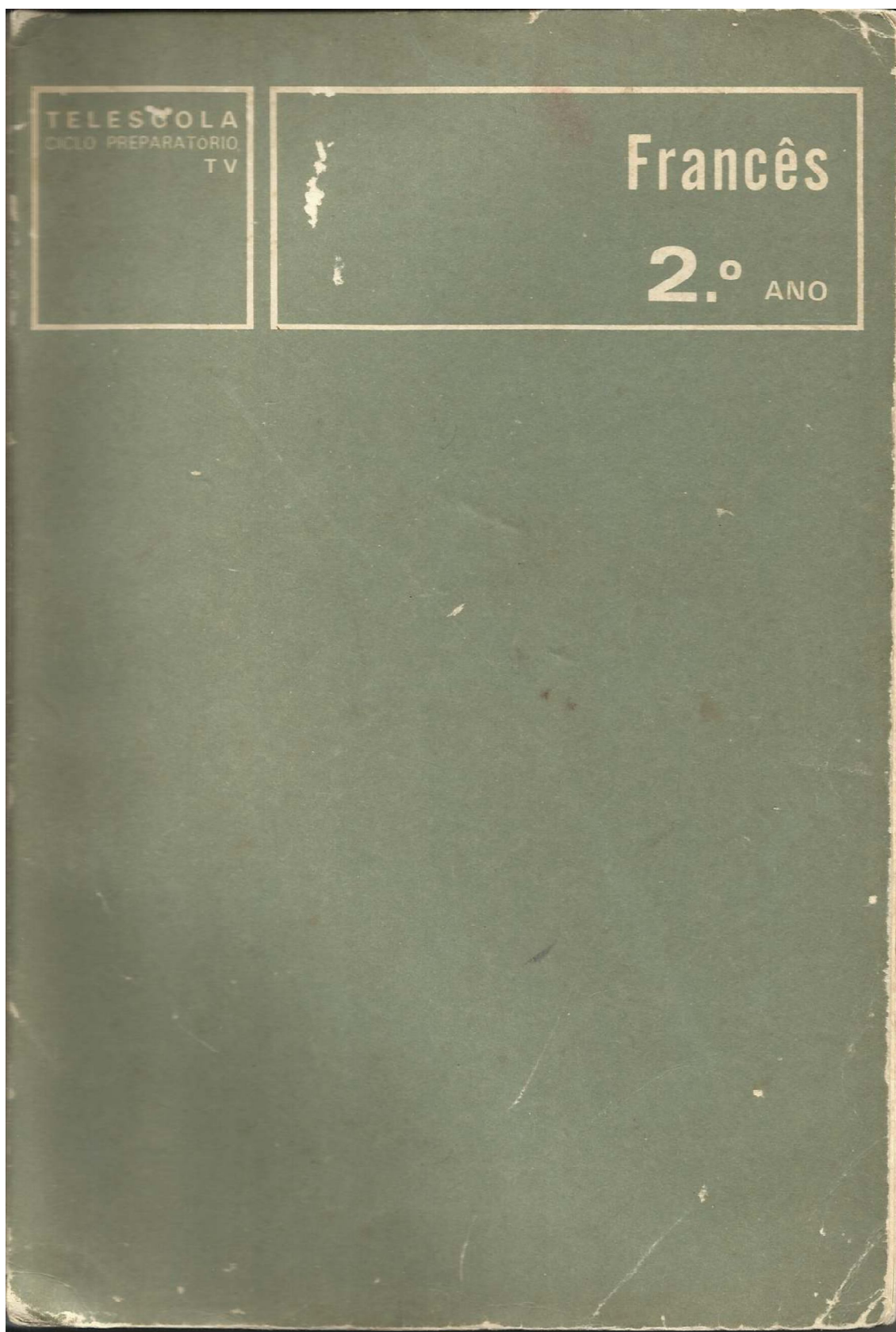
ANEXO 8

LISTAGEM DE MATERIAIS CEDIDOS PELAS MONITORAS ENTREVISTADAS

- 1)** Manual Francês – 2º ano – constituído apenas por fichas de trabalho - CPTV/TELESCOLA (1975)
- 2)** Sem Título – Folhas agrafadas destinadas para o monitor – Matemática – 5º ano [consta: tema da unidade, nº lição, conteúdos, objetivos, sugestão de atividades e material] (1988/89)
- 3)** Sem Título – Folhas agrafadas destinadas para o monitor – Matemática – 6º ano [consta: tema da unidade, nº lição, conteúdos, objetivos, sugestão de atividades e material] (1988/89)
- 4)** Manual Iniciação à Língua Francesa – 1º ano II – constituído apenas por folhas de trabalho - CPTV (posterior a 1974)
- 5)** Manual Estudos Sociais – 1º ano II – constituído apenas por folhas de trabalho - CPTV/ITE (posterior a 1974)
- 6)** Manual Educação Religiosa Católica – 1º ano II – constituído apenas por folhas de trabalho - CPTV/ITE (posterior a 1974)
- 7)** Manual História e Geografia de Portugal – 1º ano – 2 – CPTV/TELESCOLA – Editorial Aster
- 8)** Boletim de Orientação de Monitores – Ciências – Gabinete do CPTV (1990)
- 9)** Manual de Língua Portuguesa Selecta – 5º ano – EBM (1993/94)
- 10)** Livro do Aluno – 5º ano – Matemática – EBM (1996)
- 11)** Livro do Aluno – 6º ano – Matemática – EBM (2002)
- 12)** Sem Capa – Destinado ao monitor – Ciências
- 13)** Livro do Aluno – 6º Ano – 3º Período – (1998)
- 14)** Língua Estrangeira – Francês – EBM – (1996)
- 15)** Dossiê – Fichas de Avaliação Sumativa/Sugestões de correção – Ciências (1992)
- 16)** Dossiê – Fichas de Avaliação Sumativa/Sugestões de correção – Ciências (1993-2001)

ANEXO 9

MANUAL DE FRANCÊS – 2º ANO – CPTV/TELESCOLA (1975)



Ministério da Educação e Cultura

INSTITUTO DE TECNOLOGIA EDUCATIVA

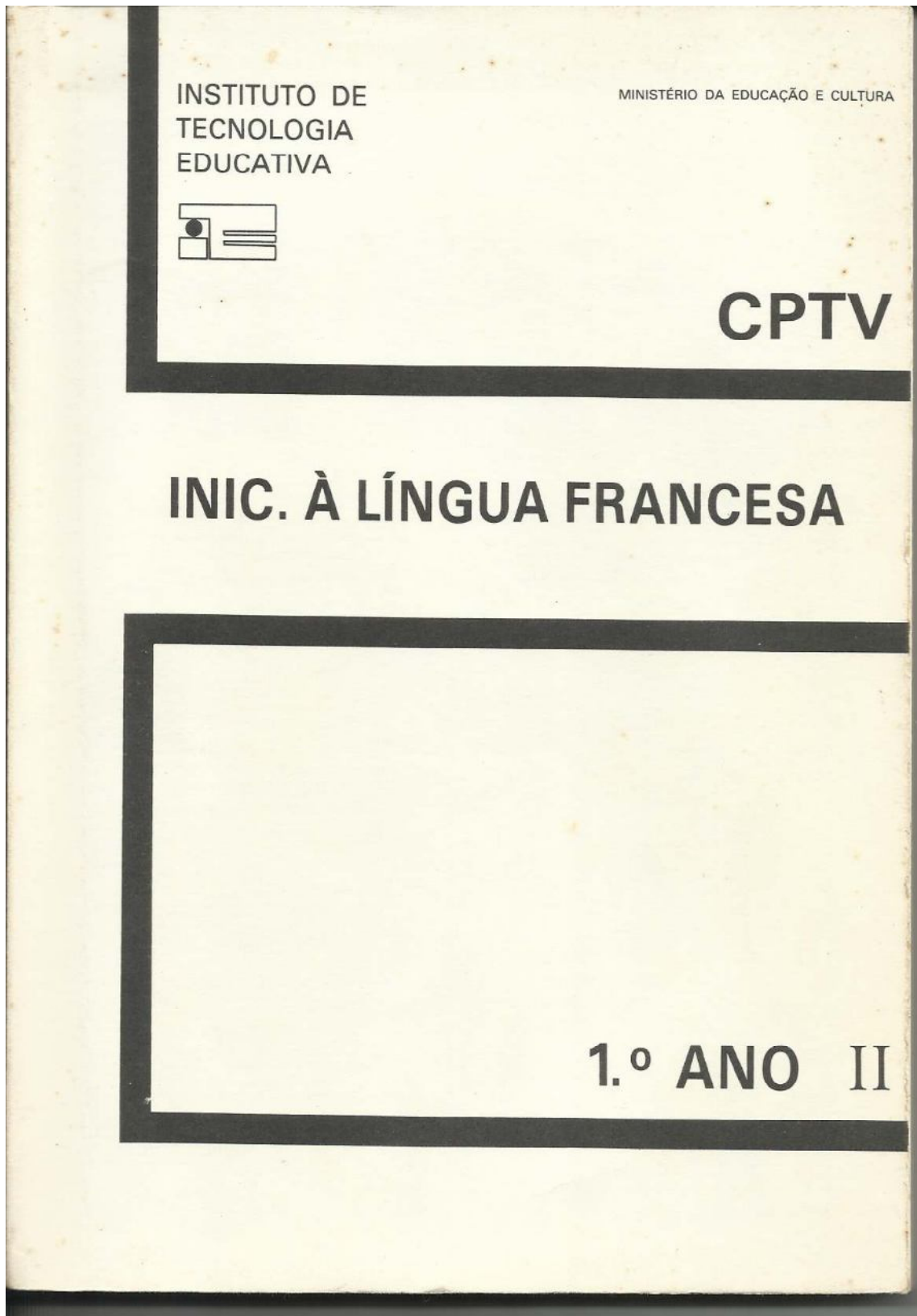
RUA FLORBELA ESPANCA

LISBOA

Tipografia Rocha — V. N. de Gaia
30.000 exemplares — 1975

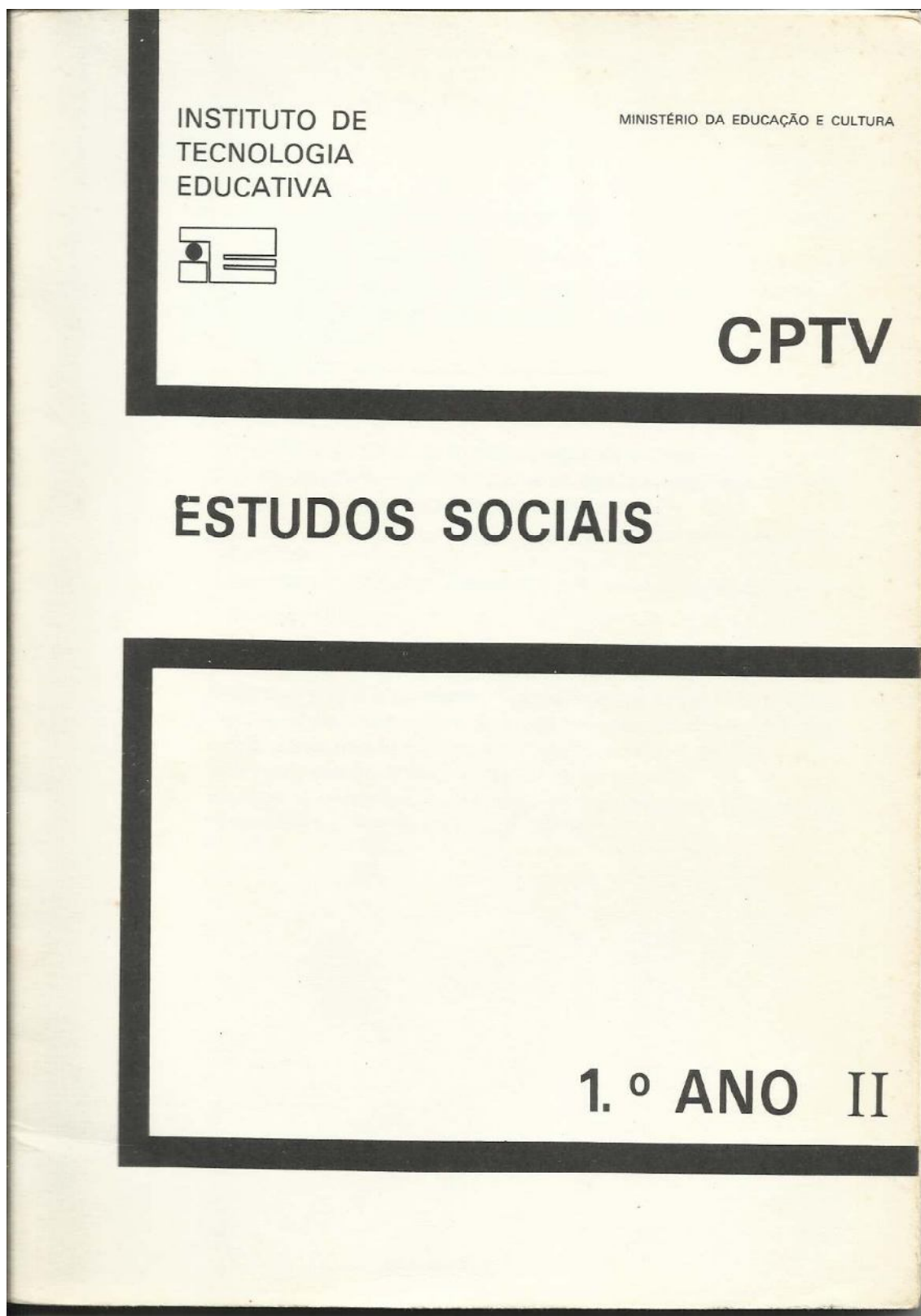
ANEXO 10

MANUAL DE INICIAÇÃO À LÍNGUA FRANCESA – 1º ANO II – CPTV (posterior a 1974)



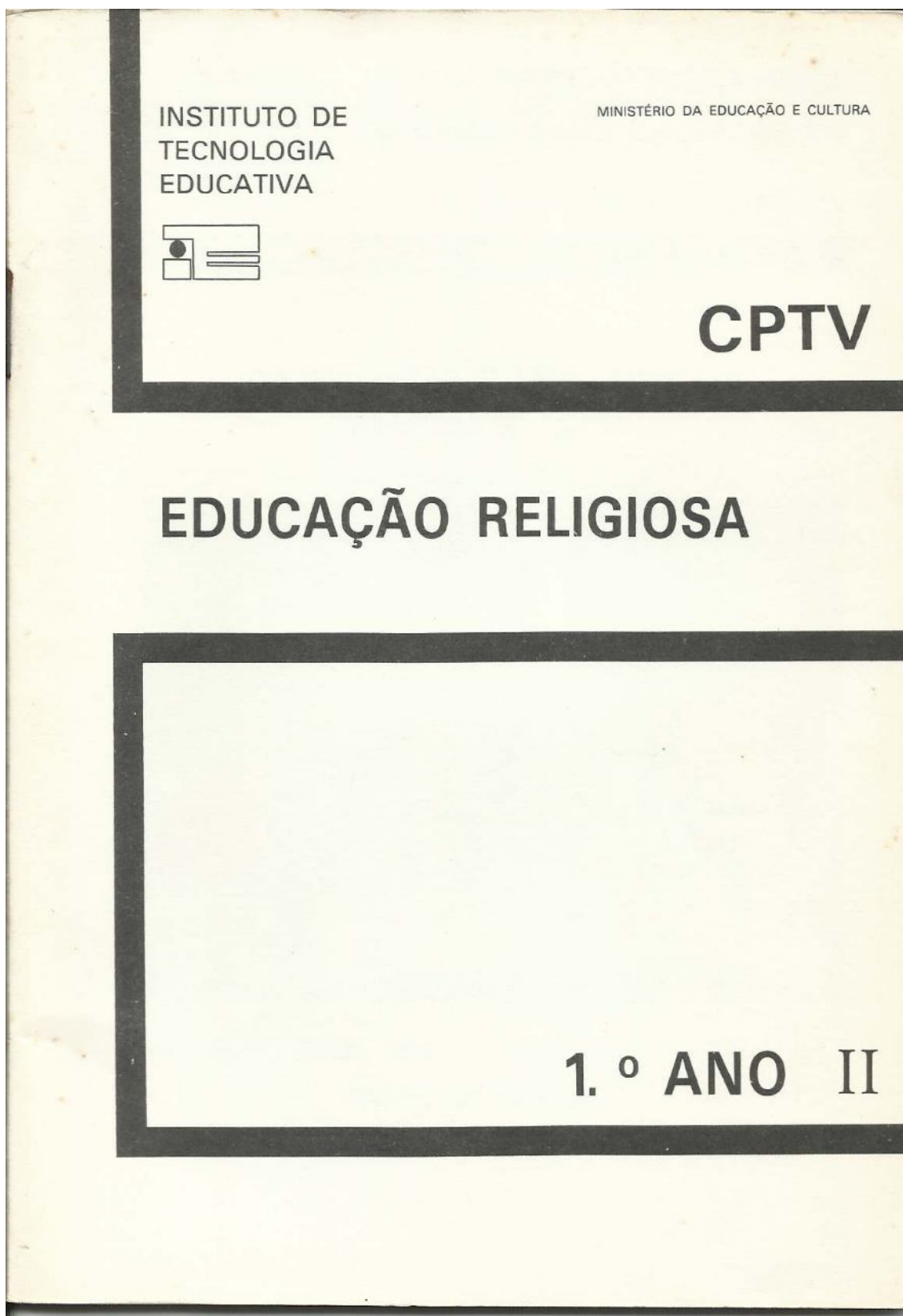
ANEXO 11

MANUAL DE ESTUDOS SOCIAIS – 1º ANO II – CPTV/ITE (posterior a 1974)



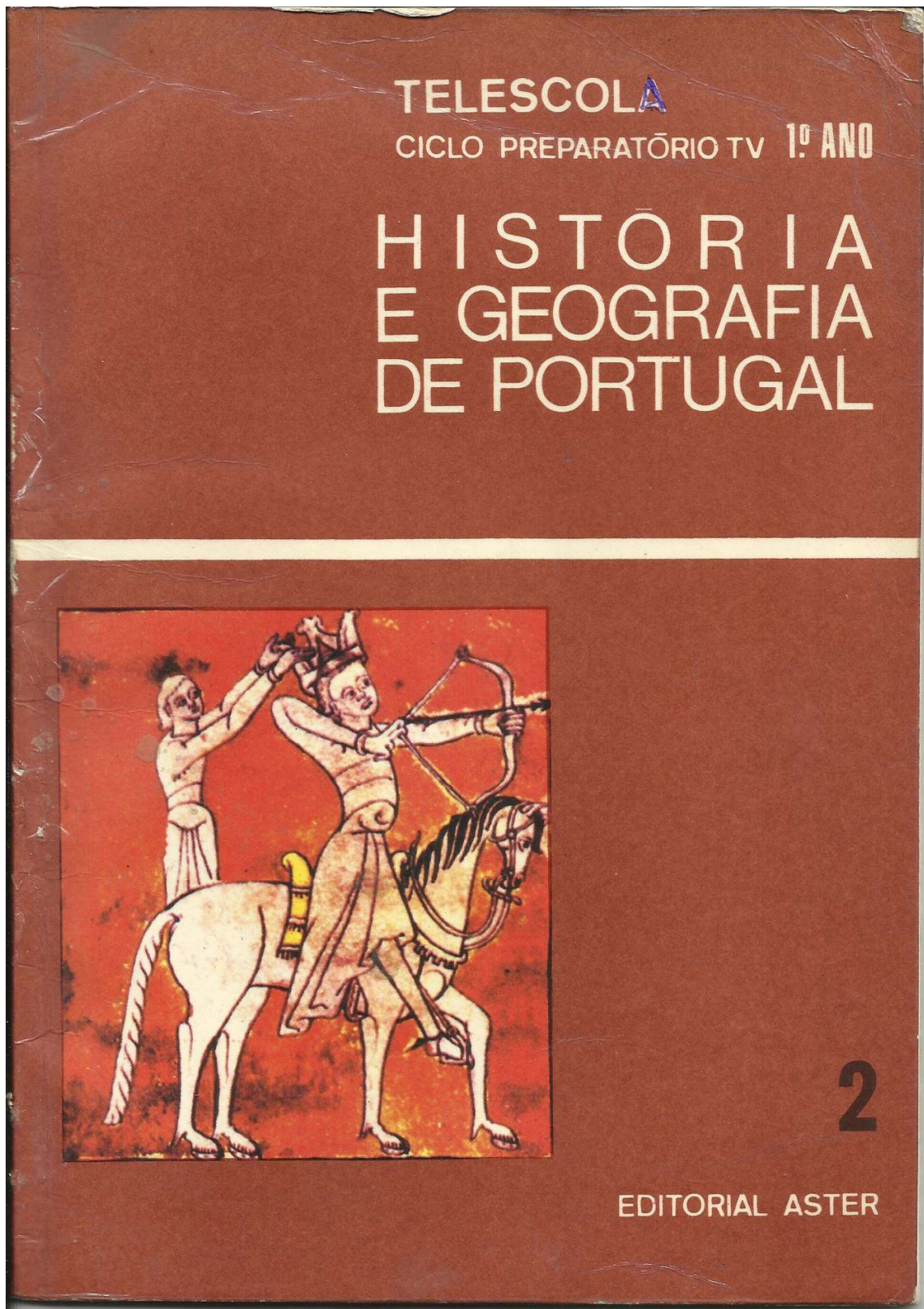
ANEXO 12

MANUAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA – 1º ANO II – CPTV/ITE (POSTERIOR A 1974)



ANEXO 13

MANUAL DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL – 1º ANO – 2 – CPTV/TELESCOLA
– EDITORIAL ASTER (DATA DESCONHECIDA)



MÍDIO PIRES PRAÇA

TELESCOLA

CICLO PREPARATÓRIO TV 1.º ANO

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL



2

EDITORIAL ASTER

ÍNDICE

AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XIV	69
A crise de 1385. A luta pela independência. O Mestre de Avis, Nun'Álvares e João das Regras	69
O novo rei e a nova sociedade	73
Os filhos de D. João I	73
2. ^a ÉPOCA — <i>EXPANSÃO DE PORTUGAL</i>	
DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS	76
Causas e condições da expansão. O factor religioso	76
A conquista de Ceuta	77
Os descobrimentos Henriquinos	79
As conquistas marroquinas e o seu significado	81
A continuação dos Descobrimentos: o caminho marítimo para a Índia e a descoberta do Brasil	82
ORGANIZAÇÃO POLÍTICA	100
A centralização administrativa no território metropolitano	100
Os vice-reis da Índia e o império do Oriente	101

ANEXO 14

SEM TÍTULO – FOLHAS AGRAFADAS DESTINADAS À ORIENTAÇÃO DOS MONITORES – MATEMÁTICA – 5º ANO [CONSTA: TEMA DA UNIDADE, Nº LIÇÃO, CONTEÚDOS, OBJETIVOS, SUGESTÃO DE ATIVIDADES E MATERIAL] (1988/89)

5º ANO

TEMA DA UNIDADE	N.º DA LIÇÃO		CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	SUGESTÃO DE ACTIVIDADES	MATERIAL
	88/89	89/90				
NÚMEROS INTEIROS E SUA REPRESENTAÇÃO	1	1	Apresentação. Importância da Matemática.	<ul style="list-style-type: none"> — Criar laços afectivos e um clima de responsabilidade, confiança e participação na aula. — Criar interesse pelo estudo da Matemática. — Fornecer informações e prestar esclarecimentos com vista a preparar o futuro funcionamento das aulas. 	<ul style="list-style-type: none"> — Após breve apresentação com base na emissão e no texto, provocar o diálogo na turma sobre o que é a Matemática, sua importância e finalidade. — Indicar o material a usar pelos alunos ao longo do ano e fazer referência ao processo do trabalho a realizar nas aulas e ao tipo de avaliação a utilizar. <p>NOTA: Nesta coluna vão por vezes algumas indicações que julgamos úteis salientar. A estratégia propriamente dita deve ser elaborada pelo professor de acordo com o conteúdo a tratar e os alunos em questão.</p>	<p>Lápis, borracha, régua ou esquadro e esferográfica.</p> <p>Folhas de trabalho.</p> <p>NOTA: Este material será utilizado normalmente em todas as aulas. Quando for necessário outro tipo de material o professor deverá avisar os alunos com antecedência.</p> <p>Folha de trabalho n.º 1.</p>
	2	2	Processos primitivos de contagem e sua evolução. Distinção entre o número e o numeral. Revisão do sistema de numeração romana.	<ul style="list-style-type: none"> — Identificar várias representações do mesmo número. — Distinguir um número da sua representação. — Representar um número no sistema de numeração romana. — Ler números escritos no sistema de numeração romana. 	<ul style="list-style-type: none"> — Fazendo alusão aos processos primitivos de contagem, referidos na emissão, o professor deverá procurar que os alunos cite outros processos de contagem que com certeza conhecem (ex: quando das vindimas, em certas zonas do país, fazem-se traços num pau por cada cesto colhido; outros exemplos surgirão). — Salientar a distinção entre número e numeral. — Utilizar a F. T. para rever o sistema de numeração romana. 	<p>Folha de trabalho n.º 2.</p>
	3	3	Sistema de numeração decimal. A contagem na base 10.	<ul style="list-style-type: none"> — Ler números representados no sistema de numeração decimal. — Representar números no sistema decimal. — Utilizar o vocabulário relativo ao sistema de numeração decimal. — Identificar a ordem correspondente a determinado algarismo de um número escrito no sistema de numeração decimal. — Identificar a classe correspondente a determinado algarismo de um número escrito no sistema de numeração decimal. — Dizer quantas unidades de determinada ordem existem num número dado. — Decompor números em somas. 	<ul style="list-style-type: none"> — Para motivação, o professor poderá levar para a aula cheques, facturas, etc., em que surja a leitura de números (aconselha-se o trabalho de grupo). <p>NOTA: Relativamente à escrita dos números o professor deve ter em atenção que:</p> <ul style="list-style-type: none"> — A vírgula é exclusivamente destinada a separar a parte inteira da parte decimal, na representação decimal dos números. — Os algarismos escrevem-se em grupos de três a partir das unidades, quer para a esquerda, quer para a direita da vírgula. <p>Exemplos: 12 347,684 25; 27 034,638 54</p>	<p>Folha de trabalho n.º 3.</p>

ANEXO 15

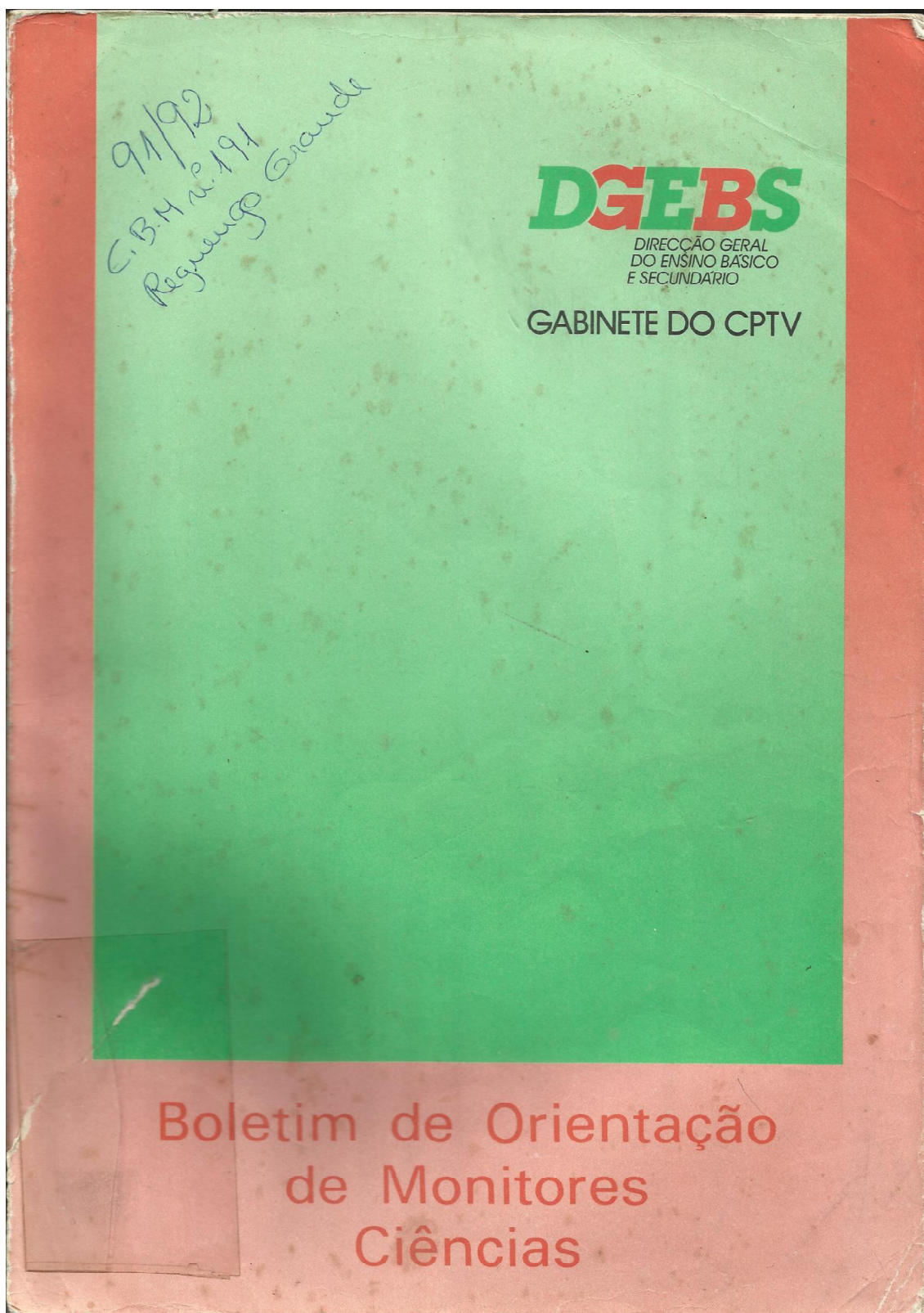
SEM TÍTULO – FOLHAS AGRAFADAS DESTINADAS À ORIENTAÇÃO DOS MONITORES – MATEMÁTICA – 6º ANO [CONSTA: TEMA DA UNIDADE, Nº LIÇÃO, CONTEÚDOS, OBJETIVOS, SUGESTÃO DE ATIVIDADES E MATERIAL] (1988/89)

1.º PERÍODO						
TEMA DA UNIDADE	N.º DA LIÇÃO		CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	SUGESTÃO DE ACTIVIDADES	MATERIAL
	88/89	89/90				
DIVISORES E MÚLTIPLOS DE UM NÚMERO	1	1 25/9	Apresentação. Considerações gerais sobre a disciplina.	— Organizar o material necessário para as aulas de Matemática.	— Organizar o material necessário para as aulas deste ano: • dossier com as folhas de trabalho do 1.º ano; • dossier com as folhas de trabalho do 2.º ano. — Indicar o material necessário a todas as aulas (lápis, borracha, régua ou esquadro e esferográfica). — Trocar impressões sobre o futuro funcionamento das aulas: • trabalho de grupo; • trabalho individual; • uso das folhas de trabalho; • aulas de avaliação.	
	2	2 26/9	O m.d.c. de dois ou mais números.	— Determinar o m.d.c. de dois ou mais números através da intersecção do conjunto dos seus divisores.	— Partindo do conjunto intersecção dos conjuntos dos divisores de dois números, introduzir a noção de: • divisor comum de dois números; • máximo divisor comum de dois números.	Folha de trabalho n.º 1.
		3 sem emissão 27/9	Revisões.	Os mesmos da lição n.º 5.		Folha de trabalho n.º 1.
	3	4 29/9	Números primos entre si. Casos particulares do m.d.c. de dois ou mais números.	— Dizer, dados dois números, se eles são ou não primos entre si. — Calcular mentalmente o m.d.c. de dois números quando: • são inteiros consecutivos; • são ímpares consecutivos; • são pares consecutivos; • um é divisor do outro.	— Através de um exemplo concreto chegar à noção de números primos entre si. — Aferir da veracidade ou falsidade de afirmações feitas aplicando a noção de números primos entre si. — Calcular o m.d.c. de dois números no caso particular de um ser divisor do outro, analisar o resultado e tirar a respectiva regra. — Propor o cálculo do m.d.c. de dois números nos outros casos particulares de modo que os alunos cheguem às respectivas regras. NOTA: Recomenda-se que nesta aula os alunos façam trabalho de grupo.	Folha de trabalho n.º 2.
	4	5 sem emissão 2/10	Revisões.	— Esclarecer dúvidas relativamente aos assuntos tratados. — Resolver exercícios sobre os conteúdos tratados.	— Com a resolução da folha de trabalho relativa a esta aula os alunos revêem os assuntos tratados; no entanto, esta folha de trabalho poderá ou não ser utilizada de acordo com o andamento da turma, conforme o professor-monitor achar conveniente.	Folha de trabalho n.º 3.

325

ANEXO 16

BOLETIM DE ORIENTAÇÃO DE MONITORES – CIÊNCIAS – GABINETE DO CPTV (1990)



5.º E 6.º ANOS

SUMÁRIO

Sumário	3
---------------	---

5.º ANO

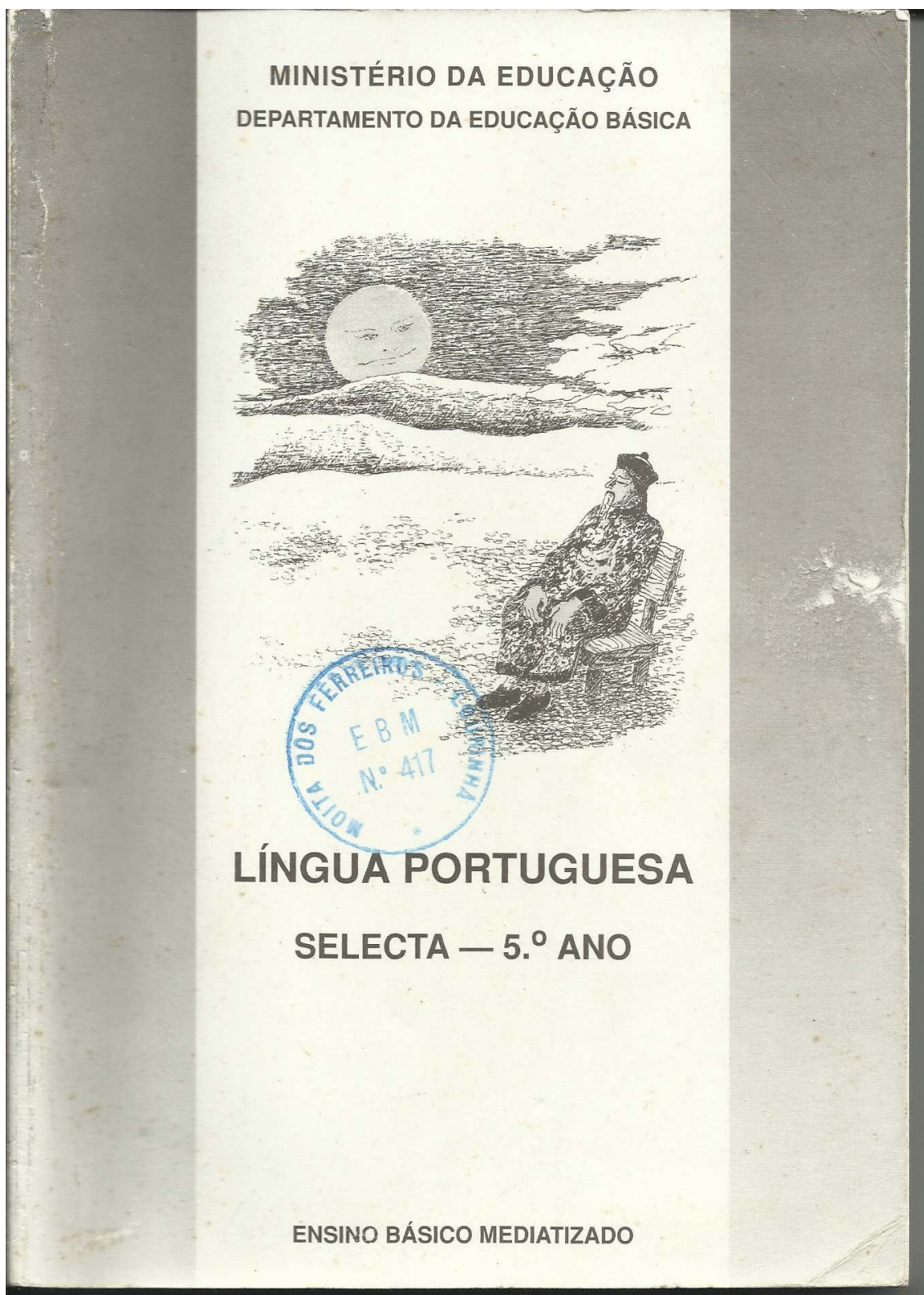
Ciências da Natureza	7
Matemática	79
Educação Visual	123
Trabalhos Manuais	155
Educação Musical	165
Educação Física	223

6.º ANO

Ciências da Natureza	261
Matemática	315
Educação Visual	359
Trabalhos Manuais	381
Educação Musical	391
Educação Física	399

ANEXO 17

MANUAL DE LÍNGUA PORTUGUESA SELECTA – 5º ANO – EBM (1993/94)



LÍNGUA PORTUGUESA

SELECTA — 5.º ANO

Seleção e organização de textos:
Equipa Pedagógica de Português
do EBM (1993/94)

Ana Maria Peres Mocho
Maria Adelaide Alves Lobato
Maria Odete Boaventura e Silva
Maria Teresa Pimentel Zilhão

Ilustração:

Fernando Oliveira

ÍNDICE

NARRATIVAS

CLÁSSICOS UNIVERSAIS

FÁBULAS de Esopo e de La Fontaine

<i>Elementos Biográficos de Esopo e de La Fontaine</i>	11
O Mentiroso e o Lobo	12
O Lobo na Pele do Cordeiro	13
A Gansa dos Ovos de Ouro	14
As Duas Rãs	14
O Leão e os Quatro Touros	15
A Mula	16
O Homem e o Leão	17
A Lebre e a Tartaruga	18
Os Ratos Reunidos em Conselho	19

CONTOS de Grimm

O Homem da Pele de Urso	23
Os Três Cabelos de Ouro do Diabo	27
Os Músicos de Bremen	31

CONTOS de Perrault

A Bela Adormecida	37
-------------------------	----

Carlo Collodi — <i>Elementos Biográficos</i>	45
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO (Cap. I a XVI, XVIII a XXII e XXXVI)	46
AS MIL E UMA NOITES	
O Pescador e o Génio	90
Os Peixes Mágicos	93
O Rei das Ilhas Negras	96

AUTORES PORTUGUESES

Aquilino Ribeiro — <i>Elementos Biográficos</i>	103
Mestre Grilo Cantava e a Giganta Dormia	105
Sophia de Mello Breyner Andresen — <i>Elementos Biográficos</i>	111
A Menina do Mar	112
A Fada Oriana (Cap. I, II e IV)	122
António Torrado — <i>Elementos Biográficos</i>	133
À Roda da Lua	134
António Sérgio — <i>Elementos Biográficos</i>	139
As Duas Bonecas	140

CONTOS TRADICIONAIS

CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

Pedro das Malas-Artes	145
As Três Fortunas do Lobo Feroz	148
A Velha e os Lobos	151
O Burro do Azeiteiro	153
A Preguiçosa	154

CONTO TRADICIONAL AFRICANO

Dia da Festa	157
--------------------	-----

CONTO TRADICIONAL CHINÊS

O Lobo e as Três Meninas	161
--------------------------------	-----

POEMAS

A NAU CATRINETA

Versão A (recolhida por Pere Ferré) 167

Almeida Garrett — *Elementos Biográficos* 169

Versão B (de Almeida Garrett) 170

Antero de Quental — *Elementos Biográficos* 171

Versão C (de Antero de Quental) 172

Versão D (recolhida por M. Giacometti e F. Lopes Graça) 173

Versão E (recriação de Vitorino e Pedro Caldeira Cabral) 175

Versão F (recriação de António Torrado) 177

Cecília Meireles — *Elementos Biográficos* 179

Uma Palmada Bem Dada 180

O Menino Azul 181

Moda da Menina Trombuda 182

As Meninas 183

Ou Isto ou Aquilo 184

Leilão de Jardim 185

Língua do Nhem 186

Eugénio de Andrade — *Elementos Biográficos* 187

Não Quero, Não 188

A Rosa e o Mar 189

Aquela Nuvem 190

Maria Alberta Menéres — *Elementos Biográficos* 191

O Prato da Menina 192

Viagem Espacial 193

O Vento 194

Matilde Rosa Araújo — *Elementos Biográficos* 195

Ladainha da Aranha 196

Vida 197

Caixinha de Música 197

Luísa Ducla Soares — Elementos Biográficos	199
Canção da Mentira	200
Entre 4 Paredes	201
O Poema em G	202
Fernando Pessoa — Elementos Biográficos	203
No Comboio Descendente	204
Liberdade	205
Toada do Ladrão de Sebastião da Gama	206
Eu Gosto Tanto... de Álvaro Magalhães	207
Xadrez de Sidónio Muralha	208
Na Minha Bicicleta de Manuel Alegre	209
Borboleta Verde de José Gomes Ferreira	210
Os Anões Invisíveis de Ricardo Alberty	211
Era uma vez um Velho (Tradicional da Ilha Terceira)	215

RECOLHAS DO PATRIMÓNIO ORAL

Cantares	219
Lengalengas	224
Rimas Infantis	227
Pregões	229
Tradições Populares	230
Provérbios	234
Trava-Línguas	236

ANEXO 18

LIVRO DO ALUNO – 5º ANO – MATEMÁTICA – EBM (1996)



MATEMÁTICA

5.º ANO

121

145

163

197

Equipa Pedagógica

Isabel Maria A. M. Castanheira

Júlia M. S. Caldeira

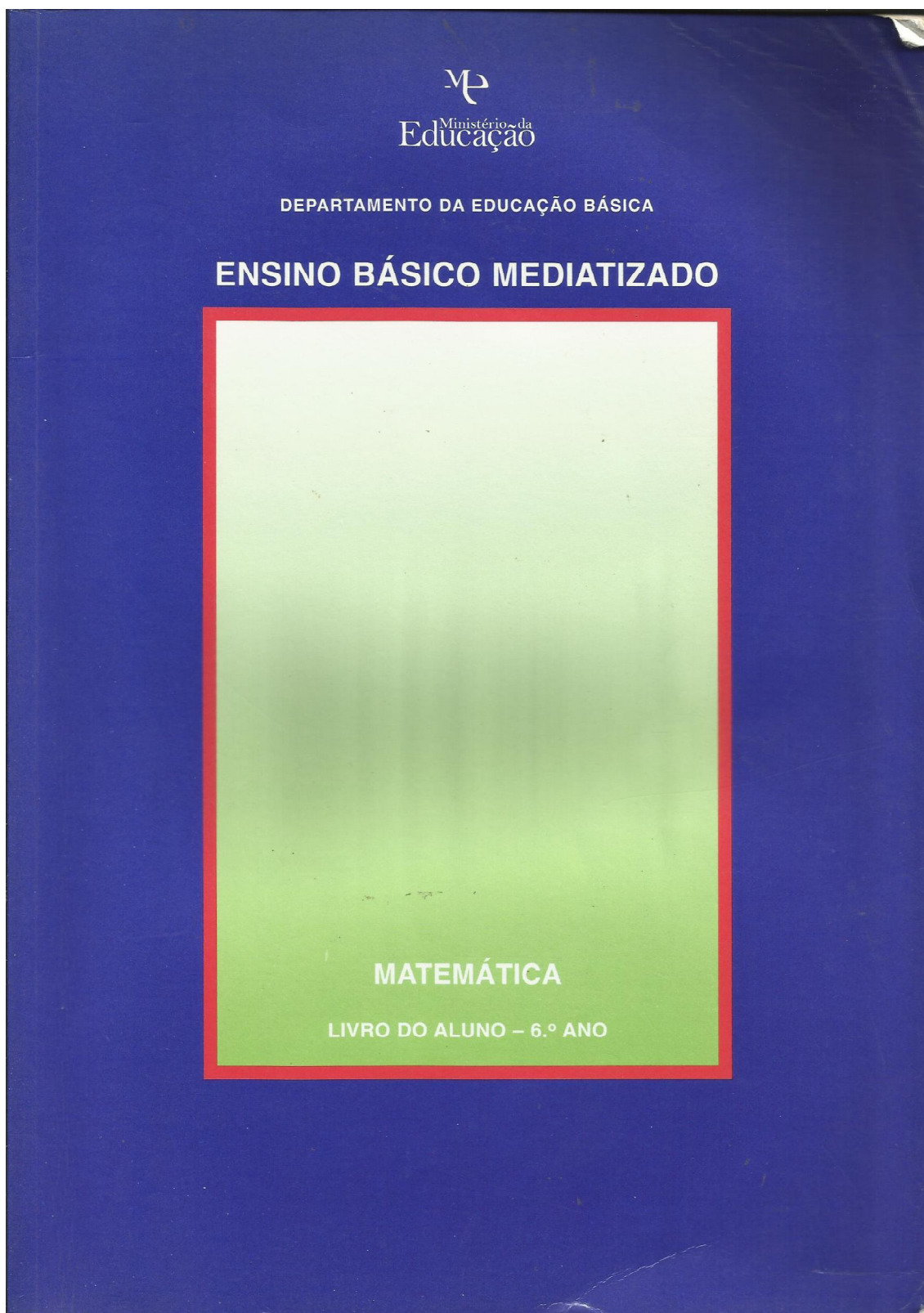
Maria Fernanda A. Lopes S. Rego

ÍNDICE

	Pág.
SÓLIDOS GEOMÉTRICOS	7
NÚMEROS INTEIROS E NÚMEROS DECIMAIS.	
ADIÇÃO E SUBTRACÇÃO.	
PERÍMETRO	29
ÁREAS.	
MULTIPLICAÇÃO	77
DIVISÃO	121
ESTATÍSTICA	145
NÚMEROS RACIONAIS	163
ÂNGULOS. TRIÂNGULOS	197
VOLUMES	225

ANEXO 19

LIVRO DO ALUNO – 6º ANO – MATEMÁTICA – EBM (2002)



MATEMÁTICA

6.º ANO

Autoras

Isabel Maria A. M. Castanheira
Júlia M. S. Caldeira
Maria Fernanda A. Lopes S. Rego

Revisto por

António Sá
Júlia Caldeira
1999/2000

ANEXO 20

LÍNGUA ESTRANGEIRA – FRANCÊS LIVRO DO ALUNO – 6º ANO – 3º PERÍODO – EBM –
(1998)



Alcides
75/96

LÍNGUA ESTRANGEIRA — FRANCÊS
6.º ANO
(3.º Período)

Equipa Pedagógica:

Maria Fernanda Braga da Cruz

Maria Paula de Melo Couto

Paula Cristina Mota

ÍNDICE

CILINDRO DE REVOLUÇÃO	
CÍRCULO	3
 OPERAÇÕES COM NÚMEROS RACIONAIS ABSOLUTOS	
• Adição e subtracção	17
• Multiplicação	
 CONSTRUÇÃO DE TRIÂNGULOS	
QUADRILÁTEROS	
SIMETRIA EM RELAÇÃO A UMA RECTA	55
 DIVISÃO	95
 PROPORCIONALIDADE DIRECTA	109
 ESTATÍSTICA	137
 ÁREAS	
VOLUMES	157
 NÚMEROS INTEIROS RELATIVOS	
ADIÇÃO E SUBTRACÇÃO	
DE NÚMEROS INTEIROS RELATIVOS	179

Executado nas Oficinas Gráficas da:



Editorial do Ministério da Educação

2002

N.º de Depósito Legal — 101 220/96

ANEXO 21

FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA – MATEMÁTICA DE 31 DE MARÇO DE 1992

D.G.E.B.S. ENSINO BÁSICO MEDIATIZADO	MATEMÁTICA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA 31 MARÇO 1992	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;"> 5º ANO </div>
Nome _____ N.º _____ EBM n.º _____ Localidade _____		
Apreciação geral _____ _____ _____ O Prof. _____		

1. Quais são os números representados por **a**, **b**, **c** e **d** no quadro seguinte?

Dividendo	Divisor	Quociente	Resto
a	6	7	5
104	b	5	4
609	5	c	d

a = _____; **b** = _____; **c** = _____; **d** = _____;

2.

2.1.

Número	Resto da divisão do n.º por 2
21	
37	
55	
488	
992	
3544	
6000	

2.2. Diz se é verdadeira ou falsa a seguinte afirmação:

«Um número é divisível por 2 quando é par» ☐

3. Numa divisão inteira o divisor é 7.

3.1. Que valores pode ter o resto?

3.2. Se o quociente for 20 e o resto 2, qual é o valor do dividendo?

4. Considera o conjunto A :

$$A = \{36, 39, 40, 44, 45, 70, 85\}$$

4.1. Representa em extensão, usando chavetas, os seguintes subconjuntos de A :

$\{\text{números divisíveis por 2}\}$

$\{\text{números divisíveis por 5}\}$

$\{\text{números divisíveis por 5 e por 10}\}$

4.2. Completa:

36 é divisível por 3 porque _____

5. Determina um número menor que 40, tal que:

- seja par
- múltiplo de 7
- dividido por 5 dá resto 3

6. Qual é o algarismo que deves escrever em vez de a para que o número representado por 378 a , seja divisível por 2 e por 10

7. Qual é o maior número que se escreve com dois algarismos e é divisível por 5?

8. Durante as férias da Páscoa os 138 alunos da escola do João foram dar um passeio. Foram transportados em autocarros de 28 lugares. Apenas um dos autocarros, o último, não ia completo.

8.1. Quantos autocarros completos foram necessários?

8.2. Quantos alunos viajaram no último autocarro?

9. Completa, substituindo cada • pelo algarismo conveniente:

$$\begin{array}{r} 17 \cdot \cdot \quad | \cdot 3 \\ \cdot 2 \cdot \quad 7 \cdot \\ \cdot 4 \end{array}$$

ANEXO 22

SUGESTÃO DE CORREÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA DE 31 DE MARÇO DE 1992

D.G.E.B.S. ENSINO BÁSICO MEDIATIZADO	MATEMÁTICA SUGESTÃO DE CORRECÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA 31 MARÇO 1992	5º ANO
---	--	-------------------------

1.
 $a = 47$; $b = 20$; $c = 121$; $d = 4$

2.
2.1.

Número	Resto da divisão do n.º por 2
21	1
37	1
55	1
488	0
992	0
3544	0
6000	0

- 2.2. ☒ V

3.
3.1. 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6
3.2. $D = d \times 9 + r$
 $D = 7 \times 20 + 2$
 $D = 142$

4.
4.1. {36, 40, 44, 70}
{40, 45, 70, 86}
{40, 70}

- 4.2. ... porque o resto da divisão de 36 por 3 é zero.

5. 28

6. $a = 0$

7. 95

8.

8.1. $138 : 28 = 4$, resto = 26

8.2. 26 alunos

9.
$$\begin{array}{r} 1739 \\ 129 \overline{) 1739} \\ \underline{129} \\ 449 \\ 438 \\ \underline{11} \end{array}$$

COTAÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

1. (4 × 3) 12 pontos

2.

2.1. (7 × 1) 7 pontos

2.2. 6 pontos

3.

3.1. 6 pontos

3.2. 6 pontos

4.

4.1. (3 × 6) 18 pontos

4.2. 6 pontos

5. 6 pontos

6. 6 pontos

7. 6 pontos

8.

8.1. 7 pontos

8.2. 7 pontos

9. 7 pontos

TOTAL 100 pontos